
BOAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA CATARINENSE

EDIÇÃO ESPECIAL

2017

**CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTA CATARINA
CREF3/SC**

BOAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA CATARINENSE

EDIÇÃO ESPECIAL

2017

CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTA CATARINA
CREF3/SC



CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CREF3 - SANTA CATARINA
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



BOAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA CATARINENSE

EDIÇÃO ESPECIAL

2017

3ª EDIÇÃO

©2017 Todos os direitos reservados CREF3/SC.

CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTA CATARINA

DIRETORIA 2015-2018

PRESIDENTE: Irineu Wolney Furtado
1ª VICE-PRESIDENTE: Delmar Alberto Tøndolo
2º VICE-PRESIDENTE: Jean Carlo Leutprecht
1º SECRETÁRIO: Marcelo Scharf
2º SECRETÁRIO: Emerson Antônio Brancher
1ª TESOUREIRO: Luiz Claudio Cardoso
2º TESOUREIRO: Nilton Furquim Júnior

COMISSÃO JULGADORA

Emerson Antônio Brancher – CREF 001925-G/SC
Maria Valéria G. Figueiredo – CREF 011608-G/SC
Marino Tessari – CREF 000007-G/SC
Nilton Furquim Junior – CREF 000680-G/SC
Patrícia Esther Fendrich Magri – CREF 001487-G/SC
Paulo Rogério Maes Junior – CREF 001385-G/SC
Sirley de Cassia Schmidt Spieker – CREF 004681-G/SC

Organização do livro: Denyse Orso Salvati

Revisão: Paula Barretto Barbosa Trivella

Capa, projeto gráfico e diagramação: Thaisi Porto da Cunha

O Projeto Boas Práticas na Educação Física Catarinense foi idealizado pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF3/SC) com o objetivo de identificar, valorizar e difundir experiências profissionais criativas, efetivas e replicáveis no âmbito da Educação Física. Cada capítulo neste livro é um relato de atividade, projeto ou programa desenvolvido em diversos âmbitos de atuação dos profissionais de Educação Física em Santa Catarina. O reconhecimento e a divulgação de experiências de sucesso valorizam a boa atuação profissional e servem de modelo para os demais.

C755b Conselho Regional de Educação Física de Santa Catarina
Boas práticas na educação física catarinense 2017/
Conselho Regional de Educação Física de Santa Catarina.
3. ed. – Florianópolis: CREF3/SC, 2017.
157 p. : il. ; 21 cm

Edição Especial.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-93126-01-7

1. Educação Física – Saúde. 2. Atividade Física – Ensino.
I. Título.

CDD: 796.098164

PREFÁCIO

Prezado(a) Profissional,

Estamos apresentando aos profissionais de Educação Física mais uma edição do livro de Boas Práticas na Educação Física Catarinense. Assim como nas edições anteriores, as experiências profissionais aqui apresentadas possuem grande relevância para que a Educação Física catarinense tenha a cada dia mais reconhecimento social. Temos certeza que nesta edição especial os relatos descritos podem ser implementados e aperfeiçoados em todas as regiões do estado.

É importante ressaltar que o CREF3/SC vem desenvolvendo várias ações que têm contribuído para a melhoria da imagem da instituição, mas, sobretudo, elas visam capacitar ainda mais os profissionais para a prestação de serviços de melhor qualidade à sociedade catarinense. Os relatos de experiências apresentados são vivências nos diferentes campos de intervenção do profissional de Educação Física. A qualidade dos artigos reflete a capacidade de nossos profissionais desenvolverem em seus locais de trabalho ações exitosas que contribuem com a produção científica e desenvolvimento da profissão. Os artigos aqui publicados foram selecionados, entre vários, e submetidos à avaliação de uma comissão especialmente criada para essa finalidade. Outro ponto importante a ser destacado é que nosso livro tem o reconhecimento da comunidade científica por meio da identificação numérica do ISBN – International Standart Book Number, sistema controlado por uma agência internacional que realiza o registro global de editores.

Nas diferentes ações que o CREF3/SC tem realizado em nosso estado, e também na preparação deste livro, queremos registrar o agradecimento aos(às) conselheiros(as), especialmente àqueles(àquelas) que contribuíram com a avaliação dos trabalhos apresentados. Muito obrigado a todos(as) por contribuírem com o engrandecimento da profissão. Tenham uma ótima leitura.

Um grande abraço a todos, contem sempre conosco.

PROF. IRINEU FURTADO
(CREF 003767-G/SC)
Presidente do CREF3/SC

SUMÁRIO

A formação do Profissional de Educação Física para atuação no SUS: PETGraduaSUS/UNIVALI	9
A relação da atividade física com o controle do peso corporal: variação do percentual de gordura entre idosos	19
Educação Física curricular nos cursos de graduação do Centro de Ciências Tecnológicas da UDESC – Joinville	27
História da humanidade e atividade física & Fases e tendências da Educação Física no Brasil: uma proposta inclusiva para a educação digital	39
Inteligências múltiplas de Howard Gardner nas aulas de Educação Física no ensino fundamental: uma investigação qualitativa	47
O esporte como instrumento de inclusão e extensão universitária	63
Portal Educação Física Joinville e região: a experiência de criação de um espaço para estudo, debate e valorização da Educação Física no meio digital	79
Práticas corporais na atenção básica: vivências de Profissionais de Educação Física inseridos na residência multiprofissional em atenção básica / saúde da família e atuando no NASF de municípios do litoral norte catarinense	87
Prevalência de comportamento de risco, hábitos alimentares e satisfação corporal dos escolares de Criciúma/SC	95
Projeto de extensão: confecção e criação de implementos alternativos no atletismo	113
Projeto Melhor Idade em Movimento	123
Recortes da dança na escola: possibilidades de intervenção pelo Profissional de Educação Física	135
Uma experiência interdisciplinar no curso de Bacharelado em Educação Física da FURB: rompendo tempos e espaços do currículo	149

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ATUAÇÃO NO SUS: PETGRADUASUS/UNIVALI

ALAN MORAES¹

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

ELAINE CRISTINA RODRIGUES FARINA

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

MARIO URIARTE NETO

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

ELEIDE APARECIDA PEREIRA FARHAT

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

SIMONE BEATRIZ PEDROSO VIANA

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

INTRODUÇÃO

O ofício dos profissionais de Educação Física foi efetivado por meio da Lei nº 9.696/98, de 1º de setembro de 1998 (BRASIL, 1998), a qual definiu um novo paradigma para essa área de conhecimento. Este momento ampliou a visibilidade social e acadêmica da profissão, bem como consagrou os seus vários campos de intervenção profissional e delegou a eles, graduados em Instituições de Ensino Superior (IES), registrados no Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e nos respectivos Conselhos Regionais (CREFs), a prerrogativa de ministrar e/ou orientar atividades físicas e esportivas (MARTINS; BARROS; TESSARI, 2005).

Apesar de o advento da lei supracitada ter ocorrido apenas em 1998, desde 6 de março de 1997 a Resolução nº 218 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1997, grifos nossos) concebeu a saúde como direito de todos:

- A 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) que concebeu saúde como “*direito de todos e dever do Estado*” e ampliou a compreensão da relação saúde/doença como decorrência de vida e trabalho, bem como do acesso igualitário de todos aos serviços de promoção e recuperação da saúde, colando como uma das questões fundamentais a **integralidade da atenção à saúde e a participação social**;

¹CREF 004685-G/SC. E-mail: moraes@univali.br. Profissional de Educação Física, Doutor em Ciências do Movimento Humano – UDESC, Professor dos cursos de Educação Física e Medicina – UNIVALI.

- A 10ª CNS reafirmou a necessidade de consolidar o Sistema Único de Saúde (SUS), com todos os seus princípios e objetivos;
- A importância da ação interdisciplinar no âmbito da saúde; e
- O reconhecimento da imprescindibilidade das ações realizadas pelos diferentes profissionais de nível superior constitui um avanço no que tange à concepção de saúde e a à integralidade da atenção.

O CNS resolveu, então, reconhecer como profissionais de saúde de nível superior 13 categorias (assistentes sociais; biólogos; profissionais de Educação Física; enfermeiros; farmacêuticos; fisioterapeutas; fonoaudiólogos; médicos; médicos veterinários; nutricionistas; odontólogos; psicólogos; terapeutas ocupacionais), destacando-se, entre eles, os profissionais de Educação Física.

Segundo Martins; Barros; Tessari (2005), a consolidação da profissão de Educação Física na área da saúde é um fato que, entre outros aspectos, sinaliza para uma concepção moderna e plural de saúde, em que a preocupação com a promoção da saúde avança sobre a perspectiva da cura pura e simples de diferentes males. Verificou-se, também, o reconhecimento social e o consequente enquadramento dessa profissão em outra área para além da escolar.

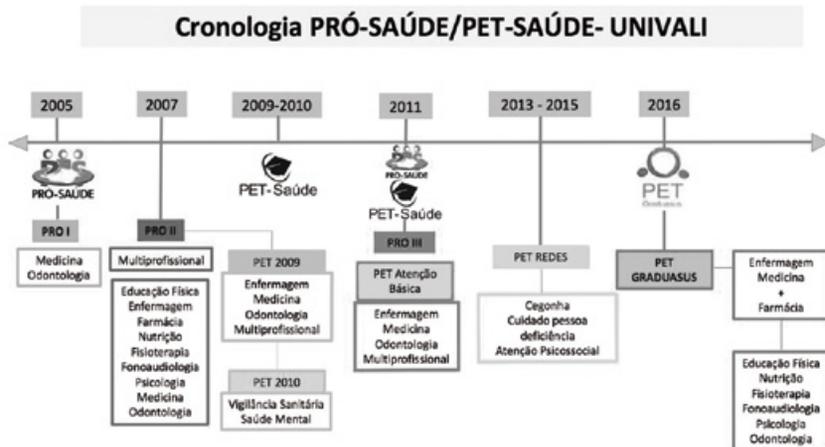
Mas, apesar de essa mudança de paradigma ter sido anunciada, a formação do profissional de Educação Física para atuar no sistema de saúde brasileiro se apresenta, muitas vezes, de forma complexa e paradoxal. A maioria das IES forma bacharéis em Educação Física com amplo conhecimento voltado para as alterações fisiológicas, decorrentes da prática de exercícios físicos/atividades físicas para desempenhar suas funções junto ao setor de saúde (BENEDETTI et al., 2014), com um olhar predominantemente biológico.

De encontro à realidade presente, a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), com o intuito de uma reorientação da formação profissional, tem participado de diversos editais interministeriais promovidos pelo Governo Federal – os quais são focados na implementação de políticas nacionais de saúde, cujos objetivos são fomentar a integração ensino-serviço e voltados para a saúde em um contexto de integralidade, consequentemente, induzir mudanças nos currículos da graduação alinhadas às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).

A Figura 1 a seguir apresenta a cronologia dos esforços impetrados pela UNIVALI, demonstrando um consistente esforço institucional para substituir o modelo tradicional de formação, que tem por base a organização

do cuidado em saúde, com foco central na doença e no atendimento hospitalar, para uma abordagem pedagógica que considere a integralidade do processo saúde-doença e que esteja comprometida com os princípios e as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Figura 1: Cronologia PRÓ-SAÚDE/PET-SAÚDE – UNIVALI.



Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Cabe salientar que, nesse processo, o curso de Educação Física foi inserido em 2007, momento em que o Governo Federal permitiu a participação das demais áreas do conhecimento nos editais de fomento. Apesar das inúmeras ações e iniciativas produzidas no curso, ao longo do tempo, para reorientação da formação do profissional de Educação Física, foi no Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET-Saúde) que se encontrou forças para efetivar as mudanças necessárias. O PETGraduaSUS/UNIVALI, que teve sua implantação efetiva em 2016, recebe financiamento da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, do Ministério da Saúde, com apoio da própria UNIVALI e da Secretaria Municipal de Saúde de Itajaí. Conta ainda com estrutura tutorial e de preceptoria, em um envolvimento contínuo entre ensino e serviço, a fim de oportunizar a inserção dos acadêmicos da área da saúde na interdisciplinaridade e no contexto da saúde pública.

Vale evidenciar que o edital do Governo Federal subsidia os custos para apenas três cursos (Enfermagem, Medicina e Farmácia), e para os outros

seis (Educação Física, Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia e Odontologia) os custos são absorvidos pela UNIVALI, por identificar a necessidade dessas áreas nessa mudança de paradigma.

A justificativa deste estudo está baseada na inovação da proposta, a qual consiste na incorporação de conteúdos integradores específicos sobre saúde, atenção primária e SUS nas ementas das disciplinas das quatro primeiras fases do curso de Educação Física da UNIVALI, bem como a promoção da inserção do acadêmico na rede pública de saúde, via trabalho em equipes multiprofissionais, propiciando a interação dele com outros cursos da área da saúde, o que fortalece e aprimora o olhar da integralidade, proporcionando a integração ensino-serviço e comunidade.

Já o seu objetivo é apresentar a experiência de implantação de uma proposta diferenciada de formação/construção do profissional de Educação Física para atuação no SUS.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Em um primeiro momento, foi escolhida uma disciplina de cada um dos quatro primeiros períodos do curso de Educação Física e sugeridas inclusões de conteúdos específicos nas suas ementas, a fim de uma adequação ao modelo proposto, dando, assim, suporte teórico à prática que se desejava desenvolver.

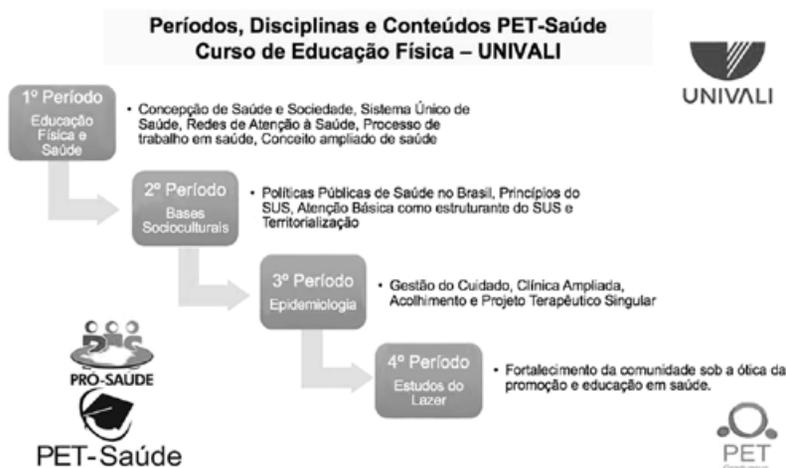
Para a escolha destas disciplinas, foi fundamental a participação dos professores que compõem o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e o colegiado do curso, visto que foi necessário realizar uma mudança na ementa das disciplinas, a fim de contemplar os temas integradores a serem trabalhados teoricamente.

As atividades de cunho teórico são realizadas em sala de aula pelo professor responsável pela disciplina, já as inserções práticas ocorrem duas vezes durante cada período e são essencialmente multidisciplinares e pré-agendadas em conjunto com os outros cursos da área da saúde da UNIVALI (os quais se encontram no mesmo processo de trabalho).

A imagem-objetivo que se buscou alcançar prevê mudança no projeto pedagógico do curso, com foco nas (DCNs), cuja gênese consiste na discussão sobre o processo saúde-doença por uma ótica da determinação social.

A Figura 2 apresenta o que foi desenvolvido e o que está em implantação.

Figura 2: Períodos, disciplinas e conteúdos PET-Saúde Curso de Educação Física – UNIVALI.



Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

No primeiro período, busca-se compreender o processo de adoecimento e morte como resultado de múltiplas determinações e mantenedora de uma relação direta com o social das comunidades. Nesse entendimento, pretende-se reconhecer o processo de construção social da saúde e o fortalecimento da autonomia das populações em relação à sua própria saúde. Aqui os acadêmicos visitam uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e têm o primeiro contato com as equipes de trabalho multidisciplinares e com os colegas de outros cursos da UNIVALI.

No segundo período, a imagem-objetivo consiste em aproximar os acadêmicos ainda mais da atenção básica, via Estratégia da Saúde da Família (ESF), e pelo reconhecimento das redes de apoio. Por meio de visitas domiciliares e acolhimento, os estudantes reconhecem a singularidade e as necessidades familiares em função do contexto socioeconômico e cultural com enfoque na determinação social, na busca de agregar novos conceitos e sedimentar os já trabalhados, bem como entender a importância de criar vínculos com a comunidade de forma que compreendam o sujeito enquanto protagonista no seu processo de saúde-doença. As inserções na comunidade ocorrem em visitas domiciliares às famílias previamente selecionadas pelo serviço de saúde.

No terceiro período, a intenção é que os acadêmicos se apropriem dos conceitos de acolhimento e do Projeto Terapêutico Singular (PTS), pois

durante as atividades práticas os grupos multidisciplinares acompanham as atividades de acolhimento realizada nas UBS, conhecem as famílias, realizam estudo dos prontuários, coletam informações pertinentes às condições de saúde, com o intuito de fazer um planejamento de ações para intervenção multiprofissional, por meio da elaboração de um PTS, a partir da realidade observada.

No quarto período, espera-se que os conteúdos fomentem o debate sobre o acolhimento (política de humanização), promoção em saúde, processo comunicativo, liderança e gerenciamento. A proposta fundamenta-se no levantamento das necessidades da comunidade e na formulação de projetos ou planos de intervenção que levem ao empoderamento e fortalecimento do capital social.

O desenho do projeto, portanto, articula atividades em sala de aula, realizadas pelos professores, preparação e organização dos acadêmicos para as vivências, priorizando a formação de equipes multidisciplinares, seguida das inserções nos cenários de prática, mediadas pelos profissionais do serviço (denominados de preceptores). Cada turma/período realiza duas inserções ao longo do semestre, com intervalo adequado às ações previstas para cada momento da formação.

RESULTADOS JÁ ALCANÇADOS

Apesar da recente implantação do projeto (2016.1), consideram-se significativos os resultados já alcançados, afinal, nesse pouco tempo, houve mudanças nas ementas das disciplinas integradoras, iniciativas de integração horizontal e vertical das disciplinas PET com as demais disciplinas nos cursos, discussões sobre a necessidade de mudanças da matriz curricular do curso, a fim de reorganizar os processos de formação a partir da realidade local, tendo como referência as DCNs, e os princípios do SUS, além da aquisição de habilidades para o trabalho multiprofissional.

O uso das metodologias ativas e problematizadoras tem favorecido a formação de profissionais críticos e comprometidos com a sociedade, especialmente porque isso advém da realidade concreta (PRADO et al., 2012; XAVIER et al., 2014).

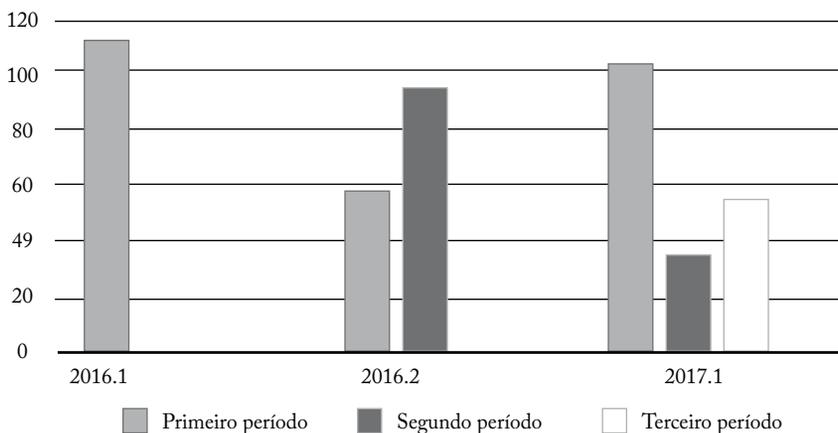
Das inserções, são produzidos registros sob a forma de relatórios, relatos de experiência e resumos científicos que são socializados em eventos locais, regionais e nacionais, assim como amplamente debatidos em sala de aula.

O processo vem se consolidando, a partir da análise reflexiva realizada pelos acadêmicos, nas mais diversas formas de expressão e que, ao voltar para a sala de aula, retroalimenta o processo de ensino-aprendizagem, sensibilizado pela realidade local, em uma troca recíproca de experiências.

Além do monitoramento contínuo de todo o processo, são realizadas periodicamente reuniões de avaliação com todos os participantes do projeto, sempre pautadas na relação dialógica. Para tanto, tutores, preceptores, professores, acadêmicos e demais colaboradores se reúnem em fóruns e seminários para compartilhar as experiências e apontar readequações necessárias, além da valorização do discurso de todos os envolvidos nestes momentos de comunhão.

Cabe salientar que a implantação está acontecendo de maneira gradativa, iniciando em 2016.1 (no primeiro período da graduação); em 2016.2, houve a segunda turma do primeiro período sendo atendida e mais a primeira turma do segundo período; em 2017.1, a terceira turma do primeiro período, a segunda turma do segundo período e a primeira turma do terceiro período foram atendidas. Os números estão apresentados no gráfico 1.

Gráfico 1: Acadêmicos participantes no PETGrduaSUS/UNIVALI.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Em função da oscilação de matrículas e pelo ingresso diferenciado no segundo semestre letivo, o número de atendidos é variável, mas, até o momento, já participaram diretamente das atividades do Programa PETGrduaSUS/UNIVALI 276 acadêmicos, totalizando 463 participações, pois

alguns já efetuaram até a terceira inserção. A quarta inserção ocorrerá em 2017.2. Essa é uma política contínua da UNIVALI: mesmo com o encerramento do período do edital, a universidade, por meio de seus gestores, se compromete em manter esse modelo em funcionamento.

BARREIRAS E FACILITADORES PARA REPLICAÇÃO DO MODELO

Qualquer modificação no processo de formação acadêmica gera dificuldade. Aqui não seria diferente e, dentre elas, podem ser citadas: a inexistência de referenciais, ou seja, a ausência de publicações ou de experiências similares que pudessem ser tomadas como exemplo; o volume de pessoas inseridas na atividade, seja pela ocupação e condições dos espaços físicos existentes, seja pela participação dos recursos humanos; o financiamento para o desenvolvimento da experiência também é insuficiente, dada a quantidade de acadêmicos envolvidos.

Há, porém, um anseio superior em originar mudanças necessárias na reorientação da formação do profissional de Educação Física, fruto de trabalhos desenvolvidos por muitas pessoas e a muitas mãos, o que faz com que as dificuldades passem a ser oportunidades. Neste sentido, destacam-se: a gestão compartilhada entre ensino e serviço; o comprometimento dos atores envolvidos, compreendendo a importância do projeto; o compromisso legal do SUS na ordenação de recursos humanos.

Salienta-se que a sensibilização dos docentes, quanto à importância da diversificação dos cenários de prática na formação dos futuros profissionais, foi fundamental e, acima de tudo, o compromisso que eles tiveram e têm com a proposta está sendo fundamental para o bom andamento do processo. Isso vale também para o entendimento dos profissionais da Secretaria Municipal de Saúde de Itajaí, quanto à importância da integração ensino-serviço para a melhoria da qualidade do serviço, e o planejamento coletivo em todas as etapas da experiência. Também é importante dizer sobre a organização e o trabalho coesos da equipe tutorial, que são, entre outros, legados dos quais certamente serão deixados para os que virão.

O apoio da universidade, reitoria e direção do Centro de Ciências da Saúde (CCS), incluindo no seu plano de desenvolvimento institucional a realização da proposta e a integração ensino-serviço por meio do diálogo e corresponsabilização da rede assumindo a coordenação do projeto, são também facilitadores desse procedimento.

Destacam-se a disponibilidade e o envolvimento dos preceptores identificados com os objetivos do projeto, tornando-os verdadeiros agentes facilitadores dessa fase de mudança. São, portanto, muitas lições e muitos valores aprendidos nessa experiência, a qual pode servir para outras instituições, pois, afinal, a UNIVALI está sendo pioneira e certamente essas modificações estão sendo necessárias em outros lugares que podem utilizar esse modelo e promover suas melhorias.

O modelo apresentado está em fase final de implantação na UNIVALI e, com resultados positivos, é plausível e tem se mostrado estável, podendo ser replicado em outras instituições de ensino (e isso já vem acontecendo: ele está sendo analisado e adaptado por outra grande instituição de ensino catarinense). A instituição se coloca à disposição para apresentar a proposta para quem mais tiver interesse em conhecê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profissional de Educação Física, com atuação na área da saúde, deve extrapolar o ambiente de academias e clínicas particulares, passando também a ocupar o seu espaço no SUS, mas promovendo uma ocupação competente, comprometida com um modelo de saúde integral, fortalecida com fundamentos teóricos, e, sobretudo, com uma base prática/experimental que deve ser promovida durante a sua formação/construção acadêmica.

A UNIVALI, por meio do CCS e do curso de Educação Física, se coloca como responsável nesse processo desde 2007 e vem intensificando as suas ações no decorrer dos últimos anos. Acredita-se que a ousadia do projeto e o desafio de mobilizar novos olhares para a construção do SUS trarão, em breve, benefícios para a população, a partir da transformação da práxis profissional, considerando o investimento pedagógico na origem da formação dos profissionais de Educação Física com um olhar diferenciado para a saúde como um compromisso com o futuro.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, T. R. B. et al. (Orgs.). *A formação do profissional de Educação Física para o setor saúde*. Florianópolis: Postmix, 2014.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 9.696*,

de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília: Diário Oficial da União, 2 de setembro de 1998.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). *Resolução nº 218, de 6 de março de 1997*. Disponível em: <conselho.saude.gov.br/resolucoes/1997/Reso218.doc>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MARTINS, I. M. L.; BARROS, J. M. de C.; TESSARI, M. Formação superior em Educação Física: considerações à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais e do Documento de Intervenção da CONFEF. *Revista E.F.*, Rio de Janeiro, ano V, n. 15, p. 22-24, mar. 2005. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2005/N15_MAR%C3%87O/13_FORMACAO_SUPERIOR_EM_EF.PDF>. Acesso em: 17 jun. 2017.

PRADO, M. L. et al. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. *Esc. Anna Nery* (impr.), n. 16, p. 172-177, 2012.

XAVIER, L. N. et al. Analisando as metodologias ativas na formação dos profissionais de saúde: uma revisão integrativa. *SANARE*, Sobral, v. 13, n. 1, p. 76-83, 2014.

A RELAÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA COM O CONTROLE DO PESO CORPORAL: VARIAÇÃO DO PERCENTUAL DE GORDURA ENTRE IDOSOS

JULIO CESAR NASÁRIO¹

Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

ROSIMERI GEREMIAS FARIAS

Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

FERNANDO DUMES

Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

TIAGO JACINTO

Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

GISELE ELOÁ NEVES

Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

INTRODUÇÃO

Para Valcarenghi et al. (2015), envelhecer é uma evolução natural, que compreende uma etapa da vida, com modificações físicas, psicológicas e sociais, acometendo a cada um que vivenciou as etapas anteriores.

Este é um processo natural de perda progressiva da reserva funcional do ser humano. Quando as células envelhecem naturalmente, isso não apresenta nenhum problema, porém, a partir do momento que existe uma sobrecarga, isso pode gerar uma situação patológica e é necessária uma intervenção clínica. Não esquecendo que o processo do envelhecimento celular pode ser retardado, quando se adota um estilo de vida ativo (BRASIL, 2006a).

Estudos estimam que no ano de 2050 cerca de dois bilhões de pessoas terão mais de 60 anos no mundo e a sua grande maioria estará vivendo em países em desenvolvimento (BRASIL, 2006b).

A longevidade é um fenômeno mundial e, junto a ela, eventos incapacitantes vão surgindo, gerando comprometimento ao idoso, à sua família e à comunidade (BRITO et al., 2013; FERREIRA et al., 2012).

A diminuição da massa muscular e da força, especialmente dos membros inferiores, ocorrem com maior rapidez após os 65 anos – expressando

¹julio@unidavi.edu.br

perda de 5% da massa muscular a cada década (PEREIRA; CEOLIM; NERI, 2013; PRIOR, 2015).

A sarcopenia, definida como a redução da massa muscular esquelética, é altamente prevalente entre idosos, o que favorece as quedas, as fraturas, a incapacidade, a dependência e até mesmo a morte (SILVA et al., 2006).

O avanço da idade também favorece o acúmulo de gordura corporal total e, em contrapartida, observa-se o declínio da gordura subcutânea (RECH et al., 2010).

Segundo Silva et al. (2006, p. 394), “a inatividade física é um fator contributivo importante para a sarcopenia relacionada ao envelhecimento”. Desse modo, a atividade física regular consiste em uma modalidade de prevenção e recuperação da sarcopenia, especialmente por meio de exercícios resistidos.

Com ações integradas de saúde, torna-se possível amenizar os danos associados ao envelhecimento. Para tanto, existe a necessidade da elaboração de estratégias que visem um melhor atendimento às dificuldades oriundas desse processo (BRITO et al., 2013; FERREIRA et al., 2012).

A educação em saúde representa uma alternativa para contribuir com a promoção e proteção da saúde do idoso. A prática de exercícios físicos nesta faixa etária contribui para aumentar a qualidade de vida, ao melhorar a capacidade fisiológica, prevenir o declínio cognitivo, além de melhorar a autoestima (CIVINSKI; MONTIBELLER; BRAZ, 2011).

Vários problemas podem ser identificados precocemente quando se realizam ações educativas. A atenção ao idoso deve sempre se basear na melhoria da qualidade de vida, buscando a autonomia e a independência dessas pessoas (FERREIRA et al., 2012).

Considerando que a atividade física deve ser incentivada, com o objetivo da melhoria nas condições de saúde e na qualidade de vida, é importante saber: qual é a contribuição da prática de atividade física programada para a prevenção da sarcopenia e a redução no percentual de gordura corporal entre os idosos? Para tanto, o presente estudo buscou avaliar a contribuição da atividade física para a saúde e qualidade de vida dessas pessoas, além de monitorar seus indicadores de saúde por meio da aplicação da antropometria – a qual é baseada no cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC), dos perímetros corporais e da espessura das dobras cutâneas. Isso além de promover, por meio da atividade física regular, o controle de peso com a queima de gordura corporal e o aumento da massa muscular.

Trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem quantitativa, do tipo exploratório e descritivo integrante do projeto de pesquisa Atividade Física e Qualidade de Vida do Idoso, desenvolvido por docentes e discentes dos cursos de graduação em Educação Física e Enfermagem da Universidade do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI).

O estudo foi realizado com um grupo organizado de idosos a partir daqueles que frequentam os Grupos de Convivência para Idosos vinculados à Secretaria de Assistência Social de Rio do Sul, no estado de Santa Catarina.

A amostra compõe-se de homens e mulheres com idade entre 60 e 74 anos, que participaram de atividades físicas programadas, duas vezes por semana, no período de maio a dezembro de 2016. Foi considerado como critério de inclusão homens e mulheres que aceitaram de livre e espontânea vontade participar da pesquisa, que estavam frequentando as atividades do grupo constituído para o estudo, devendo participar das atividades físicas propostas, com a possibilidade de duas faltas em semanas consecutivas ou três faltas em semanas alternadas no período programado entre as coletas de dados. Foram excluídos os indivíduos que participaram das atividades propostas em apenas um dos dias da semana ou que ultrapassaram o limite de faltas determinado neste estudo.

As atividades físicas foram realizadas uma vez por semana na academia da UNIDAVI, com a programação de exercícios de musculação e alongamentos uma vez por semana e exercícios aeróbicos, priorizando-se a caminhada ao ar livre uma vez por semana. Alguns idosos, além dessas atividades, participam de atividades físicas diversas no local de encontro regular do grupo de idosos nos bairros onde residem. As coletas de dados aconteceram em dias previamente programados e antes da realização da atividade física. Eles foram orientados quanto a hábitos de vida saudável, especialmente os cuidados com a alimentação.

Os dados foram tratados e agrupados segundo as variáveis do estudo e posteriormente organizados em forma de banco de dados em planilha específica no programa *Microsoft Excel 2013*. Foram realizadas análises descritivas dos dados, a partir da apuração de frequências simples e cruzadas, tanto em termos absolutos quanto em percentuais, e os resultados organizados em tabelas.

O estudo atende aos preceitos éticos da Resolução CNS 466/2012, sendo submetido à apreciação e liberação pelo Comitê de Ética da UNIDAVI, sob parecer nº 1011/2013.

Organizou-se um grupo de idosos com 25 pessoas dispostas a frequentar as atividades físicas programadas pelos pesquisadores e participar da avaliação para a coleta de dados deste estudo. Considerando-se os critérios de inclusão, foram considerados 15 idosos para a composição da amostra. Permitiu-se que os demais seguissem participando das atividades físicas, conforme sua disponibilidade, mas sem colaborar com a amostra do estudo.

Faz-se necessário destacar a possibilidade de viés do estudo quando alguns participantes têm uma rotina de exercícios e atividades físicas diferenciadas daquelas propostas aqui, ampliando a frequência semanal em atividades físicas.

Dentre os componentes da amostra, 13 eram do sexo feminino e dois do masculino, com média de idade de 65,9 anos.

Os dados antropométricos foram discutidos com base na avaliação do peso corporal, da estatura e da medida das dobras cutâneas. A utilização desse indicador, segundo dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), traz como vantagens o fato de ser de baixo custo, não invasivo, de fácil utilização pelos serviços, além de ser aplicável a todas as idades.

As dobras cutâneas apresentam-se como uma forma indireta de mensuração da adiposidade corporal, estabelecendo-se uma relação entre ela e os pontos anatômicos pinçados (PETROSKI, 2003).

Para verificação das medidas, utilizou-se um adipômetro. Esse equipamento, segundo Petroski (2003), tem por objetivo medir a espessura do tecido adiposo em determinados pontos da superfície do organismo.

Deve-se considerar que, conforme citado por Rech et al. (2010), existem vários métodos para verificação do percentual de gordura corporal entre idosos. A escolha do adipômetro se deu pela facilidade de aplicação da técnica e pelo baixo custo dos materiais necessários, quando comparados a outras metodologias.

Na Tabela 1 que se segue, são apresentados os dados relacionados ao peso, à estatura e ao % de gordura corporal dos idosos, na primeira coleta de dados (antes do início das atividades físicas), e na terceira coleta de dados (seis meses após o início da programação de atividades físicas).

Tabela 1: Perfil antropométrico dos idosos (2016).

Variáveis	1ª coleta de dados		3ª coleta de dados	
	Média		Média	
Peso	66,06		66,62	
Estatura	1,60		1,60	
% de gordura corporal	25,22%		19,68%	

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

É possível considerar que a atividade física programada contribuiu diretamente na redução do percentual de gordura corporal. Em estudos anteriores realizados por esse grupo de pesquisa, verificou-se que alguns idosos apresentavam redução no peso corporal, mas que 35,29% dos participantes do grupo de atividades apresentavam manutenção ou aumento do peso corporal. Entretanto, naquele momento, não havia dados suficientes para a avaliação do percentual de gordura.

No estudo atual, verificou-se que 53,33% dos idosos aumentaram ou mantiveram o peso corporal, contudo em 100% dos idosos avaliados ocorreu redução no percentual de gordura corporal.

Para Rech et al. (2010), a avaliação do percentual de gordura corporal em idosos é um fator significativo para a análise dos seus estados de saúde, já que está bem estabelecida a associação entre gordura corporal e mortalidade.

Considerando-se números absolutos, constatou-se que, em média, os idosos perderam 3.300 gramas de gordura e aumentaram a massa muscular em 5.330 gramas.

Ao analisar as variáveis peso e % de gordura, associando-se ao sexo, não foram evidenciadas alterações significativas entre homens e mulheres. Os dados são apresentados na Tabela 2 que se segue.

Tabela 2: Perfil antropométrico, segundo o sexo (2016).

Variáveis	1ª coleta de dados		3ª coleta de dados	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Peso	74,10	64,27	74,95	64,77
Estatura	1,67	1,59	1,67	1,59
% de gordura corporal	19,26%	26,54%	14,52	20,84%

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Destaca-se que, conforme Silva et al. (2006), nos homens existe uma relação entre a queda da testosterona e do declínio da força e da massa muscular. Nas mulheres, a diminuição do estrogênio, associada à menopausa, exerce efeitos anabólicos sobre os músculos. Assim, entende-se que os hormônios sexuais têm influência direta na condição da musculatura do idoso.

O aumento da massa muscular, aliado à prática de exercícios físicos, pode estar diretamente relacionado ao aumento da força muscular. Essa condição implica ganhos na autonomia dos idosos. Silva et al. (2006, p. 394) destacam que “a habilidade para desempenhar atividades da vida diária, a massa e a força muscular são bastante relacionadas entre si”.

No intuito de favorecer a melhor qualidade de vida dos idosos e retardar o impacto do processo de envelhecimento, é fundamental que eles ganhem massa muscular. Exercícios físicos resistidos, aliados à suplementação nutricional, contribuem significativamente no ganho da massa muscular e, conseqüentemente, da força muscular, com melhora no padrão da marcha, da velocidade e da atividade física espontânea (SILVA et al., 2006).

Nahas (2010) destaca que a atividade física não precisa ser de modo intenso: pode ser moderada, sendo aumentada aos poucos e respeitando os limites de cada pessoa. Os benefícios são muitos e o fato de passar de sedentário para moderadamente ativo já traz grandes ganhos na qualidade de vida das pessoas.

A qualidade de vida da pessoa idosa está ligada à sua capacidade de ter autonomia e de poder se virar sozinha. A prática de atividade física ajuda neste momento, pois estimula a manutenção e a recuperação das funções vitais, trazendo mais bem-estar físico e psicológico na vida deste idoso (RACHADEL et al., 2015).

CONCLUSÃO

Envelhecer com saúde e qualidade de vida é um desafio para a população em geral. Os profissionais de saúde devem estar preparados para contribuir com o processo de envelhecimento.

Uma das fragilidades que se apresenta com o envelhecer é a sarcopenia e, em consequência, as dificuldades na marcha, o aumento na ocorrência de quedas, a falta de agilidade e respostas para a execução de atividades da vida diária.

Ao participar de uma rotina de exercícios, o idoso agrega benefícios sociais,

emocionais e físicos. Os benefícios sociais e emocionais apresentam-se com evidências de interação social, aumento da autoestima e do bem-estar geral. Destacam-se, enquanto benefícios físicos, a diminuição da gordura corporal e a consequente diminuição dos fatores de risco para doenças cardiovasculares, entre outras, além do ganho de massa muscular, que age na prevenção e recuperação da sarcopenia.

Com a rotina pautada em alongamentos, exercícios resistidos e aeróbicos, oportunizou-se aos idosos o aumento da flexibilidade, da força muscular e da capacidade cardiopulmonar.

Esse estudo apresenta fragilidades para a generalização de seus resultados devido ao número reduzido de sujeitos. Contudo direciona para a necessidade de se ampliar a oferta de serviços e estimular a adesão de um maior número de idosos a esse tipo de proposta.

Entende-se que as mídias e as entidades governamentais e não governamentais deveriam difundir os benefícios da atividade física, além de promover ações que oportunizem o acesso de toda a população à prática regular e supervisionada de exercícios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2006a.

_____. *Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento*. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2006b.

BRITO, T. A. et al. Quedas e capacidade funcional em idosos longevos residentes em comunidade. *Revista Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 43-51, jan.-mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_06.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.

CIVINSKI, C.; MONTIBELLER, A.; BRAZ, A. L. de O. A importância do exercício físico no envelhecimento. *Revista da Unifebe* (online), Brusque, v. 1, n. 9, p. 163-175, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/68/57>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

FERREIRA, O. G. L. et al. Envelhecimento ativo e a sua relação com a

independência funcional. *Revista Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 513-518, jul.-set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n3/v21n3a04.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 5. ed. Londrina: Midiograf, 2010.

PEREIRA, A. A; CEOLIM, M. F.; NERI, A. L. Associação entre sintomas de insônia, cochilo diurno e quedas em idosos da comunidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 535-546, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n3/a11v29n3.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

PETROSKI, E. L. (Ed.). *Antropometria: técnicas e padronizações*. 2. ed. Porto Alegre: Palloti, 2003.

RACHADEL, T. F. et al. Institucionalização e atividade física em idosos e suas relações com medo de cair e qualidade de vida. *Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-7, ago. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/scientiamedica/article/view/20184/13360>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

RECH, C. R. et al. Validade de equações antropométricas para a estimativa da gordura corporal em idosos do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 1-7, jan.-fev. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v12n1/a01v12n1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

SILVA, T. A. de A. et al. Sarcopenia associada ao envelhecimento: aspectos etiológicos e opções terapêuticas. *Revista Brasileira de Reumatologia*, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 391-397, nov.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbr/v46n6/06.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

VALCARENCHI, R. V. et al. Produção científica da Enfermagem sobre promoção de saúde, condição crônica e envelhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 68, n. 4, p. 705-712, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n4/0034-7167-reben-68-04-0705.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

EDUCAÇÃO FÍSICA CURRICULAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS DA UDESC – JOINVILLE

CARLA WERLANG-COELHO¹

Centro de Ciências Tecnológicas (CCT)
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc - Joinville)

FÁBIO HECH DOMINSKI

Centro de Ciências Tecnológicas (CCT)
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc - Joinville)

DEISE CRISTIANE MOSER

Centro de Ciências Tecnológicas (CCT)
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc - Joinville)

INTRODUÇÃO

A Educação Física Curricular (EFC) se caracteriza como sendo um conjunto obrigatório de disciplinas de caráter teórico-prático que esteve presente em todos os currículos dos cursos de Graduação das universidades públicas no Brasil até o ano de 1996. Com a Lei nº 9.394/96, ficou disposto que ela não é mais obrigatória na Graduação (BRASIL, 1996; 1997). Assim, os cursos que desejarem oferecer tal disciplina nos seus currículos devem contemplar a sua oferta nos seus projetos pedagógicos (PPs).

Atualmente, o Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), localizado na cidade de Joinville, conta com nove cursos de Graduação, nos quais dois (Engenharia Mecânica e Licenciatura em Química) mantêm nos seus PPs a disciplina de EFC, e os sete restantes (Ciência da Computação, Engenharias Civil, Elétrica, de Produção, Licenciatura em Física, em Matemática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas) oferecem a possibilidade dos alunos a cursarem e validá-la como créditos para atividades complementares – sendo dividida em EFC-I e EFC-II.

¹Endereço para correspondência: Carla Werlang-Coelho. Centro de Ciências Tecnológicas (CCT), Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Rua Paulo Malschitzki, 200 - Campus Universitário Prof. Avelino Marcante - Bairro Zona Industrial Norte - Joinville - SC - Brasil - CEP 89219-710 - Fone: (47) 3481-7959 - E-mail: carla.coelho@udesc.br

A ementa da EFC-I contempla aspectos relacionados ao estilo de vida e os fundamentos da aptidão física relacionada à saúde; o conhecimento do corpo articulado à totalidade do processo social; o lazer ativo e socialização por meio da prática do esporte para um estilo de vida ativo. Já a ementa da EFC-II está relacionada aos princípios básicos do condicionamento físico; o planejamento em atividade física e ergonomia profissional; a conscientização da importância da manutenção da prática de um esporte, treinamento técnico e tático.

Assim, o principal objetivo da EFC-I é oportunizar aos acadêmicos conhecimentos teóricos e vivências práticas que colaborem para a incorporação de forma autônoma de um estilo de vida ativo e sadio por intermédio da EFC; já o principal objetivo da EFC-II é proporcionar aos acadêmicos as vivências e os conhecimentos teórico-práticos desenvolvidos na EFC-I para que eles sejam incorporados de forma autônoma e motivada na vida pessoal e profissional.

OBJETIVO

Apresentar a boa prática da EFC, nos últimos dez anos, nos cursos de Graduação do CCT da Udesc - Joinville.

JUSTIFICATIVA

É de extrema importância que os cursos de Graduação, além das disciplinas de caráter de formação técnica, possuam nos seus currículos aquelas de formação geral, pois elas proporcionam suporte ao futuro profissional para entender e vivenciar a sociedade de maneira mais abrangente.

A EFC, conforme conceito apresentado por Betti e Zuliani (2002), é uma disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando formar um cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, danças e atividades rítmicas. Portanto, as EFC I e II, que compõem os currículos dos cursos do CCT Udesc - Joinville, têm esse caráter de formação geral do universitário, com um olhar e entendimento da problemática do sedentarismo na sociedade mundial e que está cada vez mais presente na sociedade brasileira.

Os números atuais do Brasil são alarmantes e preocupantes, causando um verdadeiro efeito dominó negativo em relação aos fatores de risco para a saúde, gerando doenças relacionadas à hipocinesia: obesidade, diabetes melitus, problemas cardiovasculares, entre outras.

Percebe-se que, atualmente, o Brasil está vivendo a problemática semelhante a que os Estados Unidos começaram a enfrentar nos anos 80, ou seja, a popularização do carro, o elevado tempo em frente à televisão e a computadores (diminuindo gasto energético), sendo agravado por péssimos hábitos alimentares (aumentando drasticamente o consumo energético). Portanto, o brasileiro do século 21 tem seguido o estilo norte-americano, caracterizado pelo fast food e sedentarismo.

No Brasil, os efeitos desse estilo de vida sedentário já estão sendo vistos na saúde pública: o índice de sobrepeso e obesidade tem crescido e doenças relacionadas (doenças cardiovasculares, diabetes e câncer, dentre outras) têm lotado hospitais brasileiros; portanto, o estilo de vida dos brasileiros já é considerado um problema de saúde pública.

Segundo dados da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL, 2016), realizados pelo Ministério da Saúde (MS), mais da metade dos brasileiros está acima do peso, sendo que 17% são considerados obesos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o MS e apoio do Ministério da Educação (MEC), desenvolveu em 2009 e 2012 o projeto intitulado Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PenSE), no qual é possível acompanhar a evolução negativa dos números relacionados ao estilo de vida e a hábitos de saúde dos estudantes do Brasil. A pesquisa foi realizada com os escolares adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental, bem como informações básicas das escolas fornecidas pelos diretores das unidades selecionadas ou seus responsáveis. Os resultados encontrados mostraram que, em relação aos exercícios físicos, apenas três em cada dez adolescentes são considerados ativos (realizam exercício físico por pelo menos 300 minutos por semana, o equivalente a uma hora de atividade física em cinco dias por semana). Quase oito em cada dez adolescentes (78%) veem televisão durante pelo menos duas horas por dia, tempo considerado excessivo pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2004; 2010). Resumidamente, os adolescentes brasileiros se alimentam mal, assistem à TV excessivamente e se exercitam de menos.

A escola é um espaço privilegiado de difusão de informação para

crianças e jovens sobre a importância da prática de atividade física para promoção de uma vida com mais saúde, desenvolvendo o interesse dos alunos pelas atividades, pelos esportes e pelos exercícios abordados nas aulas de Educação Física.

A universidade é um local no qual o estudante vai desenvolver muitos hábitos de vida que serão incorporados ao seu estilo de vida. Portanto, se tratando da adoção de um estilo de vida ativo, é importante facilitar mudanças no conhecimento, nas atitudes e nas ações dos universitários objetivando, principalmente, beneficiar os menos ativos, os de baixa aptidão física, aqueles com excesso de peso e pouca habilidade motora.

A EFC, com certeza, pode propiciar esse ambiente para mudança do estilo de vida sedentário para aquele que seja ativo e saudável. Outro aspecto importantíssimo a ser considerado é que o universitário é um multiplicador de opinião e terá um papel social influenciador na sociedade do futuro. Portanto, o curso de Graduação que oportuniza a eles a vivência da disciplina de EFC, com as ementas utilizadas no CCT Udesc-Joinville, em um país no qual as estatísticas sobre estilo de vida sedentário são crescentes e alarmantes, está na vanguarda para ser um multiplicador na minimização social desse problema.

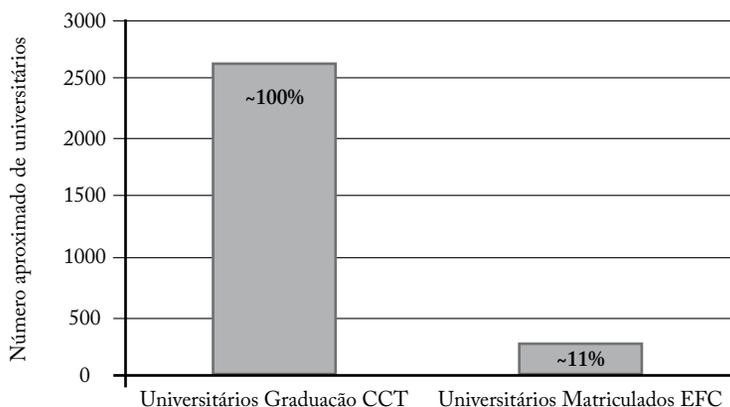
DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

- **VISÃO GERAL DO DESENVOLVIMENTO DA EFC-I E EFC-II**

As ementas das disciplinas EFC-I e EFC-II do CCT são desenvolvidas em diferentes modalidades, nas quais são escolhidas por afinidade pelos universitários. Nas modalidades individuais, estão as práticas de ginástica, pilates e condicionamento físico; já nas coletivas, são oferecidos esportes como basquetebol, futsal e voleibol. Semestralmente, em média, são ofertadas 16 turmas, com aproximadamente 18 alunos em cada uma, perfazendo um total de 288 universitários matriculados.

No Gráfico 1 a seguir, é possível observar o percentual de universitários matriculados na EFC em cada semestre.

Gráfico 1: Número médio de universitários do CCT Udesc-Joinville e número médio de universitários matriculados na EFC a cada semestre.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

A prática dos esportes coletivos na EFC do CCT permite a participação de amplo número de alunos dos diversos cursos de Graduação, proporcionando integração e oportunidade para a prática esportiva. A prática das modalidades esportivas objetiva a melhora dos fundamentos relacionados a cada tipo de esporte, otimizando o condicionamento dos componentes da aptidão física para a saúde e a prática do jogo esportivo.

O esporte é um fenômeno sociocultural que se manifesta em diversos locais na sociedade, como clubes, escolas, academias, empresas e universidades (RAMOS; ISAYAMA, 2009). Já a prática esportiva se apresenta sob diferentes possibilidades de apropriação.

Bracht (1989) e Betti (1993) utilizam um esquema dual para a classificação do esporte: alto rendimento/esporte espetáculo ou esporte de lazer. O modo de prática do esporte de alto rendimento, muitas vezes, serve de base para o de lazer; dessa maneira, há dificuldades para essas manifestações do esporte gerarem autonomia, pois carregam consigo características concomitantes (BRACHT, 1989).

A relação do esporte com o lazer ocorre devido à possibilidade de vivenciá-lo como uma atividade de lazer (RAMOS; ISAYAMA, 2009). Características como o divertimento e o desenvolvimento humano compõem o esporte lazer (CHAGAS, 1989), sendo o foco da EFC na universidade.

Mesmo que o esporte traga consigo elementos específicos derivados do esporte de alto rendimento, quando é apropriado por diferentes indivíduos

em suas práticas particulares, estes possuem liberdade para vivenciar o esporte, resultando na diversificação das manifestações (STIGGER, 2002). Isso é justamente o que ocorre na EFC do CCT, devido à pluralidade de perfis de alunos que a universidade possui. Nesse caso, a visão funcionalista do esporte de lazer é adotada para a prática, como um meio de recuperar as energias para o trabalho (RAMOS; ISAYAMA, 2009).

A prática das modalidades individuais (como a ginástica, o pilates e o condicionamento físico na EFC do CCT) permite minimizar barreiras para a prática de atividades físicas entre os universitários, pois muitos não têm afinidade com esportes coletivos. Desta forma, essa proposta vai ao encontro das recomendações atuais para políticas públicas, no sentido de enfatizar o desenvolvimento dos componentes da aptidão física relacionados à saúde, atingindo a recomendação de acumular 300 minutos ou mais de atividade física na semana (considerados fisicamente ativos) e promover atividades físicas em escolas, universidades, programas comunitários e locais de trabalho, onde há maior abrangência de pessoas (NAHAS, 2013).

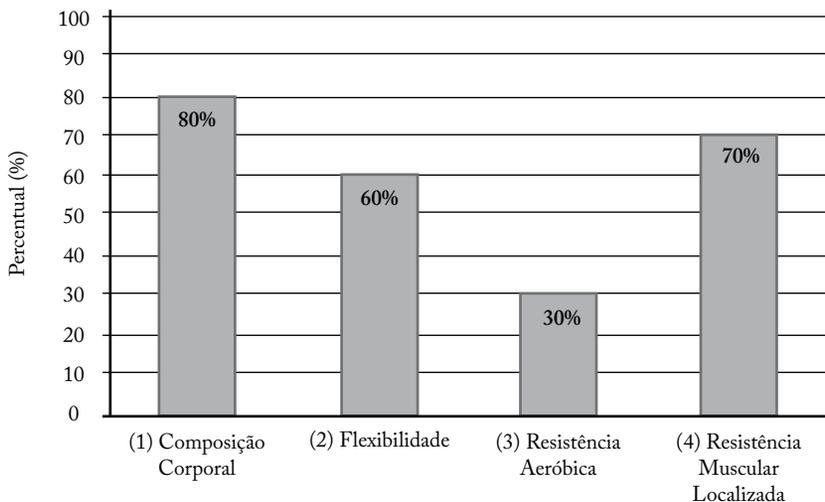
• DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS DA EFC-I

Na EFC-I, independentemente da modalidade escolhida pelo universitário, todos têm a oportunidade de ler e discutir sobre saúde e estilo de vida ativo, bem como vivenciar quais são os níveis de aptidão física para a saúde que eles apresentam no momento do curso da disciplina.

Durante as 18 semanas da disciplina (36 horas), paralelamente à prática escolhida pelos universitários, eles estarão realizando os testes dos quatro componentes da aptidão física para a saúde: (1) composição corporal, (2) flexibilidade, (3) resistência aeróbica e (4) resistência muscular localizada. Assim, com a vivência prática e com os resultados atingidos e comparados com tabelas de referência, utiliza-se como base a pedagogia da problematização dos conteúdos para ensinar maneiras de melhorar e/ou manter os resultados encontrados dos componentes da aptidão física para a saúde.

Em média, os resultados encontrados a cada semestre são os apresentados no gráfico abaixo (Gráfico 2):

Gráfico 2: Resultados semestrais dos percentuais médios, considerados bons, de acordo com as tabelas de referência, dos quatro componentes da aptidão física para a saúde, dos universitários matriculados na EFC-I (n≈144).



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Fornecer subsídios, por meio de conhecimentos teóricos e práticos sobre a prática de atividades físicas e os componentes da aptidão física relacionada à saúde para os alunos, a fim de promover a autodidaxia nesta prática, é um desfecho buscado por meio da EFC, ou seja, que os alunos possuam autonomia para estabelecer um estilo de vida ativo – sendo um dos componentes à prática regular de atividades físicas. Tal fato não dispensa a orientação do professor de Educação Física, cuja função é estimular e capacitar para a prática.

Segundo Guedes (1999), a principal meta da Educação Física é fazer com que o aluno entenda o porquê de se manter ativo, oferecendo informações e vivências práticas para alcançar tal objetivo. Esta autonomia é descrita pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2000, p. 42) como “Assumir uma postura ativa, na prática de atividades físicas, e conscientes da importância delas na vida do cidadão”.

O acesso ao amplo corpo de evidências científicas relacionadas às ciências do esporte e do exercício físico permite o fornecimento de informações fidedignas e replicáveis, devendo ser a ciência a base teórica para o planejamento de um programa de exercícios físicos. Dessa forma, o embasamento

teórico presente na disciplina da EFC no CCT busca inicialmente reconhecer a atividade física como fator promotor de saúde e qualidade de vida, informar e conscientizar os alunos sobre os conceitos iniciais de atividade física e exercícios físicos, aptidão física e seus componentes relacionados à saúde: força e resistência muscular, flexibilidade, resistência cardiorrespiratória e composição corporal, avaliando estes componentes e contextualizando os resultados epidemiologicamente.

Estando os alunos cientes da importância de se encontrarem nos níveis mínimos de aptidão física, o nível de atividade física pode aumentar entre os universitários. Devido à grande maioria dos estudantes possuir idade a partir dos 17 anos, ou seja, muitos são adolescentes, é importantíssimo ocorrer a adoção do comportamento que inclui um estilo de vida ativo, principalmente com a prática de atividade física regular pode perdurar para a vida adulta (SHEPARD, TRUDEAU, 2000).

• — DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS DA EFC-II —

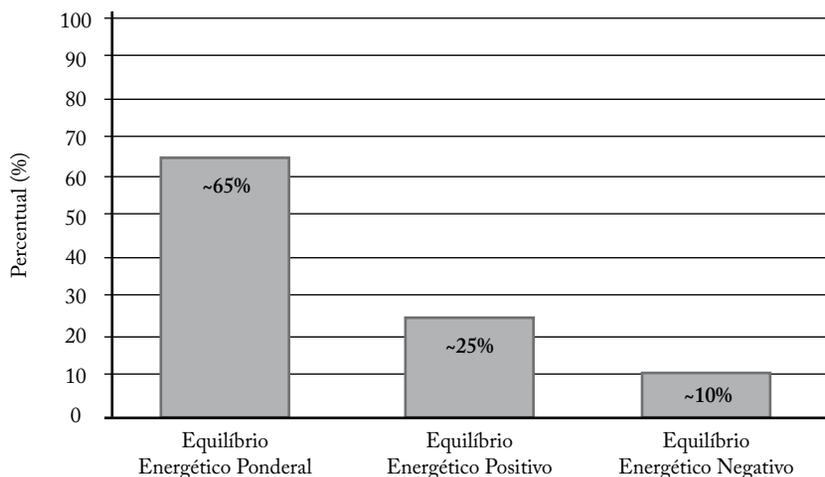
Na EFC-II, independentemente da modalidade escolhida pelo universitário, todos têm a oportunidade de realizar leituras e discussões sobre hábitos alimentares saudáveis, ergonomia, princípios do condicionamento físico e autodidaxia em atividade física.

No início do semestre, é realizado um projeto em que são avaliados, durante 14 dias, alguns hábitos alimentares (quantidade de água ingerida, número de frutas e porções de verduras ingeridas e número de refeições diárias). Nesse momento, denominado Fase 1, os universitários têm a oportunidade de visualização dos seus hábitos; na fase subsequente (Fase 2), eles realizam leituras sobre o que seria o consumo ideal dos itens listados na fase anterior e também realizam leitura de aspectos relacionados ao gasto energético.

O foco, nesse projeto, é a conscientização dos hábitos e estimular a prática da atividade física para melhorar o perfil ponderal, já que muitos concluem que já estão com equilíbrio energético positivo (consumo energético > demanda energética), portanto já estão aumentando a quantidade de massa gorda (Gráfico 3).

Observa-se na Gráfico 3 que poucos universitários apresentam equilíbrio energético negativo (consumo energético < demanda energética) e aproximadamente 65% estão em equilíbrio energético ponderal (consumo energético = demanda energética).

Gráfico 3: Resultados semestrais dos percentuais médios, relacionados ao consumo e demanda energética dos universitários matriculados na EFC-II (n=~144).



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Na metade do semestre, aproximadamente na nona semana, os universitários são submetidos a uma avaliação postural qualitativa (com a utilização de fotos e do simetrógrafo), que objetiva a consciência postural e fornecer subsídios para a leitura sobre ergonomia e postura. Nessa avaliação, após as fotos serem inseridas em formulário padrão, o universitário visualiza e confecciona o laudo com o professor, em relação aos seus hábitos posturais. A postura é analisada na posição em pé atrás do simetrógrafo, nos planos sagital e frontal, e também na postura sentada no banco escolar, simulando estar na sala de aula.

Nos dias atuais, há uma grande prevalência de maus hábitos posturais que parecem ser patrocinados pela utilização exacerbada de celulares e computadores, somada ao sedentarismo. Os principais problemas apresentados após a confecção dos laudos estão relacionados à protrusão de cabeça, inclinação lateral da cabeça, hipercifose torácica e escoliose. Pode-se generalizar que somente 40% dos universitários não apresenta nenhum problema relacionado à má postura.

Evidências na literatura mostram que adolescentes apresentam elevado índice de percepção sobre hábitos saudáveis, em fatores como alimentação, postura e prática de atividade física. Entretanto, há indícios de que esta percepção pode não exercer influência sobre a real adoção

de comportamentos adequados; assim, sugere-se que os programas que possuem o objetivo de educar para a saúde e o estilo de vida busquem, além de informar quanto à importância dos hábitos saudáveis, promover conhecimentos para que após a incorporação haja manutenção do comportamento no cotidiano da população (GUEDES; GRONDIN, 2002).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A EFC, como disciplina teórico-prática, obtém sucesso ao promover a prática de atividades físicas para universitários, contemplando aspectos relacionados ao esporte lazer, estilo de vida e os fundamentos da aptidão física relacionada à saúde.

Apesar de no Ensino Superior brasileiro tal disciplina ser realizada de forma facultativa pelas instituições, sugere-se a aplicação da sua boa prática nos PPs dos cursos de Graduação, sejam de redes públicas ou privadas.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 44-51, 1993.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <<http://ceap.br/material/MAT25102010170018.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

BRACHT, V. Esporte, Estado, sociedade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 69-73, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 jun. 2017.

_____. *Parecer CNE/CES n° 376/97, aprovado em 11 de junho de 1997*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pces376_97.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

_____. Secretaria da Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Secretaria da Educação. Secretaria da Educação Básica, 2000. v. I. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

CHAGAS, E. P. Esporte de lazer-Esporte de rendimento: análise de seus pressupostos. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 2, p. 101-104, 1989.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física Escolar. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 10-14, 1999.

GUEDES, D. P.; GRONDIN, L. M. V. Percepção de hábitos saudáveis por adolescentes: associação com indicadores alimentares, prática de atividade física e controle de peso corporal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *PenSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv43063.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

_____. *PenSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Curitiba: Midiograf, 2013. 6. ed.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Estratégia global em alimentação saudável, atividade física e saúde*. Genebra, 2004. 23 p. Disponível em: <<http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/ebPortugues.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

_____. *Recomendaciones mundiales sobre actividad física para la salud*. Genebra, 2010. 58 p. Disponível em: <<http://www.who.int/dietphysicalactivity/publications/9789241599979/es/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

RAMOS, R.; ISAYAMA, H. F. Lazer e esporte: olhar dos professores de disciplinas esportivas do curso de educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 379-391, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16738/18451>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SHEPARD, R.; TRUDEAU, F. The legacy of physical education: influences on adult lifestyle. *Pediatric Exercise Science*, v. 12, n. 1, p. 34-50, fev. 2000. Disponível em: <<http://journals.humankinetics.com/doi/pdf/10.1123/pes.12.1.34>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

VIGITEL BRASIL 2016. *Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico*. Ministério da Saúde. Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/07/vigitel_2016_jun17.pdf. Acesso em: 18 jun 2017.

HISTÓRIA DA HUMANIDADE E ATIVIDADE FÍSICA & FASES E TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

UMA PROPOSTA INCLUSIVA PARA A EDUCAÇÃO DIGITAL

ANDERSON DE CAMPOS

RESUMO

Este trabalho surgiu de vários estudos realizados na área de Educação Física e de minha prática pedagógica na Escola de Educação Básica João Hassmann, escola municipal da cidade de Brusque/SC, onde exerço minha prática docente. A partir das reflexões acerca dos elementos que constituem um projeto de pesquisa e das possibilidades de aplicá-lo com os alunos na unidade curricular de Educação Física, o presente projeto tem por objetivo construir, criticamente, uma visão histórica da atividade física e humanidade por meio do tempo histórico e tempo escolar vivido pelos alunos, fazendo uso das tecnologias disponíveis na unidade escolar, pois, segundo Lèvy (2005), “as tecnologias caminham paralelamente ao processo educativo e as manifestações que ocorrem nas diversas redes sociais são concretas e desterritorializadas. A existência do virtual potencializa a inteligência coletiva e possibilita a cibercultura, uma revolução no modo como as pessoas aprendem, trabalham e se relacionam”.

Palavras-chave: Educação Física. Tecnologia. Cultura.

OBJETIVOS

- **OBJETIVO GERAL**

Fomentar no corpo discente da Escola de Educação Básica João Hassmann (EEBJOHAS) temas relevantes para estudos e debates, proporcionando uma leitura da realidade que os envolva diariamente em relação ao corpo histórico e social e sua relação com o meio social inserido, respeitando a cultura local vigente, associando tecnologias, conceitos e atividade física.

Visa também estimular os alunos a pesquisarem, analisarem, debaterem e concretizarem, com utilização das tecnologias, os temas de História da Humanidade e da Atividade Física (6º ao 8º ano) e Fases e Tendências da

Educação Física no Brasil (9º ano), em consonância com a unidade curricular de História e demais unidades curriculares de apoio.

• OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A. Proporcionar a integração interdisciplinar entre Educação Física – História – Inglês – Língua Portuguesa e Literatura (LPL);

B. Investigar a História da Humanidade e da Atividade Física (6º ao 8º ano) e Fases e Tendências da Educação Física no Brasil (9º ano) em consonância com a unidade curricular de História e alinhamento com as demais unidades curriculares citadas;

C. Integrar todos os segmentos da unidade escolar com atividades de pesquisa, questionamentos e debates;

D. Instigar o interesse pelo estudo fomentando a pesquisa, por meio da História e demais unidades curriculares e seus postulados, e situar os alunos no tempo histórico vivenciado e nas intencionalidades e diversidades propostas.

JUSTIFICATIVA

[...] A cultura escolar e a Educação Física aparecem como pontos nevrálgicos onde se expressa o controverso conceito de identidade. Nesse lugar privilegiado, a identidade expressa sua enorme intensidade no interior da escola, encarnadas nos sujeitos que percorrem trajetórias, realizam as práticas e enunciam discursos sociais, dotando-os, negociados, disputados pelos protagonistas do dia-a-dia escolar, tecendo complexas tramas vinculantes, ancorada em um tempo e espaço específicos. Assim, identidade se constrói e reconstrói em meio a processos sociais superpostos que se engendram dentro das instituições escolares [...] (CACHORRO, 2003, p. 191).

É possível fazer diferente?

Sim. Com base na abordagem pedagógica crítica-superadora, na qual se motiva o aluno a superar os conceitos e limites trabalhados em seu tempo escolar, este projeto visa estimular os estudantes a pesquisarem, analisarem, debaterem e concretizarem, com utilização das tecnologias como fonte de apoio à pesquisa e formalizando seus temas de estudo no ambiente de estudo na sala informatizada da unidade escolar, usando com base de registro as apresentações web via app Prezi.com, Sway.com ou Power Point.

Como tema de estudo, elencou-se o estudo da História da Humanidade e da Atividade Física (6º ao 8º ano) e Fases e Tendências da Edu-

cação Física no Brasil (9º ano) em consonância com a unidade curricular de História.

O projeto tem como foco enfatizar a necessidade de articular as mediações no processo de ensino-aprendizagem partindo sempre do conhecimento prévio do aluno, sua elaboração e sua forma de sistematizá-los para a elaboração e (re)construção do conhecimento novo.

Promover, no campo conceitual, as competências de identificar; analisar, reconhecer, explicar, experimentar, situar, interpretar e concluir sobre o tema de estudo, bem como promover a autonomia. No campo procedimental, planejar, elaborar, aplicar, construir, coletar e demonstrar/praticar nos ambientes de concretude do trabalho. No campo atitudinal, ser consciente de ponderar, agir, conhecer, perceber e estar sensibilizado com o tema de estudo, suas vantagens e desvantagens na atuação composição da Educação Física na sua realidade e no Brasil.

METODOLOGIA

Os procedimentos que permearam o projeto se originaram de necessidades sociais reais, associadas ao meio social e histórico em que o indivíduo está inserido, próximo de seu contexto, fidedigno à sua realidade, enfim, sua leitura de mundo. Permear procedimentos flexíveis, pautados na coletividade em que o pesquisador é um participante ativo do processo e um pesquisador. Na busca pelos fatos, deve-se ter clareza na definição e flexibilização do método, quando necessário.

Segundo Thurler (2001, p. 75):

Certo hábito de ajuda mútua e de apoio mútuo; um capital de confiança e de fraqueza mútua; participação de cada um na tomada de decisões coletivas; um clima caloroso, de humor, de camaradagem e o hábito de expressar seu reconhecimento.

Para que tal objetivo seja alcançado, é necessário que os pesquisadores contribuam mutuamente no processo de pesquisa e intervenção. O exercício de coletividade deve ser pleno: ambos, unos, em consonância com os objetivos consensados. O que se busca nesta relação é o avanço de ambos os atores do processo: professores e alunos.

Esse processo de pesquisa pode promover transformações e ressignificações em relação ao que se faz ou se pensa, sendo de suma importância que haja tempo e espaço para que cada sujeito vá se apropriando das mudanças que se operam em suas significações de mundo, que implicam

essencialmente mudanças em sua perspectiva como aluno.

As observações e pesquisas, segundo Lüdke e André (1986), para que se tornem um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, precisam ser, antes de tudo, controladas e sistemáticas.

Quanto aos instrumentos de pesquisa, utilizou-se um roteiro de estudo para os discentes se basearem (explicado mais adiante), pesquisa em sites e entrevistas com a professora de História, tira-dúvidas e construção do trabalho em ambiente de apresentação web app. Também serão desenvolvidos vídeos de autoria dos docentes, contextualizando o tema de estudo de cada grupo.

RESULTADOS E AVALIAÇÕES

O presente projeto se encontra em desenvolvimento, mas é possível realizar algumas ponderações.

Este estudo traz à tona uma série de indagações referentes às práticas pedagógicas existentes no contexto escolar (em especial, a Educação Física) e aos resultados obtidos acerca destas práticas, pois

Na medida em que a ação avaliativa exerce uma função dialógica e interativa, ela promove os seres moral intelectualmente, tornando-os críticos e participativos, inseridos no seu contexto social e político” (HOFFMANN, 1993, p. 23).

Como cita a autora, a avaliação, vista como um processo dialógico, permite a interação constante entre os sujeitos que avaliam e os sujeitos que são avaliados.

Cabem aos professores o fomento para que seja necessário um rompimento definitivo com as práticas e ações pedagógicas avaliativas, que automatizam os seres, limitando-os ao ato de pensar, criar, criticar, sugerir situações e, acima de tudo, se perceber que estão inseridos no processo, sendo agentes responsáveis, construtores e mediadores do seu próprio conhecimento.

É importante que a escola reflita constantemente sobre o processo avaliativo, adequando-o às novas perspectivas de ensino. Quando isso não ocorre, acontecem muitas injustiças advindas do ato de avaliar. O ato avaliativo, quando inserido no processo educativo, como citado anteriormente, dialogando e refletindo periodicamente sobre os avanços percebidos e as dificuldades existentes no decorrer, perpassa por significativas mudanças, nas quais todos passam a colher bons resultados: professores, alunos, escola e a sociedade como um todo.

Estamos evidenciamos um amadurecimento no ato de pesquisa dos discentes, autonomia e comprometimento com 80% do grupo envolvido. Muitos discentes primaram pela organização, cumprimento de prazos e busca pela excelência das atividades em todas as suas etapas até o presente momento.

Com o uso de uma rede social <<https://www.facebook.com/anderson-decampos>> como meio de comunicação com os alunos, as etapas estão sendo acompanhadas pelo professor por meio de links enviados pelos estudantes. O uso de planilhas de acompanhamento de etapas e, principalmente, a avaliação dos líderes de grupo com o professor projetaram um perfil de acompanhamento e desenvolvimento dos alunos. Na defesa pública (apresentação dos trabalhos), espera-se observar o amadurecimento e a organização de muitos deles, bem como a intranquilidade e o nervosismo de alguns discentes (pois isso faz parte desse processo).

Como processo de amadurecimento dos alunos, este projeto visa fomentar a pesquisa e autonomia destes atores e a busca pela excelência, de todos eles, em seu tempo escolar.

CONTEÚDOS CURRICULARES PARA OS DISCENTES SE BASEAREM

Como mencionado na metodologia, a seguir se apresenta o esquema, dividido por anos escolares, no qual os alunos se basearam no momento da pesquisa.

- **6º ANO:**

Grupo 1: Hebreu – Fenícios – Persas.

Grupo 2: Pré-História no Brasil e Povos indígenas.

Grupo 3: Egípcios – Mesopotâmia.

Grupo 4: China – Índia.

Grupo 5: Grécia – Roma.

- **7º ANO:**

Grupo 1: Europa feudal – Feudalismo no mundo.

Grupo 2: Árabes e África antes dos europeus.

Grupo 3: Cruzadas – Renascimento.

Grupo 4: Reforma Protestante – Contrarreforma.

Grupo 5: Incas – Maias – Astecas.

Grupo 6: Brasil – Colonização portuguesa e Escravidão.

- **8º ANO:**

Grupo 1: Povos jesuítas nas Américas.

Grupo 2: Revolução Inglesa – Industrial e Francesa.

Grupo 3: Iluminismo – Proposta educacional americana.

Grupo 4: Família Real no Brasil – 3 Reinados.

Grupo 5: Educação Física do exército no período imperial.

- **9º ANO:**

Grupo 1: Educação Física higienista.

Grupo 2: Educação Física militarista.

Grupo 3: Educação Física pedagogicista.

Grupo 4: Educação Física competitivista.

Grupo 5: Educação Física popular.

AVALIAÇÃO

- **LIMITES**

- A. Gestão do tempo para investigação, intervenção e aplicação por parte dos docentes;
- B. O horário de aula do professor e sua respectiva hora-atividade eram incompatíveis para o acompanhamento do projeto (muitas correções e acompanhamentos foram executados em horário de descanso familiar);
- C. Resistência cognitiva docente e colegas professores na colaboração e no bom andamento do projeto;
- D. Pouca formação profissional continuada na área de conhecimento do projeto, considerando o seu acompanhamento pedagógico e técnico, como momento ímpar para o bom desenvolvimento da proposta.

- **AVANÇOS**

- A. Avaliação para todos os momentos de produção e comprometimento no período de intervenção via redes sociais <www.facebook.com/andersondecampos> ou in loco;
- B. Criação de planilhas avaliativas para registro e evidência das atividades;
- C. Integração de critérios avaliativos da unidade escolar analisando as

potencialidades dos alunos;

ii. Análise do líder de grupo com o professor sobre comprometimento e desenvolvimento do projeto;

e. Realimentação conjunta: grupos e professor para melhoramento dos processos;

f. Produção de vídeos, por parte por parte dos alunos, fomentando autonomia, criatividade, pesquisa e proatividade.

REFERÊNCIAS

CACHORRO, G. Introdução: cultura escolar e educação física. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Org.). *A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. São Paulo: Autores Associados, 2003. p. 191-196.

HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora uma prática em construção da pré-escola a universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LÈVY, P. Educação e cibercultura. A nova relação com o saber. In: _____. *Cibercultura*. Paris: Odile Jacob, 1997. Disponível em: <<http://caosmose.net/pierrelevy/educaecyber.html>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

THURLER, M. G. *Inovar no interior da escola*. Trad. Jeni Woff. Porto Alegre: Artmed, 2001.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

JOÃO DERLI DE SOUZA SANTOS¹

MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA²

JANAINA COELHO³

SANDRA DA SILVA VIEIRA MARQUES⁴

SUZAN GRACIELI MODSIÉSKI⁵

INTRODUÇÃO

Vários estudos já foram realizados sobre o conceito de inteligência, a fim de compreender as origens e as formas dela nos seres humanos. Os gregos podem ser considerados os precursores sobre os estudos da inteligência, pois segundo Brandl (2005, p. 14), “desde muito tempo, as civilizações tentam desvendar os mistérios da inteligência humana”.

Para Oliveira e Medalha (2011), foi no início do século 20 que Alfred Binet elaborou um instrumento por meio do qual era possível prever quais crianças teriam sucesso escolar. Diante disso, Howard Gardner (psicólogo cognitivo e educacional norte-americano), insatisfeito com esse teste,

buscou respaldo para seus estudos tanto na psicologia, quanto na neurociência e criou uma série de critérios sob os quais diferentes habilidades deveriam ser analisadas para verificar se constituíam ou não uma inteligência. [...] Todas essas habilidades foram denominadas por Gardner como inteligência, no entanto, ele mesmo enfatizou que outro nome poderia ser dado, como competência, habilidade, ou mesmo talento, desde que o mesmo nome fosse concedido a todas elas (PRODÓCIMO, 2007, p. 1).

^{1,2} Professores das disciplinas Estágios I, II e III no curso de Educação Física do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) e orientadores deste estudo. E-mails: derli@unifebe.edu.br; marcoaurelio.souzamarco@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Educação Física do UNIFEBE. E-mail: jana_coelho2012@hotmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de Educação Física do UNIFEBE. E-mail: sandrinha_carioca@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do curso de Educação Física do UNIFEBE. E-mail: suzangracieli@unifebe.edu.br.

Assim sendo, Gardner (2000) acredita que o ser humano é possuidor de múltiplas inteligências.

Com base no percurso da pesquisa e considerando a análise no contexto da Educação Física e da Educação, não se pode deixar de mencionar os estudos realizados na primeira década deste século sobre as inteligências na Educação, percepção dos alunos e relações com a escola (ALVES, 2001), e também a pesquisa realizada por Manhães (2008) sobre a estimulação da inteligência corporal cinestésica no desenvolvimento psicomotor na prática da Educação Física escolar.

Assim sendo, pretende-se, por meio desta pesquisa, enfatizar a importância da Educação Física escolar e da valorização das inteligências múltiplas durante o processo de aprendizagem dos alunos no contexto escolar. Portanto, com relação às afirmações supracitadas, surgiu a seguinte questão problema: qual é a importância da valorização das inteligências múltiplas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental?

Este estudo se caracterizou por ser uma pesquisa de campo, de natureza aplicada, abordagem qualitativa e de caráter descritivo. Utilizou-se como instrumento para coleta de dados a observação sistemática das aulas de Educação Física com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental e a entrevista semiestruturada com a professora da disciplina da escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede pública municipal de Major Gercino/SC.

Realizaram-se todos os procedimentos éticos necessários para a concretização da pesquisa e salienta-se que, na observação, as pesquisadoras ficaram em posições estratégicas e separadas umas das outras, para não haver influências sobre o que se estava observando.

OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

No decorrer do estágio I e II, observou-se que os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental respondiam diferentemente aos estímulos recebidos durante as aulas de Educação Física, o que é normal, levando em consideração a individualidade e as diferenças culturais de cada um deles.

Dessa forma, passou-se a se questionar como acontece o aprendizado nas aulas de Educação Física e isso foi o que motivou o início dessa investigação sobre as inteligências no contexto educacional. Assim sendo, os objetivos deste estudo são:

- Identificar de que forma as inteligências múltiplas são utilizadas e valorizadas nas aulas de Educação Física.
- Descrever como as inteligências múltiplas são utilizadas nas aulas de Educação Física.
- Analisar como são desenvolvidas as inteligências múltiplas nas aulas de Educação Física.

Percebe-se que, no contexto escolar atual, são mais valorizadas as capacidades cognitivas e lógico-matemáticas dos estudantes da Educação Básica, pois os profissionais acham que elas são suficientes para o aprendizado ter sucesso.

Assim sendo, pretende-se, por meio desta pesquisa, enfatizar a importância da Educação Física escolar e das inteligências múltiplas na aprendizagem dos alunos no contexto escolar e social, afinal, o ser humano possui outras capacidades que muitas vezes não são estimuladas pelos professores.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Para uma prática pedagógica responsável e compromissada, faz-se necessário ter conhecimento e entender em que fase de desenvolvimento os alunos se encontram. O Ensino Fundamental, para Pérez (2005, p. 65),

caracteriza-se, geralmente, por crianças com idade entre 06 e 14 anos, mas, observa-se que em várias regiões do país esse período de idade não se aplica rigorosamente, pois a variância de idades de alunos nessa fase de ensino é grande e decorrente de muitos fatores sociais.

Dessa forma, Batista (2003, p. 11)

sugere que a Educação Física no Ensino Fundamental consiste em desenvolver a coordenação de uma forma geral, pois, nessa faixa etária, as crianças estão em fase de assimilação, atentas a tudo o que acontece à sua volta e aceitando tudo o que lhes é oferecido.

Existem mudanças de comportamentos que ocorrem nas diferentes faixas etárias que compreendem o Ensino Fundamental: no primeiro ciclo, do 1º ao 5º ano, “as crianças encontram-se na faixa etária que se estende aproximadamente dos 6 aos 10 anos de idade” (BRASIL, 2006). Esse período, de acordo com Pérez (2005, p. 66), “é aquele em que a criança se volta para a aquisição de habilidades, de valores e papéis culturalmente aceitos”.

De acordo com Rappaport (1981 apud PÉREZ, 2005, p. 66), “esse é um período de grandes conquistas no que diz respeito às realizações intelectuais e à socialização; não é à toa que este é um período típico do início da escolaridade formal em todas as culturas do mundo”.

Nesse período, as crianças ainda apresentam

dificuldades de organizar-se em grupos de trabalhos, podendo as atividades ser exploradas em pequenos grupos e estimular as atividades relacionadas aos dois aspectos, pois a experimentação e a troca de experiências devem se fazer constante (PÉREZ, 2005, p. 67).

Durante o 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, a criança se encontra na fase que “é marcada pelo aceleração do crescimento para as meninas entre 11 e 13 anos e para os meninos entre 13 e 15 anos” (PÉREZ, 2005, p. 67). Segundo Charles (1975, p. 21), ela

encontra-se no ‘estágio das operações formais’. Isso significa dizer que, nesse período, a criança está passando para a maneira mais adulta de pensar. [...], quer dizer, está começando a desenvolver o seu pensar nos moldes de um pensar adulto [, sendo] capaz de pensar além do mundo real e além do presente.

Compreende-se, então, que a fase do 6º ao 9º anos é a mais interessante para a transição da criança em adulto. Segundo Pérez (2005, p. 71),

é o momento da descoberta do que é ser adulto, é o momento de trocas de relações interessantes, inclusive com o sexo oposto de sua faixa etária; é um momento especial na vida da criança [...] cabe ao professor oferecer um meio ambiente de confiança que permita a livre expressão dos conflitos dos adolescentes e mostrar-lhes alternativas de solução que digam respeito a soluções racionais e moralmente aceitas pela sociedade.

Dessa forma, os conteúdos da Educação Física para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, conforme Brasil (1997, p. 47), devem ser “em função da transição que se processa entre as brincadeiras de caráter simbólico e individual para as brincadeiras sociais e regradas, os jogos e as brincadeiras privilegiados serão aqueles cujas regras forem mais simples”.

Diante dessas afirmações, o Plano Nacional da Educação (PNE) tem como uma segunda meta até 2024

universalizar o ensino fundamental de nove anos para toda a população de seis a quatorze anos e garantir que pelo menos noventa e cinco por cento

dos alunos conclua essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE (BRASIL, 2014, p. 51).

Por isso, segundo Rangel (2010, p. 37), “temos os componentes da Cultura Corporal de Movimento: ginástica, atividades rítmicas e expressivas, lutas, jogo, esporte e conhecimento sobre o corpo”. Apesar de verificar que alguns conteúdos tiveram seus nomes modificados, acredita-se que o principal fator, isto é, a essência não se modificou, pois afirma Rangel (2010, p. 37) que, em relação aos conteúdos, “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Dessa forma, o professor de Educação Física deve observar o significado e a contribuição desses conteúdos para cada faixa etária, quando e como trabalhar, e quais os erros que podem ser evitados no trato deles.

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Com a publicação do livro *Estruturas da mente* em 1983, Howard Gardner lançou a teoria das inteligências múltiplas, na qual defende a ideia de que o ser humano é dotado de diferentes inteligências (ANTUNES, 2002). Gardner (1995, p. 14) entende por inteligência “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”.

Segundo Veiga e Miranda (2006, p. 66), “a Teoria das Inteligências Múltiplas veio para desfazer a hegemonia de uma única inteligência e reconhecer a inerente pluralidade das faculdades mentais”. Com essa afirmação, se buscou romper com o paradigma de que uma pessoa é inteligente ou não, ao contrário: demonstrou que os indivíduos apenas possuem formas diferentes de ver e se relacionar com o mundo e o conhecimento.

Por todos esses aspectos, Gardner (2001), em seu livro *Inteligência: um conceito reformulado*, nomeou as sete inteligências humanas como “originais”. Dessa forma, tendo esboçado as características e os critérios de uma inteligência, apresenta-se a seguir uma breve consideração de cada uma delas: inteligência linguística, inteligência lógico-matemática, inteligência espacial, inteligência musical, inteligência corporal-cinestésica, inteligência interpessoal e inteligência intrapessoal.

Observa-se que as duas primeiras, a linguística e a lógico-matemática, são as que têm sido tipicamente valorizadas na escola. A inteligência linguística “envolve sensibilidade para a língua falada e escrita,

a habilidade para aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos” (GARDNER, 2001, p. 56). Assim sendo, “uma pessoa com dano nesta área pode compreender palavras e frases bastante bem, mas tem dificuldade em juntar palavras em algo além das frases mais simples” (GARDNER, 2000, p. 22). Nesse sentido, o autor frisa que “é o tipo de capacidade exibida em sua forma mais elevada por advogados, locutores, escritores e poetas” (GARDNER, 2001, p. 56). Dessa forma, a inteligência linguística está profundamente enraizada nos sentimentos de competências e autoconfiança, pois segundo Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 30), “quanto mais as crianças pequenas exercitam essa inteligência em um ambiente seguro, mais facilmente desenvolvem as habilidades verbais que lhes servirão pela vida afora”. Portanto, os professores devem proporcionar mais atividades que desenvolvam essa inteligência, como: brincar com as palavras, contar histórias, fazer discussões, compartilhar com os alunos seus livros favoritos, dentre muitas outras, tendo como propósito estimular essa inteligência.

Já a inteligência lógico-matemática, segundo Gardner (2001, p. 56), “envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente”. O autor enfatiza que “no indivíduo talentoso, o processo de resolução do problema geralmente é surpreendentemente rápido” (GARDNER, 2000, p. 22).

Por fim, Gardner descreve a inteligência lógico-matemática como a abrangência de muitos tipos de raciocínio. Ele sugere que essa inteligência abrange três campos amplos, contudo inter-relacionados: a matemática, a ciência e a lógica, embora seja impossível captar em uma única lista a extensão da expressão matemática em um indivíduo.

As três inteligências descritas a seguir são notáveis nas artes, porém cada uma pode ser utilizada de muitas outras maneiras. Logo, a inteligência espacial é a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. Ela tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço, além de permitir que as pessoas percebam imagens externas e internas, podendo recriar, transformar ou modificar as imagens (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000).

Além disso, outra inteligência descoberta por Gardner é a inteligência musical, a qual

acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais [e] tem uma estrutura quase paralela à da inteligência linguística e não faz sentido científico e nem logicamente chamar uma de inteligência e a outra de talento (GARDNER, 2001, p. 57).

Por isso, é de suma importância ressaltar que a inteligência musical, sendo estimulada na escola, fortalecerá a habilidade musical dos que a já possuem e também desenvolverá a habilidade e apreciação musical em estudantes que anteriormente não apresentavam.

A próxima inteligência apresentada é a inteligência corporal-cinestésica, que é “a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos utilizando o corpo inteiro [...]. Dançarinos, atletas, cirurgiões e artistas, todos apresentam uma inteligência corporal-cinestésica altamente desenvolvida” (GARDNER, 1995, p. 15). Para melhor compreendê-la, muitas crianças e adultos têm a necessidade de experimentar fisicamente o que aprendem, pois se consideram os modos visuais e auditivos como canais sensoriais insuficientes para a compreensão e recordação das informações. Dessa forma, Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 78) afirmam que “esses indivíduos dependem de processos tácteis ou cinestésicos e precisam manipular ou experimentar o que aprendem para compreender e reter as informações”.

As duas últimas inteligências que se encontram na lista original são chamadas de inteligências pessoais, nas quais se pode afirmar que causaram espanto em muitas pessoas. A primeira é a inteligência interpessoal, que “é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas” (GARDNER, 1995, p. 15). Ela faz com que as pessoas compreendam as outras e se comuniquem com elas, sendo capazes de manter e formar relacionamentos e até mesmo assumir vários papéis dentro de grupos, como membros ou líderes (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000). Portanto, a inteligência interpessoal denota

a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo e, conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, clínicos, líderes religiosos, líderes políticos e atores precisam ter uma inteligência interpessoal aguda (GARDNER, 2001, p. 57).

Por tudo isso, a inteligência interpessoal está relacionada com a interação entre as pessoas, em que a maioria dos educadores afirma que não se

pode ensinar se não for para pares ou grupo de alunos.

Por fim, Gardner descobriu a inteligência intrapessoal, sendo essa a capacidade de conhecer a si mesmo e, assim, usar esse conhecimento para

planejar e direcionar a sua vida [, sendo] de suma importância para o desenvolvimento de alunos bem-sucedidos, tornando-se assim, seres humanos cada vez mais éticos, produtivos, criativos e ao mesmo tempo, independentes e cooperativos (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000, p. 178).

Gardner (2001) ressalta que a lista das inteligências originais era provisória, pois discutia a hipótese da existência de inteligências adicionais, sendo elas: inteligência naturalista, inteligência espiritual e inteligência existencial. A inteligência naturalista “é a capacidade de reconhecer a flora e a fauna, fazer distinções coerentes no mundo natural e usar tal capacidade de maneira produtiva (na caça, no cultivo da terra, na ciência biológica)” (GARDNER, 2001, p. 64). Levando em consideração esses aspectos, essa é a oitava inteligência humana descoberta.

Dando continuidade, a segunda inteligência adicional chama-se inteligência espiritual, em que Gardner (2001, p. 74) afirma que “a esfera do naturalista parece simples. Em compensação, até mesmo uma entrada hesitante no mundo da espiritualidade revela um quadro muito mais complexo”. Para abordar essa área, o psicólogo propõe três sentidos do espiritual: o primeiro tipo de espiritualidade

reflete um desejo de saber sobre experiências e entidades cósmicas que não são prontamente apreendidas num sentido material, mas que, todavia, parecem importantes para os seres humanos” (GARDNER, 2001, p. 71).

Diante disso, percebe-se que de fato as pessoas procuram entender essas questões, “os mistérios e os significados mais importantes da vida: quem somos? De onde viemos? O que o futuro nos reserva? Por que existimos? Qual é o sentido da vida, do amor, das perdas trágicas, da morte?” (GARDNER, 2001, p. 72). Assim sendo, esse primeiro tipo descreve os âmbitos da experiência ou domínios da existência que as pessoas buscam entender.

O segundo tipo de inteligência espiritual, conforme afirma Gardner (2001, p. 73), é aquela na qual reconhece que

uns têm mais facilidade de atingir certos estados psicológicos ou tiveram certas experiências consideradas ‘espirituais’. [...] onde, uns têm mais

facilidade do que outros para meditar, entrar em transe, imaginar o transcendente, ou estar em contato com fenômenos psíquicos, espirituais ou intelectuais.

Estando presente esse tipo de inteligência “em místicos, iogues e pessoas que meditam, a capacidade de atingir estes estados – e, talvez, de ajudar outros a atingi-los – é digna de nota” (GARDNER, 2001, p. 73).

Dessa forma, o terceiro tipo de inteligência espiritual é aquela que “algumas pessoas podem ser consideradas espirituais por causa dos efeitos que parecem causar nos outros, seja por suas atividades ou, talvez sobretudo, puramente por sua existência” (GARDNER, 2001, p. 75). Exemplo disso são pessoas que se sentem mais completas e mais em contato consigo mesmas, com Deus e com os cosmos, sendo abençoado por líderes religiosos. Afinal, Gardner afirma que há comprovações neurológicas de que a fé interfere muito na cura de doenças, mas ele ainda não consegue concordar com os argumentos de quem estuda essa possibilidade.

Portanto, a terceira inteligência adicional descoberta por Gardner e seus amigos pesquisadores foi a inteligência existencial, em que ele a classifica como “a capacidade de se situar em relação aos limites mais extremos do cosmos” (GARDNER, 2001, p. 78). O mesmo autor ainda descreve que existe uma capacidade afim, que é a de

se situar em relação a elementos da condição humana como o significado da vida, o sentido da morte, o destino final dos mundos físicos e psicológico e experiências profundas como o amor de outra pessoa ou a total imersão numa obra de arte (GARDNER, 2001, p. 79).

Percebe-se que todas as inteligências descritas acima são ferramentas para a aprendizagem, resolução de problemas e criatividade que todos os seres humanos podem usar, e cada inteligência parece ter sua própria sequência de desenvolvimento, na qual surgem e florescem em diferentes momentos da vida. De acordo com Gardner (1994, p. 41), “a localização cerebral, ou seja, [...] o cérebro pode ser dividido em regiões específicas, cada uma mostra-se relativamente importante para determinadas tarefas e relativamente menos importante para outras”.

Vale ressaltar que, no princípio do seu trabalho, Gardner acreditava que cada inteligência deveria ter um núcleo, ou melhor, uma localização específica dentro do cérebro, conforme mostra a Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Localização cortical das inteligências proposta por Gardner.

Inteligência	Área cortical responsável
Lógico-matemática	Região têmporo-parieto-occipital (hemisfério esquerdo do cérebro)
Linguística	Área de Wernicke, área de Broca, Região têmporo-parieto-occipital (hemisfério esquerdo do cérebro)
Musical	Lobo temporal (hemisfério direito do cérebro)
Corporal-cinestésica	Giro pós-central, córtex pré-motor
Espacial	Região têmporo-parieto-occipital (hemisfério esquerdo do cérebro)
Interpessoal	Lobos frontais
Intrapessoal	Lobos frontais

Fonte: Gardner (1995 apud KRUSZIELSKI, 2005).

Pode-se perceber, a partir da Tabela 1, que diversas inteligências são regidas pela mesma área do córtex cerebral. Dessa maneira, a teoria das inteligências múltiplas tem enorme importância ao conseguir derrubar a ideia de uma inteligência única, fechada. Por isso, é importante reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e combinações de inteligências.

Todos são tão diferentes em grande parte porque possuem diferentes combinações de inteligências. Reconhecendo isso, tem pelo menos uma chance melhor de lidar adequadamente com os muitos problemas que se enfrenta nesse mundo.

ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

O diário de campo foi o instrumento que as pesquisadoras utilizaram para registrar todos os dados e todas as informações observadas nas aulas das duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, no período matutino e vespertino.

Caracterização das turmas:

Turma A: 11 estudantes (período matutino). Durante a aula de Educação Física, todos os estudantes realizaram as atividades. Estas foram realizadas de forma coletiva, todavia, o jogo em si, tornava a atividade individual. Os estudantes demonstraram cooperação e interagem cons-

tantemente com os colegas, porém eram competitivos, agindo muitas vezes de maneira egoísta.

Turma B: 9 estudantes (período vespertino). Quando a professora chegou com os estudantes ao pátio e tão logo eles avistaram os jogos que seriam aplicados, muitos comemoraram. Eles participaram da aula de Educação Física e realizaram as atividades com muita disposição, alegria, concentração e atenção, porém seguiam sempre o que a professora sugeria, afinal, ela não permitia alterações.

As várias inteligências que mais se fizeram presentes nas aulas foram: linguística; corporal-cinestésica; espacial; interpessoal; intrapessoal. Reforça-se que o professor precisa estar atualizado e acompanhando todas as inovações pedagógicas que estão surgindo para, verdadeiramente, estimular estratégias de ensino que desenvolvam nos estudantes a plenitude de suas habilidades.

Após esse contexto ser identificado, buscou-se, por meio de uma entrevista semiestruturada, saber qual o conhecimento da professora de Educação Física em relação às inteligências múltiplas, apresentado na descrição a seguir.

Essa professora é recém-formada em Educação Física; por isso, pode-se dizer que está iniciando sua docência no âmbito escolar e já possui um pouco de experiência e vivência nos setores educacionais privado e público, o que é muito importante para a sua carreira profissional.

Porém, notou-se diferentes olhares dela em relação a esses dois setores educacionais. Dessa forma, cabe ressaltar que não se pode julgar em sua totalidade as diferenças do ensino público do privado por questões voltadas pela valorização do professor e pela qualidade de ensino do setor específico, pois muitos fatores interferem e contribuem para essas “diferenças” (desde o capital cultural, social e econômico até o corpo gestor da unidade escolar). Por isso, observa-se a necessidade de diálogo entre o corpo docente e o corpo gestor da escola, pois ambos devem ter planejamentos participativos com todos os segmentos da unidade escolar.

A professora relatou algumas vezes as dificuldades de seus alunos em determinadas atividades e também levou a entender que as diferenças entre eles são evidentes, porém não se identificou como a docente buscou solucionar esses problemas. Para Freire e Horton (2003, p. 52), “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria”. Contudo, ainda de acordo com esses dois autores (2003, p. 177), “o educador ou educadora

como um intelectual tem que intervir. Não pode ser um mero facilitador”.

Ao ser questionada se conseguiria identificar algumas das inteligências múltiplas durante suas aulas, a professora relata que, pelo pouco conhecimento que tem sobre essa teoria, pensa que estão presentes as inteligências: corporal-cinestésica; espacial; linguística; intrapessoal e interpessoal.

Assim sendo, Gardner (1995, p. 18) reforça que

é da máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências. Nós todos somos tão diferentes em grande parte porque possuímos diferentes combinações de inteligências.

Percebeu-se, no decorrer da conversa, que a professora apresentou interesse e valorização no que diz respeito às inteligências múltiplas, porém reforçou a necessidade de que elas precisam ser estudadas, utilizadas e valorizadas por todos os professores do contexto escolar – e não somente nas aulas de Educação Física.

A professora comentou que, em suas aulas,

as inteligências corporal, espacial, musical, intrapessoal e interpessoal são enfatizadas, porém, acreditamos que todas as Inteligências podem estar presentes nas aulas de Educação Física. Mas, para isso acontecer, o professor precisa ter conhecimento dessa teoria, para assim, saber analisá-las, estimulá-las e pô-las em prática.

Na sexta questão, foi perguntado a ela: “Você poderia comentar sobre as contribuições das inteligências múltiplas nas aulas de Educação Física? E citar quais os benefícios para a formação dos educandos?”. A professora respondeu: “Querendo ou não a gente trabalha, só que a gente não conhece. Ela influencia, meu Deus! A prática, o lúdico para a criança é tudo! Tudo de bom aprender brincando!”. Observou-se, por um lado, que ela desconhece o assunto abordado; por outro, afirma trabalhar as inteligências em suas aulas.

Ao fim da conversa, deixou-se um espaço livre para que a professora pudesse falar ou acrescentar algum aspecto que considerasse importante. Ela disse que realmente é necessário todo educador ter conhecimento aprofundado sobre essa teoria, todavia, para isso, seria de suma importância ter essa teoria na matriz curricular dos cursos de Licenciatura e até mesmo lançar novas bases para a compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento de estímulos das inteligências.

É importante frisar que as inteligências múltiplas surgiram para desfazer a hegemonia de uma única inteligência e reconhecer a inerente plu-

ralidade das faculdades mentais. Portanto, a importância de conhecer essa teoria torna-se urgente para todos os educadores que desejarem mudanças na aprendizagem educacional.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA A REPLICAÇÃO DA PRÁTICA

Espera-se que os conhecimentos da teoria das inteligências múltiplas se tornem parte da formação de professores para que as práticas sejam repensadas. Recomenda-se aos professores estudar essa teoria e, se possível, adotá-la no âmbito escolar; assim, a próxima geração de docentes provavelmente poderá contribuir com cada estudante da maneira mais direta e efetiva.

Dessa forma, espera-se que os educadores e gestores da educação proporcionem ambientes em que as diversas inteligências possam ser estimuladas e aprimoradas de maneira natural para, assim, abolir esses instrumentos padronizados e descontextualizados que avaliam uma proporção tão pequena de talentos humanos.

Torna-se, portanto, de suma importância destacar que as inteligências múltiplas estão presentes nas aulas de Educação Física durante jogos, atividades e diálogos. Esta pesquisa realizada se assemelha àquelas realizadas por Alves (2001), nas quais investigou as questões ligadas às inteligências, que podem responder às questões relacionadas aos talentos individuais com base nos estudos de Howard Gardner.

A pesquisa investigou os diferentes tipos de talentos que cada ser humano apresenta como resultantes de sua formação genética e cultural. Assim, proporcionou reflexões acerca de como os alunos são percebidos dentro da escola, os rótulos, os preconceitos e as formas de avaliação utilizadas. O estudo realizado por Manhães (2008) sobre a estimulação da inteligência corporal-cinestésica, nas aulas de Educação Física, percebeu que os jogos aplicados contribuem para esse estímulo no contexto educacional e pode ser desenvolvida pelos professores de Educação Física, visando proporcionar um ambiente enriquecedor e diversificado aos seus alunos.

A teoria das inteligências múltiplas, portanto, se torna importante na escola e, posteriormente, para os três níveis educacionais, porque todos podem ser capaz de observar diretamente capacidades espaciais e pessoais. Afinal, se sabe que nem todos têm os mesmos interesses e as mesmas habilidades e que nem todos aprendem da mesma maneira.

É importante frisar que as inteligências múltiplas surgiram para desfazer a hegemonia de uma única inteligência e reconhecer a inerente pluralidade das faculdades mentais. Por isso, especificamente os professores de Educação Física podem contribuir com as diferenças individuais na escola durante suas aulas, já que, por meio deste estudo, percebe-se que as inteligências múltiplas estão presentes durante as suas aulas.

Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas com uma amostragem maior de sujeitos e com as demais faixas etárias. E que esses estudos sejam realizados nos espaços formais e informais na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, na Educação Especial, na Educação de Jovens e Adultos, em clínicas, em ONGs.

Portanto, esta pesquisa proporcionou novos olhares sobre o que contempla a inteligência e fez acreditar que todos podem ser e são inteligentes. A teoria das inteligências múltiplas, relacionada à área da educação, em particular na Educação Física escolar, pode trazer contribuições significativas para evoluir as metodologias aplicadas nas aulas, focando o ensino no estudante e respeitando as particularidades de cada um.

Assim sendo, afirma-se que a Educação Física pode e deve fazer a diferença, entretanto necessita ter profissionais comprometidos com a educação integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. S. *Inteligências na Educação: percepção dos alunos e relações com a escola*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28032014-112702/pt-br.php>>. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. Acesso em: 3 out. 2015.

ANTUNES, C. *Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BATISTA, L. C. C. *Educação física no ensino fundamental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Script, 2003.

BRANDL, C. E. H. *A estimulação da inteligência corporal cinestésica no contexto da educação física escolar*. 194 f. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física). Unicamp: Campinas, 2005. Disponível em: <[60](http://</p></div><div data-bbox=)

repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/274971/1/Brandl_CarmemElisaHenn_D.pdf>. Acesso em: 3 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ampliação do ensino fundamental para nove anos*. Brasília: MEC; SEB, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

BRASIL. *Plano nacional de educação 2014-2024*: Lei nº 13005, de 25 de junho de 2014, que aprova o plano nacional de educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BRASIL. _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. *Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, P.; HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

_____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MANHÃES, F. C. *A estimulação da inteligência corporal Cinestésica no desenvolvimento psicomotor na prática da educação física escolar*. 153

f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem), Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp129056.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2015.

OLIVEIRA, A. C.; MEDALHA, J. Inteligências múltiplas nas aulas de educação física escolar. *Revista Digital EF Deportes.com*, Buenos Aires, ano 15, n. 152, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd152/inteligencias-multiplas-nas-aulas-de-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 3 out. 2015.

PÉREZ, G. J. S. P. *Educação física escolar: do berçário ao ensino médio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PRODÓCIMO, E. A educação física escolar e as inteligências múltiplas. *Revista Digital EF Desportes.com*, Buenos Aires, ano 11, n. 105, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd105/a-educacao-fisica-escolar-e-asinteligencias-multiplas.htm>>. Acesso em: 3 out. 2015.

RANGEL, I. C. A. (Coord.). *Educação física na infância*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

EMERSON ANTONIO BRANCHER
Universidade Regional de Blumenau - FURB

MARILDA ANGIONI
Universidade Regional de Blumenau - FURB

PÂMELA TAÍS GRIEBNER
Universidade Regional de Blumenau - FURB

RESUMO

Este estudo teve por objetivo conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes/atletas, os fatores motivacionais que os inseriram no meio esportivo e analisar a relação entre prática esportiva competitiva e desempenho escolar. A amostra foi composta por 108 estudantes/atletas que participam do programa de extensão FURB Esportes das modalidades de basquetebol masculino; voleibol, handebol e futsal feminino; natação e atletismo mistos. O instrumento para a coleta de dados foi um questionário. Os resultados sugerem que a motivação para a prática esportiva se deve ao prazer que esta proporciona. A maioria dos entrevistados afirma que o esporte traz benefícios relacionados à saúde e à formação acadêmica e profissional. Não há evidências que a prática esportiva tem relação com as taxas de aprovação e reprovação escolar.

Palavras-chave: Esporte. Extensão universitária. Atletas. Estudantes. Motivação.

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que o esporte é um fenômeno social e cultural de grande relevância na sociedade contemporânea. De acordo com o documento da ONU (2003, p. 6),

O esporte é muito mais do que um luxo ou uma forma de entretenimento. O acesso ao esporte e a prática do esporte constituem um direito humano e essencial para que indivíduos de todas as idades conduzam uma vida saudável e plena.

Para Marques, Almeida e Qutierrez (2007), o esporte é um fenômeno sociocultural que transmite valores de acordo com o sentido dado à prática, exercendo influência sobre hábitos e comportamentos em nossa sociedade. Segundo Santana (2005), o esporte tem um componente de aprendizado relevante, sendo possível afirmar que ele é indissociável da educação.

Entendendo o esporte como um fenômeno positivo, que inspira jovens e adultos diariamente, a Universidade Regional de Blumenau (FURB) desenvolveu um projeto de extensão denominado FURB Esportes, com o objetivo de utilizar a atividade esportiva como uma ferramenta de inclusão de jovens no ambiente universitário.

A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012).

Faria (2001) afirma que a extensão se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da sociedade; nesse sentido, reafirma o compromisso social da universidade como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos de igualdade e desenvolvimento social.

Nessa direção, a FURB estabeleceu um relacionamento com a sociedade na forma de parcerias com clubes e associações desportivas, Fundação Municipal de Esportes e patrocinadores do esporte amador e profissional no município de Blumenau/SC, visando incentivar, apoiar e desenvolver o esporte local, bem como proporcionar Ensino Médio e Superior para os estudantes.

O programa FURB Esportes, atualmente, apoia sete modalidades esportivas: basquetebol masculino; voleibol, handebol e futsal feminino; natação, atletismo e paradesporto mistos. O apoio às modalidades esportivas ocorre por meio de bolsas de estudo, cessão de espaço físico e materiais, avaliação de desempenho físico, atendimento odontológico e fisioterápico, orientações nutricionais, acompanhamento psicológico, dentre outros.

Contudo, apesar do relacionamento existente entre as entidades supracitadas, a universidade desconhece o perfil socioeconômico dos atletas das modalidades apoiadas, bem como a motivação para a prática desportiva. Soares, Aranha e Antunes (2013) afirmam que a rotina dos estudantes/atletas vem sendo alvo de investigações que, invariavelmente, trazem à tona aspectos positivos e negativos da relação entre a prática esportiva competitiva e o desempenho escolar.

Diante do exposto, este estudo teve por objetivo conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes/atletas, os fatores motivacionais que os inseriram no meio esportivo e analisar a relação entre a prática esportiva competitiva e o desempenho escolar.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O universo é composto por 557 estudantes/atletas, distribuídos de forma distinta nas modalidades de basquetebol masculino; voleibol, handebol e futsal feminino; natação e atletismo mistos, porém fizeram parte do estudo 108 deles, nas categorias iniciantes e de rendimento, independentemente do nível técnico ou da faixa etária.

No período de novembro de 2013 a junho de 2014, foram entrevistados 108 estudantes/atletas (feminino n=71 e masculino n=37) de seis modalidades esportivas participantes do programa FURB Esporte, conforme Tabela 1.

Tabela 1- Características gerais da amostra.

Modalidades	Gênero		Total Geral
	Feminino	Masculino	
Atletismo	04	04	8
Natação	04	12	16
Voleibol	22	—	22
Basquetebol	—	21	21
Handebol	21	—	21
Futsal	20	—	20
Total	71	37	108

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Todos os estudantes/atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para menores e para adultos, sendo entrevistados uma única vez, sem a necessidade de esclarecimentos posteriores. Esta pesquisa foi aprovada pelo Parecer nº 43/2012 do Comitê de

Ética e Pesquisa em Seres Humanos (CEPH). Foi utilizada uma abordagem quantitativa que, segundo Thomas e Nelson (2002), é centralizada na análise da situação-problema ao separar e examinar os componentes de um fenômeno.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário elaborado para os fins da pesquisa, testado previamente com atletas de outras modalidades sem envolvimento com o programa FURB Esporte, e alterado antes da efetiva aplicação. Contém 38 questões, sendo 30 fechadas e oito abertas, distribuídas pelas seguintes variáveis: Perfil, Motivação, Treino e Avaliação da Prática. Os dados foram analisados pela estatística descritiva que, segundo Freitas et al. (2000), busca identificar quais situações, eventos, atitudes ou opiniões estão manifestadas em uma população.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carneiro (2005) destaca a importância de conhecer os sujeitos envolvidos em serviços, programas, projetos, modos de vida, principais demandas como meio de qualificar o trabalho (neste caso, o desenvolvimento esportivo).

Quase todos os estudantes/atletas são solteiros (96%), sendo apenas 4% casados. Quanto à residência, 82% (n=89) vivem com suas famílias e 18% (n=19) alegam não residir com seus familiares. Há uma média de 4,24 pessoas por residência. O detalhamento quanto à idade e à quantidade de atletas por categorias está descrito na Tabela 2.

Tabela 2 - Categorias e idades dos estudantes desportistas do programa FURB Esporte.

Categorias	Sub-15	%	Sub-17	%	Sub-20	%	Adulto	%
Quantidade	30	28	34	32	23	21	21	19
Idade	13-15 anos	%	16-17 anos	%	18-20 anos	%	Mais de 21 anos	%
Quantidade	44	41	26	24	21	19	17	16

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

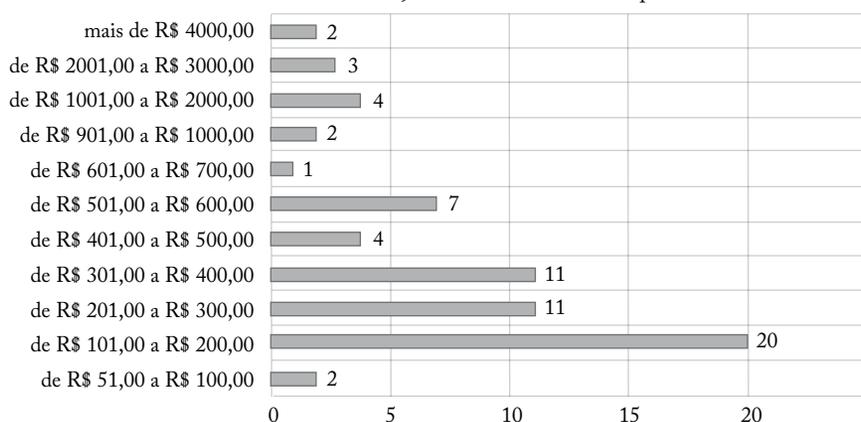
Considerando ambos os gêneros, n(70) 65% dos atletas estão inseridos na faixa etária entre 13 e 21 anos de idade e a maior concentração de atletas está nas categorias sub-15 e sub-17. Dos 108 estudantes/atletas entrevistados e inseridos no programa, 94 são procedentes de Blumenau, seis de

Gaspar, dois de Jaraguá do Sul, dois de Indaial, dois são de fora do estado de Santa Catarina (um de MG e outro do PR) e outros dois procedentes de outro país (Chile).

De maneira similar entre os sexos, com relação ao meio de locomoção que tinham para se deslocar ao local de treinamento, observou-se que: n(63) 53% - ônibus, n(32) 27% - carro, n(15) 12% - a pé, n(2) 2% - bicicleta, n(7) 6% - outros (van/moto).

A grande maioria dos atletas, n(90) 83%, disse não possuir emprego, contra n(18) 17% que falaram possuir. Dos 108 entrevistados, n(67) 62% relataram receber remuneração mensal advinda do esporte, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Remuneração mensal advinda do esporte.

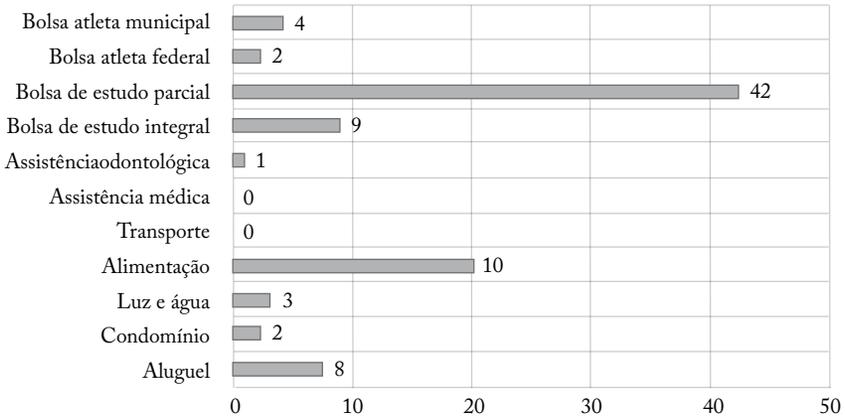


Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Constata-se no Gráfico 1 que existe uma predominância de renda mensal dos atletas que recebem até R\$ 400,00, porém 38% (n=41) dos estudantes/atletas disseram não receber remuneração advinda do esporte. Também se verificou os benefícios recebidos pelos atletas, nos quais 57% (n=62) afirmaram receber outros tipos de benefícios e 43% (n=46) disseram não receber.

No Gráfico 2, é possível identificar quais são os benefícios recebidos pelos estudantes/atletas e destaca-se que estes podem ser acumulativos.

Gráfico 2 – Benefícios recebidos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Constata-se que as bolsas de estudo integrais e parciais são os principais benefícios recebidos pelos estudantes/atletas que se encontram no Ensino Médio ou na Graduação, os quais foram identificados que n(51) 47% disseram possuir bolsas de estudo e n(57) 53% não as possuíam. Destes, 51 atletas n(42) são beneficiados por bolsas de estudo parciais e n(9) são beneficiados integralmente.

Korsakas e Dante (2002), ao escreverem o artigo “Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica”, discorrem que, ao se analisar o esporte escolar, não são raras as vezes em que a grande preocupação de ter equipes competitivas nas escolas se sobrepõe à intenção de ensinar o esporte para os alunos. Os autores ainda afirmam que qualquer proposta pedagógica é facilmente substituída por um determinado número de bolsas de estudo oferecidas a alguns poucos talentos, e as aulas de Educação Física se transformam em celeiros de atletas.

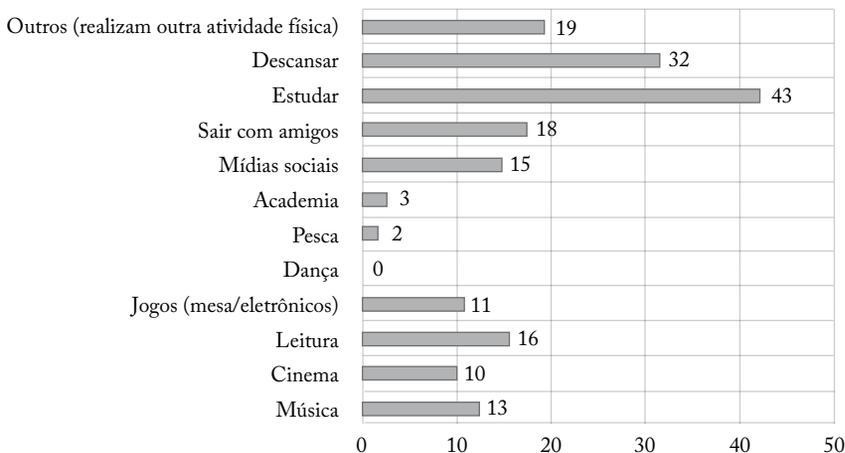
Não se discorda deste posicionamento, porém, ao se analisar a estrutura social, familiar e financeira de muitos atletas, percebe-se que sem o esporte dificilmente o estudante/atleta teria condições de frequentar o Ensino Superior no Brasil. Nesse sentido, o programa FURB Esportes procura desenvolver parcerias com os clubes citados anteriormente, no intuito de fomentar a prática da modalidade esportiva, possibilitando ao estudante/atleta o recebimento de bolsa de estudo parcial ou integral

advinda do seu mérito esportivo. Para alunos não esportistas, a universidade possui outras formas de acesso de bolsas de estudo, mas que não são objeto deste estudo.

Seidman (1995 apud SARTORI, 2003) argumenta que a participação extracurricular está correlacionada positivamente com autoestima, atividades políticas e sociais, baixos níveis de delinquência infantil e ainda na melhoria das relações interpessoais. Acredita-se, ainda, que a possibilidade de almejar o Ensino Superior gratuito ou com isenção parcial do valor da mensalidade é um fator motivacional que faz o estudante/atleta aumentar sua aderência ao esporte e ao estudo no contraturno escolar.

Os entrevistados também foram questionados sobre como ocupam seus horários de folga e lazer. Observa-se, no Gráfico 3, que eles preferem estudar, descansar, realizar outras atividades esportivas e fazer atividades de leitura no seu tempo livre.

Gráfico 3 – Forma de ocupação do tempo livre pelos atletas do FURB Esporte.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Peserico, Kravchychyn e Bássoli (2015), em um estudo realizado com a finalidade de verificar a relação entre esporte e desempenho escolar, constataram o número horas semanais dedicadas ao estudo extraclasse: 30 estudantes/atletas (50,85%) estudam seis horas ou menos; 22 (37,29%), de sete a 12 horas; quatro (6,78%), de 15 a 18 horas; e três (5,8%), de 19 a 24 horas. Resultados diferentes foram encontrados neste

estudo, em que os estudantes/atletas preferem utilizar seu tempo livre preferencialmente estudando ou descansando. Aqui também se verifica o índice de aprovação dos estudantes, comparando uma amostra de 59 estudantes/atletas com 572 estudantes não atletas: 96,61% dos estudantes/atletas contra 94,93% dos não atletas.

Isso permite postular que o fato de os estudantes/atletas ocuparem seu tempo livre estudando pode estar relacionado que a maioria deles se encontra em idade escolar e, possivelmente, atribui importância à bolsa de estudo recebida – a universidade utiliza como critério para a sua manutenção ou renovação o aproveitamento acadêmico em, no mínimo, 60% das disciplinas matriculadas no semestre anterior (para estudantes/atletas matriculados em cursos de Graduação) e, no caso do Ensino Médio, da aprovação da série em que eles estiverem matriculados.

Soares, Aranha e Antunes (2013) fizeram um estudo similar com estudantes portugueses no ciclo secundário, no qual concluíram que a prática esportiva não parece ter relação com as taxas de reprovação.

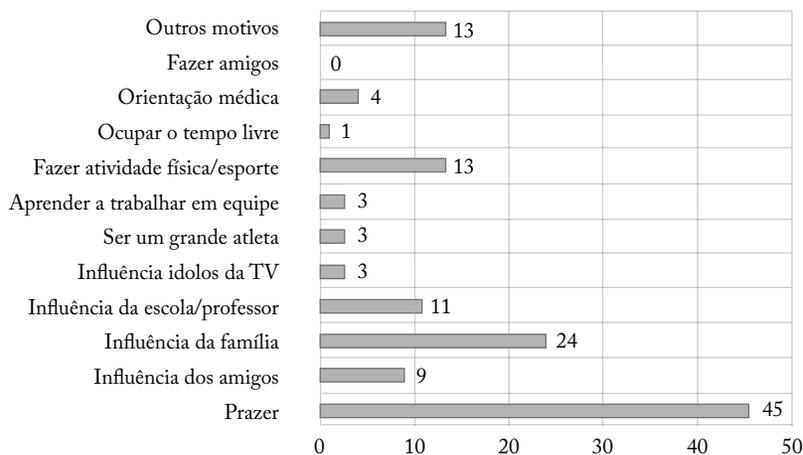
Entender o que leva um indivíduo a praticar determinada atividade esportiva e ainda compreender o que faz com que um sujeito esteja mais motivado do que o outro corresponde a um dos fatores com mais relevância para o bom desempenho do atleta, seja de iniciação ou de alto rendimento.

Conforme Machado (2006), a motivação é o processo que é iniciado por um impulso ou um motivo, o qual levará o sujeito a optar por executar algo. Após a escolha, este impulso permanecerá mantendo o sujeito no processo até que atinja os objetivos traçados na escolha daquilo que se propôs a fazer.

Samulski (2002) destaca que a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, a qual depende de fatores internos (pessoais) e externos (ambientais). O motivo interno, ou seja, a motivação intrínseca se refere aos motivos determinados pelo sujeito; já o motivo externo é a motivação extrínseca e pode ser representado pela torcida ou simplesmente pelos companheiros de equipe. Dessa maneira, os fatores internos e externos formam uma ligação entre a conquista e o objetivo.

Desta forma, buscou-se identificar os fatores motivacionais que levaram os estudantes/atletas a escolher a modalidade desportiva.

Gráfico 4 – Principal motivo que o levou à prática da modalidade esportiva.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Os principais motivos que levaram os jovens à prática de suas respectivas modalidades se deram por: n(45) 33% - prazer, n(24) 17% - influência da família e n(18) 13% - influência da escola/professor. Zanetti, Lavoura e Machado (2008), em um estudo realizado sobre motivação no esporte infantojuvenil, encontraram dados similares ao deste estudo, em que a prática da modalidade também foi mais influenciada pelos fatores prazer e família, distanciado da busca pela competição.

Yamaji e Guedes (2015) postulam que jovens considerados como motivados intrinsecamente são os que praticam esporte por considerar interessante, por querer conhecer algo mais acerca de sua prática ou pelo prazer de superar a si próprio. Para os autores, é importante demarcar e conhecer os motivos que podem levar os jovens a praticar esporte, e a identificação de motivos subjacentes possibilita delinear ações de maneira mais efetiva que possam promover clima motivacional favorável e permitir aos jovens mais oportunidades de alcançarem suas metas, elevando, desse modo, as chances de aderência aos programas de esporte e, por consequência, minimizando eventual possibilidade de abandono.

Procurou-se também identificar em qual local os atletas entrevistados começaram a praticar a modalidade esportiva: 45,41% iniciaram sua prática desportiva nas aulas de Educação Física escolar, 28,26%

na prática da modalidade em polos de iniciação desportiva que a Fundação Municipal de Desporto de Blumenau/SC mantém como forma de estímulo ao esporte e fomento de atividade física no contraturno escolar, 16,15% em escolinhas da modalidade mantidas pela iniciativa privada, 16,15% em clubes da cidade, 3,3% em atividades oferecidas pela própria escola no contraturno escolar.

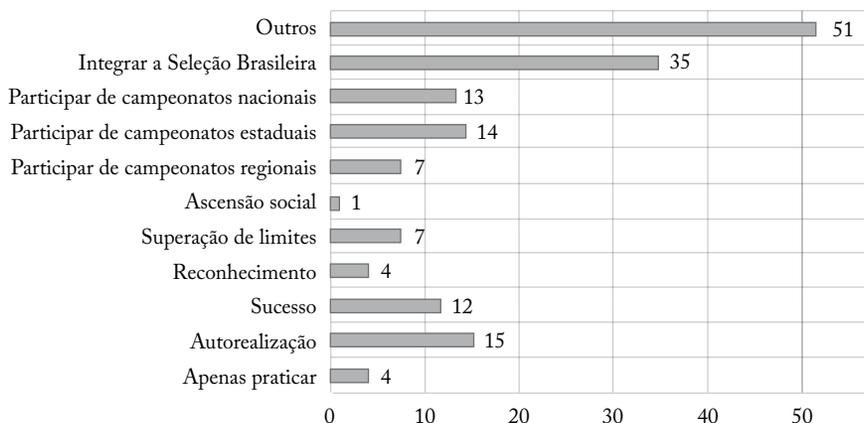
Marques e Samulski (2009), visando identificar a trajetória que levou os adolescentes jogadores de futebol a começarem no esporte, perguntaram onde eles aprenderam a jogar: 33,9% indicaram a escolinha como local de aprendizagem e 1,1% que aprenderam no colégio, tendo resultados divergentes em relação ao presente estudo.

Segundo Yamaji e Guedes (2015), os motivos que podem mobilizar os jovens para a prática de esporte são identificados, dimensionados e ordenados mediante a utilização de questionários autoadministrados específicos. Via de regra, questionários para atender a essa finalidade são propostos por intermédio da apresentação de itens equivalentes a determinado elenco de possíveis motivos previamente concebidos, agrupados em fatores de motivação, associados à prática de esportes.

A importância de compreender os objetivos da permanência na modalidade esportiva também é um ponto significativo na perspectiva motivacional. Lemos (1993 apud SALEIRO, 2004) destaca que o conceito de objetivo se refere ao que o sujeito quer, pretende, valoriza ou procura conseguir e é visto, na motivação, como cognições orientadoras de ação.

Conforme o Gráfico 5, há objetivos distintos que podem variar de acordo com as realizações e o comportamento a eles associados. Destaca-se a opção “outros”, na qual n(51) atletas expressam os seguintes objetivos conforme maior frequência das respostas: 11 atletas pretendem jogar profissionalmente, dez almejam participar/ganhar em competições internacionais (mundial, olimpíadas, jogos pan-americanos), oito vencer o campeonato brasileiro de sua modalidade e sete pretendem obter bolsas de estudo. Integrar a Seleção Brasileira de suas respectivas modalidades obteve o segundo maior destaque n(35), autorrealização com n(15), seguidos de participar de campeonatos nacionais e estaduais, e sucesso, com menor expressão n(12).

Gráfico 5 – Principal objetivo ao praticar o esporte.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Bompa (2002) destaca que, ao iniciarem suas participações em competições escolares, os jovens sonham em galgar o caminho do alto rendimento, visto serem os esportes coletivos dinâmicos, excitantes, espetaculares e complexos, cativando quase todos os adolescentes que sonham em se tornar grandes atletas.

Outra questão foi identificar qual o nível de importância que os estudantes/atletas atribuíam ao esporte. Assim como no questionamento anterior, a opção “outros” obteve destaque, com n(55) entrevistados, conforme as respostas: n(16) - valores desenvolvidos pelo esporte, n(11) - fazer o que gosta, n(17) - saúde advinda da prática desportiva, n(8) - formação profissional/acadêmica, n(3) - superação de seus limites. Como segundo maior destaque, n(43) - melhoria da condição física, n(27) - pretendem seguir carreira na modalidade, n(23) - ser importante por melhorar nos estudos.

Interdonato (2008), em seu estudo intitulado “Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva”, encontrou como um dos principais motivos atribuídos à importância do esporte o que se refere, principalmente, ao sucesso (ser o melhor), à saúde, ao lazer, à amizade e à melhoria da condição física. Para Alves et al. (2005), apesar de alguns estudos longitudinais indicarem fraca ou modesta correlação entre atividade física na infância e na vida adulta, outros apontam que crianças e adolescentes que se mantêm fisicamente ativos apresentam probabilidade menor de se tornarem adultos sedentários.

Para Tassitano et. al. (2007), há evidências de que a atividade física traz ao adolescente benefícios associados à saúde esquelética, à pressão sanguínea e ao combate à obesidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou revelar, de modo geral, a aproximação da universidade com o universo investigado, permitindo conhecer as características dos estudantes/atletas e possibilitou coletar informações relevantes com o propósito de promover a prática de esportes na população jovem.

Os resultados encontrados revelaram que a maioria dos jovens possui idade média de 17,37 anos e pertence às categorias sub-15 e sub-17, 62% recebem remuneração mensal advinda do esporte e 57% disseram receber outros tipos de benefícios. Desses benefícios, 51 entrevistados são contemplados com bolsas de estudo parciais e, em menor escala, com bolsas integrais, com nível de escolaridade variando entre o Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Os participantes, por fim, assumiram gostar mais de estudar e descansar em seu tempo livre, ocupando seus horários de folga e de lazer. Sobre o ingresso na modalidade, houve um predomínio da prática por meio das aulas de Educação Física nas escolas e, posteriormente, objetivam ingressar em clubes ou seleções, tendo como principal fator de motivação o prazer pelo esporte que praticam.

Os sujeitos do estudo se perceberam motivados para a prática de esporte, sobretudo por motivos vinculados à formação acadêmica associada às bolsas de estudo proporcionadas pela universidade, o que permite postular sobre que a inserção do jovem na prática de esporte de rendimento contribui para a sua formação acadêmica. Não ficou evidenciado que a prática esportiva tem relação com as taxas de aprovação e reprovação, porém neste estudo há indícios de uma predisposição em preencher o tempo livre com atividades escolares.

Há evidências que aproximar a universidade dos sujeitos do estudo favorece a articulação de serviços e a proposição de projetos de pesquisa e extensão, atendendo às necessidades e/ou demandas das equipes apoiadas de modo a potencializar o desenvolvimento desportivo dos atletas das modalidades, bem como seu desenvolvimento intelectual.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. G. B. et al. Prática de esportes durante a adolescência e atividade física de lazer na vida adulta. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 291-294, set.-out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n5/27591.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2012.

BOMPA, T. O. *Treinamento total para jovens campeões*. Barueri: Manole, 2002.

CARNEIRO, C. B. L. Concepções sobre pobreza e alguns desafios para a intervenção social. *Serviço social & sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 84, p. 66-90, nov. 2005.

FARIA, D. S. *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. Brasília: UnB, 2001. 185 p.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, 2012. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2012.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. *Revista de Administração (RAUSP)*, São Paulo, v. 35, n. 3, jul.-set. 2000, p. 105-112.

INTERDONATO, G. C. et al. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 63-66, jan.-mar. 2008.

KORSAKAS, P.; DANTE, R. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1354/1057>>. Acesso em: 10 set. 2002.

MACHADO, A. A. *Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-19, abr.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16714/18427>>. Acesso em: 10 set. 2012.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, set.-dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3580/1975>>. Acesso em: 15 set. 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Esporte para o desenvolvimento e a paz*: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio. Relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz. ONU: Genebra, 2003. 55 p. Disponível em: <<http://www.pitangui.uepg.br/nep/documentos/ESPORTE%20E%20PAZ.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

PESERICO, C. S.; KRAVCHYCHYN, C.; BÁSSOLI, A. A. O. Análise da relação entre esporte e desempenho escolar: um estudo de caso. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 2, abr.-jun. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/27965/18782>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SALEIRO, F. *Objetivos motivacionais e rendimento escolar: relação com a autoestima, o autoconceito acadêmico e a qualidade da relação familiar em alunos do 12º ano de escolaridade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/882/1/DM%20SALE1.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte*. Barueri: Manole, 2002.

SARTORI, R. F. *Projeto esporte escolar e o impacto no desenvolvimento de seus*

participantes em uma comunidade de São José (SC). Florianópolis: UFSC, 2003.

SOARES, J. P.; ARANHA, A. M.; ANTUNES, H. R. Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. *Motricidade*, Santa Maria da Feira, v. 9, n. 3, p. 3-11, 2013. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/27/2427>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

TASSITANO, R. M. et al. Atividade física em adolescentes brasileiros: uma revisão Sistemática. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 55-60, 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Instrumentos para identificar os motivos para prática de esporte: opções disponíveis na literatura. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 180-202, jan.-mar. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/30015/18332>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ZANETTI, M. C.; LAVOURA T. N.; MACHADO, A. A. Motivação no esporte infanto juvenil. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 6, n. especial, p. 438-447, jul. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637847/5538>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

PORTAL EDUCAÇÃO FÍSICA JOINVILLE E REGIÃO: A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PARA ESTUDO, DEBATE E VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MEIO DIGITAL

MARCOS ALEXANDRE MARTINS RIBEIRO¹

GEOVAH GUILHERME DE MOURA

RUAN FELIPHE MARESANA

THIAGO CAMARGO

DIOGO BERNDT

PATRÍCIA ESTHER FENDRICH MAGRI

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje em uma era de inclusão digital, na qual a informação chega cada vez mais rápido (MOURA; MAGRI, 2016). Nesta era, surge um novo contexto: o contexto da velocidade e da diversificação dos meios pelos quais as informações são disponibilizadas a todos.

O principal agente deste processo é a internet, que a cada ano recebe milhões de novos usuários. Segundo dados do relatório sobre o acesso global à internet (NEWSROOM, 2015), em 2015 a rede mundial de computadores passou a ter 3,2 bilhões de usuários ao redor do mundo, superando o número de 2,9 bilhões de 2014.

Segundo Takai (2012), a internet é um local no qual as pessoas podem criar espaços de interesses afins, com a capacidade de apresentar novas visões de mundo aos leitores e também incentivar reflexões.

Além disso, ela vem se destacando por ser um espaço no qual todos podem manifestar suas opiniões, compartilhar ideias, pesquisar e debater. Nesse sentido, se constitui como um lugar democrático, pois qualquer pessoa tem a possibilidade de consultar o que está disponibilizado online e também publicar. No entanto, por ter esta característica de construção coletiva, é necessário um olhar crítico sobre tudo o que está compartilhado.

¹Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). E-mail: marcos.a.m.ribeiro@gmail.com

Antes do seu surgimento e da sua popularização, os meios de pesquisa ou de expor ideias se resumiam ao meio impresso (jornais, livros, enciclopédias). Todos estes meios de comunicação, antes de serem divulgados, passavam por uma rigorosa edição e revisão, acrescentando a eles um padrão de qualidade e, principalmente, de confiabilidade sobre a informação que ali se encontrava.

No meio digital, porém, não há uma revisão ou edição sobre tudo aquilo que está publicado, exigindo dos leitores, portanto, uma seleção crítica dos conteúdos encontrados neste meio.

Em uma rápida busca por qualquer tema é possível encontrar milhares de materiais, sejam eles publicados por autores, em nome de instituições ou até mesmo anonimamente. Entre tantos eles, achar aquilo que é do interesse da presente pesquisa, muitas vezes, pode se tornar uma atividade que demanda muito tempo e muita leitura crítica. A busca pelo termo “Educação Física”, por exemplo, se pesquisado em um popular website de buscas, retorna em aproximadamente 10.800.000 resultados.

Em suma, a internet oferece facilidades em termos de acesso a materiais e algumas dificuldades em relação à confiabilidade do que encontrar. De qualquer forma “a internet possibilita aos estudantes e professores acesso a um rico repositório de informações que podem estar na forma de textos, gráficos, figuras, sons, imagens e vídeo” (MORAES, 2012, p. 89).

Nos últimos anos, é possível constatar o aumento do interesse pela Educação Física no Brasil, talvez impulsionado pelo aumento do interesse da população brasileira pelas atividades físicas (GANDRA; CORRÊA, 2016).

Observando o crescimento do interesse pela área da Educação Física em todos os meios, inclusive no meio digital, e observando o aumento da oferta de materiais sobre a área neste espaço, o Portal Educação Física Joinville e Região <portaledfisica.com.br> foi criado por um grupo de profissionais e acadêmicos da área com o objetivo de se tornar um ambiente de construção coletiva, disponibilizando conteúdo de qualidade e confiabilidade, contribuindo, assim, para a valorização da Educação Física (2016).

OBJETIVOS DO PORTAL

- Ser um espaço de referência em conteúdo para a Educação Física no meio digital.
- Disponibilizar um espaço de construção coletiva, centralizando materiais desenvolvidos e disponibilizados por profissionais e acadêmicos da área.

- Valorizar a Educação Física, por meio da divulgação dos trabalhos realizados por profissionais que fazem a diferença em sua atuação.
- Promover eventos que sejam relevantes para acadêmicos e profissionais de Educação Física, auxiliando na formação inicial e continuada.

JUSTIFICATIVA

Encontrar materiais que possam ser utilizados pelo profissional de Educação Física no seu dia a dia é uma atividade que demanda tempo e análise crítica de tudo o que está disponível, seja em livros, seja no meio digital.

O meio mais rápido de pesquisa que se tem à disposição no momento é a internet e grande parte da população tem acesso a ela, inclusive os profissionais de Educação Física.

Como espaço de construção coletiva, ela abriga milhares de páginas a respeito da Educação Física. Neste grande número de páginas, é possível encontrar diversos textos, artigos, conceitos, sugestões de atividades, exercícios, entre outros materiais. Esta grande quantidade de conteúdo pode gerar dificuldade para encontrar informações quando se busca algo específico.

Percebendo tal dificuldade e visando ser uma ferramenta de auxílio para os profissionais e para os acadêmicos, o Portal Educação Física Joinville e Região foi ao ar no ano de 2016, com enfoque inicial para Joinville/SC, cidade origem dos idealizadores do projeto. Em seu primeiro ano, o Portal recebeu a visita de mais de 2.000 pessoas, entre acadêmicos e profissionais, em suas páginas.

Anexa ao Portal, a *Revista Portal Educação Física* (ISSN: 2526-0898) foi lançada em dezembro de 2016, tornando-se a primeira revista da área na região, reunindo trabalhos de pesquisas realizados em Joinville e Região. Em suas duas edições, a revista recebeu a contribuição de 19 autores, que buscavam uma publicação para divulgar seus trabalhos de pesquisa.

Os números de acesso ao site têm crescido mês a mês desde o seu lançamento, inclusive de outras regiões para além da qual o Portal foi inicialmente criado.

Os excelentes números conquistados em pouco mais de um ano de trabalho têm justificado a sua criação e manutenção online, pois, embora existam diversas páginas da área da Educação Física, o Portal Educação Física Joinville e Região vêm conquistando seu espaço e se tornando uma opção a mais para os profissionais e acadêmicos que buscam informações, pesquisas e serviços da área na internet.

Seu caráter coletivo tem contribuído com a construção do conteúdo que é disponibilizado, dando ao Portal a identidade mais próxima possível da realidade do profissional de Educação Física no seu dia a dia.

DESENVOLVIMENTO

A construção do Portal Educação Física Joinville e Região já havia sido idealizada em 2015, mas foi somente em 2016 que começou a ganhar forma.

As páginas de internet têm como característica a possibilidade de serem modificadas muitas vezes e foi exatamente dessa forma que ocorreu. Sua construção é algo constante, o que exige atualização quase que diária e modificações de layout sempre que forem necessárias.

A Tabela 1 demonstra o cronograma de criação e desenvolvimento do Portal, na cronologia de maio/2016 a junho/2017.

Tabela 1 – Cronograma de criação do Portal Educação Física Joinville e Região.

Atividade	maio/16	jun./16	jul./16	ago./16	set./16	out./16	nov./16	dez./16	jan./17	fev./17	mar./17	abr./17	maio/17	jun./17
Compra do domínio na web	X													
Contratação de uma empresa para o desenvolvimento do layout		X												
Criação da fanpage no Facebook							X							
Criação e obtenção do ISSN para a revista científica							X							
Realização de palestras									X			X		
Produção de conteúdo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Conforme a Tabela 1, o domínio foi adquirido em maio de 2016 e o lançamento do website, com o layout atual, ocorreu em junho de 2016, após a contratação de uma empresa especializada.

Durante os meses subsequentes, percebeu-se a necessidade de criação de uma página específica em uma rede social (neste caso, o Facebook) para aproximar o site do público, que antes se limitava a quem buscava por conteúdo na internet e encontrava a página ou a quem já conhecia o link do Portal.

No mês de novembro de 2016, após o processo de verificação por parte do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o periódico do Portal Educação Física recebeu o International Standart Serial Number (ISSN) e se tornou oficialmente uma revista científica, habilitada, desta forma, para a sua primeira publicação – que ocorreu em dezembro de 2016.

Para além do meio digital, o Portal Educação Física Joinville e Região buscou também realizar alguns eventos presenciais com o objetivo de valorizar ainda mais a área e que só foram possíveis por meio de parcerias com universidades, com os profissionais que aceitaram o convite de participar e com o engajamento obtido por meio do site e da rede social.

O primeiro evento presencial foi realizado em janeiro de 2017: uma palestra com um atleta joinvilense mundialmente conhecido e que contou com um público de aproximadamente 50 participantes.

O segundo evento foi uma palestra sobre empreendedorismo com um profissional de Educação Física que se destacou no âmbito deste tema. O encontro foi possível com a parceria de uma universidade, que cedeu o espaço para a realização do evento, e contou com aproximadamente 150 participantes. Ambos os eventos foram gratuitos para o público.

A produção de conteúdo para o site e para a página da rede social é um trabalho constante e que conta com a colaboração de uma equipe de cinco profissionais da área, responsáveis pela sua manutenção no ar (custos) e com a produção de conteúdo e atualização. O Portal ainda disponibiliza aos leitores a possibilidade de enviar suas contribuições, por meio do e-mail de contato.

RESULTADOS

Desde a sua criação, o Portal Educação Física Joinville e Região tem recebido visitas diárias, se consolidando como uma referência de conteúdo na área da Educação Física na internet. As visitas e contribuições recebidas até o momento têm demonstrado a expansão do projeto a diferentes regiões do país, para além das áreas nas quais o projeto foi originalmente elaborado.

A Tabela 2 mostra o número de visitantes e visualizações na página (dados atualizados em 16/06/2017, às 9h45):

Tabela 2 – Estatísticas de acesso.

Página	Visitantes	Visualizações
Portal Educação Física	1.430	2.652
Entrevistas e colunas	425	758
Revista Portal Educação Física	240	719
Biblioteca de aulas	508	2.050
Outras páginas	101	820
Total	2.704	6.999

Fonte: Elaborada pelos autores (2017). **Obs.:** o número de visualizações maior que o número de visitantes indica que um mesmo visitante esteve na mesma página mais de uma vez.

O número de acessos e visualizações pode ser considerado como referência da popularidade de uma página na internet. É dessa forma que se pode estimar se o público-alvo está sendo atingido, e o tempo médio que os leitores passam visualizando os conteúdos disponíveis indica se os conteúdos são relevantes. Até o momento da publicação do presente trabalho, o número de pessoas que acessaram as páginas do portal foi de 2.704, gerando um total de visualização de 6.999. É importante ressaltar que esses dados se modificam a cada dia conforme os acessos ocorrem.

Além dos números do site, podem-se citar as 526 pessoas (atualizado em 16/06/2017, às 09h45) que acompanham a página pela rede social e interagem com cliques, comentários e compartilhamentos.

A revista científica teve até o presente momento 19 artigos científicos publicados com pesquisas realizadas em Joinville e região, gerando a leitura por parte de 240 pessoas, segundo as estatísticas de visualizações.

A área de colunas e entrevistas teve até o momento nove contribuições, sendo de seis profissionais de Educação Física e três de atletas de Joinville ou região, gerando um total de 758 visualizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O site surgiu da observação de alguns profissionais da falta de um espaço de construção coletiva e com material confiável para a Educação Física na internet.

Em pouco mais de um ano de trabalho, o Portal tem atingido os obje-

tivos para os quais foi criado: ser uma conexão entre o conhecimento e as pessoas que constroem a Educação Física no dia a dia.

Há de se ressaltar que um portal online não substitui o modo tradicional de se pesquisar ou construir o conhecimento, e nem foi este o objetivo ao ser criado. O Portal Educação Física Joinville e Região contribuir e complementar com as plataformas de pesquisa já existentes, sendo uma excelente opção no meio digital.

Os resultados alcançados até o momento demonstram o potencial que o meio digital tem e o interesse e engajamento de profissionais e acadêmicos a participar de um projeto como este seja contribuindo com conteúdo, sendo um leitor do conteúdo publicado ou até mesmo assistindo aos eventos realizados.

O Portal Educação Física Joinville e Região, assim como a internet, não é um espaço que está “pronto”, mas sim é um espaço que se constrói a cada dia e convida a todos que tenham interesse em contribuir para participar.

RECOMENDAÇÕES PARA REPLICAÇÃO DA PRÁTICA

Um portal online demanda custos para a sua aplicação: a compra do domínio, a hospedagem, a produção de conteúdo, entre outros.

O Portal Educação Física Joinville e Região só tem sido possível por meio da colaboração dos voluntários que o mantém, o que torna um custo mensal muito baixo quando dividido entre os vários colaboradores.

Outra demanda em um projeto como este é o tempo para a criação de material relevante para publicação e atualização das páginas. Da mesma forma como ocorre com os custos, o site tem sido mantido atualizado por meio da colaboração dos voluntários, os quais mantêm a página no ar, e dos leitores – que enviam suas contribuições.

O Portal Educação Física Joinville e Região foi criado inicialmente com o objetivo de ser referência na região de Joinville e, embora até a publicação do presente trabalho já tenha se expandido para outras regiões do país, novos portais certamente virão a somar em quantidade e qualidade.

A contribuição para a página do Portal Educação Física Joinville e Região se mantém sempre aberta a todos aqueles que queiram agregar conteúdo e compartilhar suas ideias, suas práticas e, conseqüentemente, valorizar a área.

REFERÊNCIAS

GANDRA, A.; CORRÊA, D. Prática de exercícios cresce no país, mas ainda não é o ideal, diz pesquisa. *Empresa Brasil de Comunicações (EBC)*, Rio de Janeiro, 6 out. 2016, Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/cresce-no-pais-numero-de-pessoas-fazendo-atividade-fisica-mas-ainda-nao-e-o>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

MORAES, M. C. Do ponto de interrogação ao ponto: a utilização dos recursos da internet na educação pela pesquisa. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. do R. (Org.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos*. 3. ed. Porto Alegre: PUC-RS, 2012.

MOURA, G. G.; MAGRI, P. E. F. Letramento digital no processo de ensino aprendizagem nas aulas de Educação Física. *Revista Portal Educação Física*, Joinville, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2016. Disponível em: <http://portaledfisica.emdesenvolvimento.net/wp-content/uploads/sites/454/2016/12/Artigo_2.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO FÍSICA JOINVILLE E REGIÃO. Joinville, 2016. Disponível em: <www.portaledfisica.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2017.

NEWSROOM. *State of connectivity 2015: a report on global internet access*. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/news/2016/02/state-of-connectivity-2015-a-report-on-global-internet-access/>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

TAKAI, N. H. *Letramentos na sociedade digital: navegar não é preciso*. Jundiaí: Paco, 2012.

PRÁTICAS CORPORAIS NA ATENÇÃO BÁSICA: VIVÊNCIAS DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA INSERIDOS NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM ATENÇÃO BÁSICA / SAÚDE DA FAMÍLIA E ATUANDO NO NASF DE MUNICÍPIOS DO LITORAL NORTE CATARINENSE

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA JUNIOR¹

Educação Física – Bacharelado | Universidade Estadual de Londrina (UEL)

ALEXANDRE FLORIANO GOMES²

Educação Física – Bacharelado | Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

DANIELA DA SILVA WERNER³

Educação Física – Licenciatura Plena | Universidade Regional de Blumenau (FURB)

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve um aumento da inserção das práticas corporais e atividade física, bem como do Profissional de Educação Física (PEF) no Sistema Único de Saúde (SUS). Esse fato se deu principalmente pela criação da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) em 2006, do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) e do Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET Saúde) em 2008 e pelo Programa Academia da Saúde em 2011 (MENDES; CARVALHO, 2016), além da criação das residências multiprofissionais em área profissional da saúde, a partir da promulgação da Lei n° 11.129/2005.

Os NASF são equipes multiprofissionais, formadas por profissionais de diferentes especialidades que foram criadas para atuar de maneira integrada com os profissionais que compõem a Estratégia de Saúde da Famí-

¹ Autor principal. Endereço para contato: jj.educauel@gmail.com

Cursando Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família – UNIVALI.

²Endereço para contato: xande.bboy@hotmail.com

Cursando Pós-Graduação em Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família – UNIVALI. Cursando Pós-Graduação em Práticas Integrativas e Complementares – instituto FISIOMAR – Itajaí. Cursando Pós-Graduação em Condicionamento Físico e Saúde no Envelhecimento (EaD) – Estácio de Sá – Florianópolis.

³Endereço para contato: danisilva.edf@gmail.com

Cursando Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família – UNIVALI.

lia (ESF), compartilhando práticas e saberes em saúde com as equipes de referência apoiadas. O trabalho do NASF é orientado pelo apoio matricial e isso se materializa por meio do compartilhamento de problemas, da troca de saberes e práticas entre os diversos profissionais e da articulação de intervenções, levando em consideração as especificações comuns entre todos os profissionais e as específicas entre profissionais da ESF e de cada profissional do NASF (BRASIL, 2014).

O PEF é um dos especialistas que podem compor as equipes de NASF, porém ele ainda encontra alguns desafios na atuação deste contexto. Apesar das grandes possibilidades do PEF e das práticas corporais no SUS, elas ainda são predominantemente orientadas de maneira prescritivas, culpabilizadoras e moralistas, partindo de um modelo centrado na dimensão biológica. Isso se dá pelo fato de que esse modelo é fortemente reproduzido na formação de grande parte dos cursos das áreas da saúde (FÉLIX et al., 2014). Pensar na atuação do PEF, reproduzindo este modelo, é reduzir as possibilidades desta área em favorecer a consolidação do SUS e a afirmação de seus princípios (BUENO, 2016).

As práticas corporais inseridas no campo da Saúde Coletiva vão muito além do gasto energético:

Essas práticas ampliam as possibilidades de encontrar, escutar, observar e mobilizar as pessoas adoecidas para que, no processo de cuidar do corpo, elas efetivamente construam relações de vínculo, de corresponsabilidade, autônomas, inovadoras e socialmente inclusivas, de modo a valorizar e otimizar o uso dos espaços públicos de convivência e de produção de saúde, que podem ser os parques, as praças e as ruas (CARVALHO, 2006, p. 33-34).

Com o intuito de formar profissionais capacitados para a atuação no SUS, foram criadas, a partir da Lei nº 11.129/2005, as Residências Multiprofissionais e em Área Multiprofissional em Saúde, embora já existissem programas muito antes disso, como na Universidade São José do Murialdo, em 1978 (BRASIL, 2006).

No estado de Santa Catarina, existem alguns programas de residência multiprofissional em saúde que incluem o PEF, como em Florianópolis – que conta com o programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UFSC), e o de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, vinculada à prefeitura do município –; em Criciúma – pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que conta com dois pro-

gramas: a Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família e a Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva, além da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), que conta com o programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família, com atuação em diferentes municípios: Itajaí, Brusque, Itapema, Navegantes e Balneário Piçarras.

As diferentes vivências experimentadas no campo da saúde pública, permeadas pelas Residências Multiprofissionais em Saúde, permitem reconstruções de abordagens e conceitos práticos na Saúde Coletiva, as quais ocorrem mediante diferentes conceitos, caminhos e métodos na formação. Tais aspectos formativos têm como finalidade a formação continuada de profissionais da saúde sensíveis aos aspectos multidisciplinares que conformam os diferentes cenários do SUS.

O PEF inserido na Atenção Básica (AB) à Saúde, por meio do NASF, não precisa desconsiderar as maneiras prescritivas relacionadas à aptidão física (pautada no modelo biológico), porém suas discussões devem ser baseadas pelas práticas corporais (GONZALES, 2015), desenvolvendo um trabalho em saúde que possibilite emancipação dos sujeitos, aumentando o potencial individual e coletivo para tomadas de decisões a respeito de suas vidas e de sua saúde (BRASIL, 2010).

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo realizar um relato de experiência da atuação de PEF residentes, atuantes nos NASF de diferentes municípios do litoral norte catarinense, refletindo sobre essas práticas no processo de trabalho.

JUSTIFICATIVA

O surgimento deste trabalho veio a partir de rodas de conversa de PEF inseridos na Residência Multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família da UNIVALI que atuam em diferentes municípios (Itajaí, Balneário Piçarras e Itapema).

Nas discussões realizadas, perceberam que cada município tinha uma lógica de funcionamento de NASF e das possibilidades de atuação do PEF, ainda que estes estejam em um mesmo processo formativo.

A formação dentro desse percurso se enquadra em inserções nos cenários de práticas onde o PEF é inserido no NASF dos municípios que atua e em que cumpre a maior parte de sua carga horária. Também estão inclusos estágios em gestão e especialidades do SUS que compõem cada um dos seguintes municípios: Itajaí, Itapema, Balneário Piçarras, Brusque e Navegantes. Além desses conteúdos, aulas teóricas, estudos dirigidos, reflexões críticas e reflexivas mensais, tutorias e preceptorias fazem parte do processo de residência.

O contexto do PEF residente inserido nos NASF (composto por nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, além do profissional de educação física) dos três municípios tem como base o trabalho multiprofissional, sendo este pautado no matriciamento. Esse modelo se justifica visando que as atividades desenvolvidas, sejam elas individuais ou coletivas, são compartilhadas por profissionais do NASF com profissionais da ESF. Porém existem situações em alguns municípios que o trabalho é feito de maneira disciplinar e/ou especializada devido a vários fatores, como o desvio de funções, a elevada demanda absorvida pelo serviço, a não compreensão do trabalho do NASF por parte dos profissionais como um todo, a implantação visando apenas o benefício financeiro (e não a qualificação do serviço), entre outras.

As principais atividades realizadas em comum pelos PEF são: participações em reuniões (com as ESF e com as equipes de NASF), ações programadas de promoção à saúde e prevenção de doenças dando apoio às ESF, participação nos grupos regulares das Unidades Básicas de Saúde (UBS), além de grupos específicos de práticas corporais e atividades físicas. Além das atividades citadas, alguns PEF têm a possibilidade de realizar visitas domiciliares, consultas compartilhadas (as quais são sempre realizadas com profissionais do NASF com profissionais da ESF – a não ser em casos de exceção), visando o matriciamento e a corresponsabilização do cuidado.

Além disso, os profissionais do NASF acabam sendo articuladores das redes nas quais participam em reuniões de colegiado com os Centros de Apoio Psicossociais (CAPS), aproximando o contato com as escolas e as UBS, quando necessitam fazer mediação com os serviços de assistência social, entre outros. Em alguns municípios, o PEF atua, principalmente, com grupos voltados a práticas corporais e atividades físicas – sendo que a maioria atua individualmente e ainda está presente no CAPS, em parceria

com a enfermeira e o terapeuta ocupacional (TO), e onde são realizadas atividades diversas, como grupo de conversa/convivência.

A formação pela Residência Multiprofissional faz com que estes profissionais acabem tencionando as práticas que já acontecem nos municípios onde ela é inserida. Tanto nos grupos que já estavam em andamento quanto naqueles que foram criados a partir da inserção dos profissionais residentes, foi possível ampliar a maneira de cuidado para com as pessoas envolvidas, em que muitas vezes as atividades propostas eram centradas no PEF e tinham um caráter centrado somente na prescrição de exercícios. Com o tempo, esses grupos e também aqueles que foram criados passaram a ter um olhar um pouco mais amplo a respeito daquelas pessoas, e outros profissionais passaram a compor e a pensar estes grupos, tornando-os multiprofissionais.

Além dos exercícios, passou-se a realizar espaços para reflexão do modo de vida dessas pessoas, tentando criar metodologias que as auxiliem a lidar com seus problemas e que respondam às necessidades de saúde do ponto de vista individual e coletivo. Além disso, o trabalho com as práticas corporais contribui para ampliar a visão sobre a atenção e o cuidado em saúde, tendo como meta a produção de autonomia, vínculo e corresponsabilidade (MENDES; CARVALHO, 2016).

Além de benefícios biológicos, o exercício passa a ser uma porta de entrada para a inserção dessas pessoas na AB, quando elas passam a se reconhecer como autores de suas vidas, além de se sentirem parte do SUS e de sua comunidade, pois nestes espaços as pessoas constroem vínculos sociais que fortalecem seu território e assumem um importante papel nas suas escolhas (BECCALLI; GOMES, 2016), e também fomentam a participação social na construção do SUS, sendo este um dos princípios deste sistema.

Os grupos são pensados de forma que as pessoas passem a utilizar os espaços públicos e que possam tornar estes espaços geográficos em espaços de convivência e de promoção de saúde, tentando realizar uma discussão mais ampliada. Isso tudo para que os princípios relativos à educação, cidadania e participação social não fiquem restritos à alimentação saudável, atividade física, prevenção ao tabagismo, entre outros (PERES; MELO, 2009).

CONCLUSÃO

A inserção dos PEF residentes inseridos nestes cenários de práticas possibilita o confronto de diferentes realidades, mostrando que, em uma

mesma formação, são vivenciados processos distintos. Essas trocas de experiências fazem refletir sobre como aplicar conteúdos teóricos em diversos cenários nos quais muitas vezes não estão preparados para a mudança.

As principais diferenças encontradas nos cenários de práticas são influenciadas por fatores políticos, pela ideologia e pela formação profissional e cultural, bem como pelo entendimento do trabalho por parte dos atores envolvidos nesse processo. Deve-se destacar, ainda, o movimento contra-hegemônico trazido pela residência multiprofissional nestes municípios, possibilitando a transformação destes locais de práticas.

Nas participações em grupos terapêuticos, o PEF inserido na Residência Multiprofissional tem a possibilidade de realizar visita domiciliar (VD) e consulta compartilhada (CC) – as quais trazem um crescimento muito considerável, visto que são poucas as oportunidades que este profissional tem de realizar tais ações durante sua formação acadêmica ou em outros setores nos quais ele atua.

Principalmente nas VD, o profissional adentra na casa de seus pacientes e este é um momento ímpar para entender seu modo de vida e pensar em um projeto terapêutico que realmente faça sentido para a pessoa. Nas CC, tanto com profissionais do NASF quanto com profissionais da ESF, é possível realizar o matriciamento e ter um olhar mais ampliado em relação às pessoas que são atendidas.

Além disso, os profissionais inseridos no NASF acabam se tornando, de maneira geral, em profissionais de saúde e precisam ter conhecimentos de conteúdos matriciais, principalmente aqueles relacionados ao SUS e às suas redes de cuidado, pois muitas vezes as pessoas que chegam têm necessidades que vão muito além da prescrição de exercícios físicos. Assim, os profissionais que compõem a equipe de NASF, além de várias funções, têm como papel ser um articulador entre as mais variadas redes que compõem a saúde.

A maneira como cada município organiza seu serviço de saúde afeta diretamente na atuação do PEF, sendo que este deve pautar seu trabalho nas práticas corporais, com intuito de promoção à saúde no seu sentido amplificado, independentemente das dificuldades encontradas, levando sempre em consideração o indivíduo na sua integralidade, estimulando a emancipação e o empoderamento sobre suas escolhas.

RECOMENDAÇÃO PARA REPLICAÇÃO

As recomendações aos PEF que atuam no âmbito da saúde (principalmente aqueles vinculados ao SUS) são de que, além da realização de exercícios físicos, trabalhem pelo viés teórico das práticas corporais. Dando esse enfoque, eles conseguirão atingir, além do biológico com os exercícios físicos, a cultura daqueles que fazem parte daquele meio, possibilitando criar um vínculo com aquela população e sentido para quem está inserido nessas práticas.

Este trabalho teve como objetivo também trazer outro olhar sobre a atuação do PEF no SUS, fazendo uma ligação da teoria com a prática, pois esse é o intuito das Residências Multiprofissionais: uma educação em serviço, para auxiliar aqueles que estão inseridos e que ainda vão se inserir, pois é um campo novo para a Educação Física e que está em crescimento, isto é, ainda existe pouco material teórico sobre a atuação do PEF no SUS.

O relato também procurou mostrar a importância do trabalho multiprofissional e da atuação pautada nos princípios do SUS, pois dessa forma está se trazendo mais benefício para a comunidade a qual se está vinculada, porque estes são sujeitos que têm seus próprios anseios e necessidades.

Assim, conhecer o território em que se está inserido é de extrema importância para a realização das práticas, pois, como citado por Monken (2008), é fundamental olhar o território por meio de toda a sua trajetória, modos de organização de suas práticas e serviços de saúde, relações interpessoais, ambientais, políticas e econômicas, vendo-o como resultado de tradições, valores, hábitos, relações de poder, assimilação do fluxo, singularidades de cada contexto sócio-histórico e das suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Residência multiprofissional em saúde: experiências, avanços e desafio*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. *Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf>. Acesso em: 1º out. 2010.

BECCALLI, M. B. GOMES, I. M. Práticas corporais/atividade física e saúde: da mobilização do sujeito ao movimento da constituição de espaços. In: WACHS, F.; ALMEIDA, U. R.; BRANDÃO, F. F. F. *Educação física e saúde coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais*. p. 199-222. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

BUENO, A. X. A educação física na saúde: reflexões acerca do fazer da profissão no SUS. In: WACHS, F.; ALMEIDA, U. R.; BRANDÃO, F. F. F. *Educação física e saúde coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais*. p. 169-198. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

CARVALHO, Y. M. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. *Revista Brasileira de Saúde da Família*, Brasília, v. VII, p. 33-45, 2006.

FÉLIX, J. et al. As diretrizes do NASF e a presença do profissional em Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 222-237, jun. 2014.

GONZALES, F. J. Práticas corporais e o Sistema Único de Saúde: desafios para a intervenção profissional. In: GOMES, I. M.; FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M. *Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação*. Porto Alegre: Rede Unida, 2015.

MENDES, V. M.; CARVALHO, Y. M. Práticas corporais e clínica ampliada: experimentando tessituras para a composição de outros modos de cuidado. In: WACHS, F.; ALMEIDA, U. R.; BRANDÃO, F. F. F. *Educação física e saúde coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais*. p. 169-198. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

MONKEN, M. et al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: MIRANDA, A. C. et al. (Orgs.). *Território, ambiente e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 23-41.

PERES, F. F.; MELO, V. A. Encontros e desencontros: lazer, promoção da saúde e espaços públicos. In: FRAGA, A. et al. *Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos*. Porto Alegre: Gênese, 2009. p. 62-75.

PREVALÊNCIA DE COMPORTAMENTO DE RISCO, HÁBITOS ALIMENTARES E SATISFAÇÃO CORPORAL DOS ESCOLARES DE CRICIÚMA/SC

EDUARDA VALIM PEREIRA¹

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil.

RAFAEL COLARES ANTUNES

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil.

VANISE DOS SANTOS FERREIRA VIERO

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil.

ANA MARIA JESUÍNO VOLPATO

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil.

JONI MARCIO DE FARIAS

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil.

INTRODUÇÃO

Devido à industrialização e urbanização das cidades, observa-se cada vez mais a diminuição de atividades físicas praticadas em décadas anteriores (subir em árvores, correr nas ruas, praticar esportes, entre outras), para um novo paradigma como os jogos em frente à tela, responsáveis pelo aumento nos níveis de inatividade física e a probabilidade de obesidade (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2004).

Uma pesquisa realizada pelo Ministério do Esporte (BRASIL, 2015), com o objetivo de descrever o nível de atividade física da população brasileira, constatou que 32,7% dos adolescentes entre 15 e 19 anos não praticam esporte ou atividade física. Outro estudo desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) revelou baixos níveis de atividade física nos adolescentes, sendo que somente 25% dos adolescentes de 11 anos e 16% de 15 anos estão dentro dos padrões como fisicamente ativos (apud INCHLEY et al., 2016).

Além da diminuição dos níveis de atividade física, atualmente os indivíduos têm se portado de maneira que substituem os alimentos in natura e

¹E-mail: eduardavalim@hotmail.com

minimamente processados por alimentos de preparo rápido e com alto teor de açúcar, sódios e gordura (processados e ultraprocessados) (LOUZADA, 2015; AZEREDO et al., 2015).

A população brasileira tem por tradição a ingestão de alimentos como feijão e arroz, porém ainda demonstra baixo consumo de frutas, verduras e alto consumo de açúcares em refrigerantes e sucos industrializados – ingestão essa com maior manifesto no público adolescente (BRASIL, 2012). Esses costumes podem ocasionar um desequilíbrio nutricional, levando ao sobrepeso e à obesidade (MENDES; CATÃO, 2010).

Dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), desenvolvida pelo IBGE em 2008-2009, revelam uma prevalência de 20,5% para o excesso de peso e 4,9% para a obesidade entre adolescentes de 10 a 19 anos no país (IBGE, 2010). Segundo a OMS (2014) a obesidade pode ser considerada como uma epidemia nacional e internacional, e o seu combate revela-se como um grande desafio para os profissionais e familiares. Dentre as possibilidades de ingestão alimentar, a escola possuiria posição na educação alimentar, mudando a realidade destes escolares, esclarecendo e deixando-os conscientes de seus hábitos e costumes alimentares (BRASIL, 2013; OMS, 2014).

Para Petroski, Pelegrini e Glaner (2012), os fatores acima citados podem ocasionar aumento da insatisfação corporal. A satisfação corporal é definida como a aceitação do próprio corpo e é durante a adolescência que ocorre a maior preocupação com a imagem corporal. Outros estudos mostram que este comportamento é extremamente normal e apresentado em ambos os sexos (PEREIRA et al., 2009; PETROSKI; PELEGRINI; GLANER, 2009; CALLO et al., 2016).

As alterações nas rotinas dos jovens proporcionam mudanças biológicas, comportamentais e sociais durante a juventude e que podem perdurar na vida adulta. Tais rotinas podem ser intensificadas negativamente por outros hábitos como: sexo sem proteção (SASAKI et al., 2015), inatividade física (FERREIRA et al., 2016), hábitos alimentares inadequados (NETO et al., 2015), tabagismo, consumo abusivo de álcool (BEZERRA et al., 2015) e consumo de drogas ilícitas (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016).

Considerando a importante relação entre comportamentos e processos de desenvolvimento de doenças, este trabalho tem como objetivo verificar a prevalência de comportamentos de risco, hábitos alimentares e satisfação corporal, categorizando os resultados por sexo, grau de ensino e rede escolar. O estudo foi realizado em escolas na cidade de Criciúma/SC.

A instituição acadêmica tem importantes funções social e acadêmica, as quais são contempladas no presente estudo: de um lado, há grande relevância científica em estudar a prevalência de hábitos e nível de satisfação de escolares; de outro, os resultados aqui evidenciados contribuem de forma ampla para a sociedade, pois favorecem o entendimento e a aplicação de estratégias para modificar padrões de comportamento inadequados e que atuam como agentes fisiopatológicos.

OBJETIVO GERAL

Verificar a prevalência de comportamentos de risco, hábitos alimentares e satisfação corporal de escolares na cidade de Criciúma/SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar incidências de comportamentos de risco nos adolescentes e categorizá-los por sexo, escolaridade e rede escolar;
- Examinar os hábitos alimentares dos escolares e categorizá-los por sexo, escolaridade e rede escolar;
- Conferir a satisfação corporal dos escolares e categorizá-la por sexo, escolaridade e rede escolar.

JUSTIFICATIVA

Os comportamentos de risco e hábitos nutricionais estão diretamente relacionados a processos fisiopatológicos. Nesse sentido, o perfil atual da maioria da população brasileira adulta é de sobrepeso e obesidade, o que é sabidamente uma consequência de comportamentos inadequados praticados em longo prazo.

Considerando a relevância deste tema, o presente estudo pretende identificar a prevalência destes comportamentos em escolares e categorizá-los por sexo, escolaridade e rede de ensino. Os resultados encontrados permitem a reflexão de futuras e efetivas estratégias de prevenção de doenças.

DESENVOLVIMENTO

Este estudo tem natureza de pesquisa aplicada, com abordagem quantitativa. Todas as tarefas foram realizadas por unidade de ensino e sempre com a

presença de dois ou mais avaliadores, os quais passaram por uma capacitação sobre a aplicação dos testes e questionários, e cuja equipe foi composta por bacharelandos de Educação Física, além de voluntários.

Os protocolos de avaliação do estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), enumerados pelo Protocolo nº 1.125.725.

Os critérios de inclusão aplicados foram: estar matriculado na escola, não apresentar limitações para responder aos instrumentos, ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais ou responsáveis antes do início da coleta e o preenchimento adequado dos instrumentos.

A população foi composta por estudantes do Ensino Fundamental II e Médio das redes municipais (20 escolas), estaduais (22 escolas) e privadas (6 escolas), perfazendo um N total de 17.552 escolares na faixa etária de 10 a 18 anos. A amostra foi randomizada pelo número de turmas, classe, tipo de escola e por sorteio, utilizando a lista da chamada para a escolha, sem qualquer tipo de conhecimento prévio dos pesquisados. Ao final, foram avaliados 652 escolares das redes de ensino municipal (6 escolas), estadual (12 escolas), privada (1 escola), sendo 287 escolares da rede estadual, 142 da rede municipal e 223 da rede privada.

Para o cálculo da amostra, foram considerados como parâmetros estatísticos: prevalência desconhecida para o desfecho igual a 50%, erro estimado em cinco pontos percentuais, efeito de delineamento de 2,0 e nível de confiança de 95%.

O instrumento de pesquisa utilizado foi elaborado a partir da composição de indicadores validados e utilizados em outros estudos nacionais, composto por 30 perguntas fechadas, divididas em quatro blocos: a) identificação; b) hábitos alimentares; c) comportamento de risco; d) satisfação corporal com a metodologia de autopreenchimento na ordem:

A. Identificação: para dados sociodemográficos e nível econômico da família do adolescente, foi utilizado o questionário proposto pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2013): identificação do escolar, idade, sexo, etnia, série/ano e turno escolar, rede de ensino dos indivíduos.

B. Hábitos alimentares: costumes diários e dos últimos sete dias do adolescente, relatando as vezes em que ingeriu alimentos em excesso (açúcar, sal, gordura animal, bobagens e salgadinhos), quantas vezes na semana/dia ingeriu líquidos que possuem cafeína e se comeu uma dieta balanceada diariamente (cinco a 12 porções de grãos ou cereais, cinco a dez porções

de frutas e vegetais, duas a três porções de carnes e duas a quatro porções de leite).

c. **Comportamento de risco:** uso de drogas como maconha, cocaína, anabolizantes e remédios em excessos, prática de sexo seguro, consumo de bebidas alcoólicas (uma dose de bebida corresponde a uma lata de cerveja, uma taça de vinho, uma dose de uísque, pinga, cachaça, rum, vodka), uso de cigarros (que segue a mesma lógica, abordando quantos cigarros fuma por dia, quantos dias que fez uso de cigarros durante os últimos 30 dias e quantos anos tinha quando teve o primeiro contato) e o nível de atividade física pelas atividades realizadas no cotidiano.

d. **Referente ao seu peso corporal:** modificação de hábitos nos últimos 30 dias como: comer menos, cortar calorias, não ingerir alimentos gordurosos, tomar algum remédio/laxantes ou vomitar com o objetivo de perder, ganhar ou manter seu peso corporal e percepção corporal.

A coleta dos dados ocorreu no segundo semestre de 2015, seguindo uma ordem de escolas: municipal, estadual e privada, respectivamente. No primeiro momento, os avaliadores entraram em contato com a direção da escola esclarecendo os objetivos e as propostas do projeto, quando se realizou também o sorteio dos alunos. Após o sorteio, todos foram chamados pela diretora em uma sala separada para que os avaliadores explicassem a pesquisa e entregassem o TCLE para a autorização dos pais. No segundo momento, os participantes foram chamados pela diretora para que respondessem ao questionário em sala separada, sem a presença de nenhum professor, e com auxílio e orientação dos pesquisadores na interpretação de algumas questões.

Os dados coletados foram inseridos em planilhas eletrônicas do *Microsoft Excel* para compor o banco de dados da pesquisa. Na análise quantitativa de dados, foi utilizada a estatística descritiva, utilizando frequência absoluta e relativa das variáveis estudadas, para descrever os perfis dos escolares.

A normalidade dos dados foi analisada por meio do teste *Kolmogorov Smirnov*, sendo identificadas as distribuições normais. Nas variáveis que não apresentaram normalidade, foi aplicada a transformação de dados *Log10*, para verificar as demais variáveis que apresentaram distribuição normal. Para a comparação dos valores médios entre grupos, como sexo, escola e idade, foi utilizado o teste *t* de *Student* para amostras independentes nas variáveis com distribuição normal. Nas demais variáveis, foi utilizado o teste equivalente não paramétrico *U* de *Mann-Whitney*. As diferenças

entre as proporções nas categorias de cada variável foram verificadas pela não sobreposição dos Intervalos de Confiança (IC95%).

O nível de significância adotado em todas as análises foi de 5% ($p < 0,05$ ou IC95%). Para tanto, foi usado o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0.

RESULTADOS

Para melhor compreensão dos resultados, foi realizada a comparação entre Comportamento de Risco (CR), Hábitos Alimentares (HA) e Satisfação Corporal (SC) e estratificados entre sexo Masculino (M), sexo Feminino (F), rede Escolar Privada (EP), rede Escolar Estadual (EE), rede Escolar Municipal (EM), grau de Ensino Fundamental (EF) e grau de Ensino Médio (EM) e estes estão descritos respectivamente por valores absolutos e relativos com nível de significância de $p < 0,05$ e Intervalo de Confiança de 95%.

Quando estratificada por sexo, a amostra foi constituída por 319 (49%) do sexo masculino e 333 (51%) do sexo feminino, demonstrando a sua homogeneidade. Referente à moradia, 95% residiam com os pais, enquanto 5% moravam sozinhos, com parentes ou com amigos. Conforme indicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) sobre cor de pele, os participantes se classificaram como: brancos (65,3%), pardos (19%), pretos (11,8%), indígenas (2,1%) e amarelos (1,5%). O principal responsável financeiro da família foi o pai (58,4%), seguido da mãe (35,9%). Ainda nas questões financeiras relativas à renda mensal familiar, 53,7% não sabiam a renda total da família, 19% disseram que a renda estava entre 2 e 5 salários mínimos e 14,3% até 2 salários mínimos. Na questão sobre escolaridade do chefe da família, 19,9% cursou o Ensino Médio completo, 19,6% tem o Ensino Superior completo, 14,4% não concluiu o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) e 10,4% não estudaram.

Na Tabela 1, são apresentadas as variáveis do estado atual de: saúde, lazer, ingestão de drogas (álcool, cigarro, maconha, cocaína, remédios) e utilização ou não de métodos preventivos (cinto de segurança, preservativo). Ressalta-se um alto nível de sedentarismo na amostra total estudada e ainda diferenças significativas quanto ao sexo (mulheres menos ativas) e quanto à escolaridade (escolares de ensino médio menos ativos) ($p < 0,05$). Quanto ao uso de remédios, a amostra estudada não faz uso excessivo de medicamentos, contudo mulheres (25,6%) fazem maior uso do que

homens (14,2%), assim como escolares do Ensino Médio em relação a alunos de Ensino Fundamental ($p < 0,05$). Todos os escolares indicam fazer uso de cinto de segurança na maior parte das ocasiões, com diferenças somente entre sexos (homens 74% e mulheres 84,1% indicam usar sempre). As respostas sobre sexo seguro, consumo de álcool, tabagismo e estresse indicam comportamentos positivos entre os escolares. Nessas questões, ressaltam-se as diferenças significativas no controle do estresse e sexo seguro, nas quais alunos do EM indicam maior controle do estresse (74,2%) e praticar sexo seguro (84,7%). Com relação ao tabagismo, não houve diferenças entre as respostas.

Tabela 1: Análise sobre os comportamentos de risco relacionados por sexo, rede escolar e grau de ensino.

	COMPORTAMENTOS DE RISCO									
	SEXO		REDE ESCOLAR				GRAU DE ENSINO			
	Masculino	Feminino	Privada	Estadual	Municipal	Fundamental	Médio			
Como está seu estado de saúde atual?										
Bom	310 (97,3)	375 (97,6)	0,737	240 (99,3)	287 (97,9)	140 (99,6)	0,335	320 (99,1)	267 (99,4)	0,759
Ruim	9 (2,8)	8 (2,4)	0,440	3 (1,1)	3 (1,1)	2 (0,7)	7 (2,1)	10 (3,6)		
Qual sua atividade de lazer preferida?										
Atividade física	117 (54,8)	100 (52,0)	0,000	46 (20,6)	97 (35,8)	68 (47,9)	0,000	176 (53,4)	85 (30,9)	0,029
Atividades sedentárias	208 (61,7)	257 (69,7)	0,077	177 (79,1)	188 (69,5)	74 (52,1)	0,000	257 (69,7)	188 (69,4)	
Você usa drogas como maconha e cocaina?										
Alguma vez	26 (8,3)	14 (4,3)	0,295	8 (3,6)	23 (9,0)	3 (2,1)	0,004	18 (4,8)	16 (5,8)	0,207
Nunca	298 (91,4)	318 (95,7)	0,000	277 (99,4)	264 (99,0)	137 (99,3)	0,000	357 (99,7)	259 (99,2)	
Você alista ou exagera nos remédios?										
Às vezes	48 (14,9)	85 (23,7)	0,000	44 (19,9)	67 (25,6)	24 (16,9)	0,018	58 (17,4)	27 (10,4)	0,001
Nunca	273 (85,0)	248 (74,3)	0,000	177 (80,1)	203 (79,4)	118 (83,1)	0,000	319 (88,6)	207 (79,6)	
Você usa cinto de segurança?										
Nunca	85 (26,0)	55 (15,9)	0,002	40 (17,9)	65 (24,6)	3 (2,1)	0,008	29 (8,4)	57 (21,7)	0,044
Sempre	236 (74,0)	280 (84,1)	0,000	187 (82,1)	203 (77,4)	117 (87,9)	0,000	298 (84,7)	207 (79,3)	

Voz e capô de lido com estresse do seu dia a dia?										
Sexo	007.052,76	009.052,76	0,996	20.337,41	95.335,71	49.324,71	0,879	127.057,76	7.225,81	0,101
Sexo/pre	2.466,71	254.667,1		157.668,6	197.668,76	95.667,1		254.667,1	204.674,2	
Voz postica - uso seguro?										
Sexo	64.201,1	79.257,1	0,559	4.188,41	66.257,51	36.257,41	0,547	007.029,8	47.175,51	0,100
Sexo/pre	257.079,76	254.079,71		157.081,6	277.077,76	006.074,6		276.077,2	257.084,7	
Durante os últimos 30 dias, quantos dias você tomou medicamento mais doses em uma escola ou salão?										
Sexo/idade	247.079,3	267.079,6	0,595	157.068,3	277.077,7	157.091,7	0,100	357.089,3	177.073,6	0,100
Agenda/ano	20.257,81	68.201,41		7.237,81	64.227,51	9.067,51		44.177,71	004.059,4	
Voz fuma cigarros?										
Sexo	37.101,1	25.077,1	0,549	14.091,1	24.091,41	15.101,61	0,689	38.101,1	19.091,91	0,161
Sexo	286.089,76	308.092,5		204.091,76	267.091,6	177.089,4		359.089,76	257.091,7	

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Na Tabela 2, são apresentadas, na descrição, as questões de dieta balanceada, consumo alimentar em excesso e ingestão de cafeína. Não foram encontradas diferenças entre as respostas quando comparadas por sexo, contudo há influência da rede escolar. Na pergunta relacionada ao consumo de alimentos dentro dos padrões de uma dieta balanceada, 76,2% dos escolares de EP, 90,2% de EE e 84,4% de EM responderam não possuem um comportamento nutricional balanceado ($p < 0,05$). Da mesma forma, houve significância nas respostas relativas ao consumo de alimentos saturados (sal, gordura animal, bobagens e açúcares) em excesso, no qual, EF (55,6%) e EM (66,5%) revelam ingerir menos de dois itens.

Tabela 2: Análise sobre os hábitos alimentares relacionados por sexo, rede escolar e grau de ensino.

	HÁBITOS ALIMENTARES									
	SEXO			REDE ESCOLAR				GRAU DE ENSINO		
	Mis. (n)	Fem. (n)	P	Prim. (n)	Elem. (n)	Med. (n)	P	Fund. (n)	Alt. (n)	P
Voz faz uma dieta balanceada?										
Sexo	272.085,51	279.085,71	0,456	179.076,79	279.090,79	179.084,49	0,010	309.087,79	259.086,49	0,103
Sexo	47.074,7	56.079,99		55.073,49	28.079,81	27.075,49		67.077,89	36.073,19	

Você consome algum destes alimentos em excesso: açúcar, sal, gordura animal, algodão doce e bolagens?

Mais de dois meses	Menos de dois meses	p	Privada	Estadual	Municipal	p	Fundamental	Médio	P
194 (39,7)	134 (40,7)	0,272	74 (33,8)	113 (39,4)	71 (52,0)	0,019	167 (44,4)	91 (33,5)	0,015

193 (40,0)	197 (59,7)		145 (46,7)	174 (49,6)	71 (52,0)		206 (55,6)	181 (66,7)	
------------	------------	--	------------	------------	-----------	--	------------	------------	--

Quantas vezes por dia você ingere bebidas que contêm cafeína?

Mais de uma vez	Menos de uma vez	p	Privada	Estadual	Municipal	p	Fundamental	Médio	P
294 (57,7)	302 (90,7)	0,502	209 (95,5)	274 (88,7)	134 (94,4)	0,039	344 (91,7)	252 (91,6)	0,261

23 (4,3)	3 (0,9)		15 (6,7)	37 (11,3)	8 (5,6)		35 (9,3)	23 (8,4)	
----------	---------	--	----------	-----------	---------	--	----------	----------	--

Nos últimos sete dias, quantos dias você tomou café da manhã?

Mais de sete dias	Menos de sete dias	p	Privada	Estadual	Municipal	p	Fundamental	Médio	P
179 (35,3)	130 (39,7)	0,057	70 (31,5)	117 (40,8)	67 (48,7)	0,034	137 (36,4)	112 (40,7)	0,266

200 (39,7)	202 (60,3)		152 (68,5)	170 (59,7)	80 (58,3)		259 (67,6)	163 (59,5)	
------------	------------	--	------------	------------	-----------	--	------------	------------	--

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Na descrição da satisfação corporal, as variáveis são apresentadas de modo que o avaliado relate como se sente com seu estado físico atual, e se já seguiu alguma dieta ou tomou algum remédio sem prescrição médica a fim de mudar sua massa corporal. Os resultados indicaram satisfação em todos os segmentos (sexo, rede escolar e grau de ensino) analisados, com diferenças significativas nas categorias avaliadas. Apesar de a maioria indicar boa satisfação, o grau de insatisfação se mostra maior no sexo F, em escolares de EP e escolares do EM ($p < 0,05$) (Tabela 3).

Tabela 3: Análise sobre satisfação corporal relacionados por sexo, rede escolar e grau de ensino.

	SATISFAÇÃO PESO CORPORAL									
	SEXO			REDE ESCOLAR				GRAU DE ENSINO		
	Masculino	Feminino	p	Privada	Estadual	Municipal	p	Fundamental	Médio	P
Você está no intervalo de quantos kg que você considera saudável?										
Mais de 4 kg	134 (42,0)	115 (34,5)	0,05	75 (33,6)	114 (39,7)	60 (42,3)	0,198	141 (37,4)	108 (39,3)	0,627
Menos de 4 kg	185 (58,0)	218 (65,5)		148 (66,4)	173 (60,3)	82 (57,7)		236 (62,6)	167 (60,7)	

Como você descreve seu peso corporal?										
Ideal	209 (65,5)	178 (53,6)	0,002	113 (50,9)	176 (61,3)	98 (69,0)	0,002	244 (64,7)	143 (52,2)	0,001
Acima	110 (34,5)	154 (46,4)		109 (49,1)	111 (38,7)	44 (31,0)		133 (35,3)	131 (47,8)	
Você já tentou alguma iniciativa para mudar seu peso corporal?										
Sim	168 (52,8)	214 (64,3)	0,003	130 (58,3)	174 (60,8)	78 (54,9)	0,500	209 (55,4)	173 (63,1)	0,049
Não	150 (47,2)	119 (35,7)		93 (41,7)	112 (39,2)	64 (45,1)		168 (44,6)	101 (36,9)	
Durante os últimos 30 dias, você comeu menos para perder peso corporal?										
Não	246 (77,1)	214 (64,3)	0,001	145 (65,0)	203 (70,7)	112 (78,9)	0,053	278 (73,7)	182 (66,2)	0,069
Sim	73 (22,9)	118 (35,4)		78 (35,0)	83 (28,9)	30 (21,1)		98 (26,0)	93 (33,8)	
Durante os últimos 30 dias, você tomou algum remédio sem prescrição médica para perder peso corporal?										
Não	291 (91,2)	317 (95,2)	0,043	212 (95,1)	261 (90,9)	135 (95,1)	0,114	357 (94,7)	251 (91,3)	0,085
Sim	28 (8,8)	16 (4,8)		11 (4,9)	26 (9,1)	7 (4,9)		20 (5,3)	24 (8,7)	

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo demonstra padrões semelhantes e diferentes entre sexo, rede escolar e nível de ensino dos escolares avaliados. Foram investigados os comportamentos de risco, hábitos alimentares e nível de satisfação com o corpo.

Analisados em conjunto, as respostas relativas ao comportamento de risco (uso de drogas, medicamentos e cinto de segurança) indicam comportamentos positivos à saúde. Nesse sentido, um alto percentual da amostra indica não fazer uso de drogas e há uma redução ainda maior na rede municipal, seguida pela privada e estadual ($p < 0,05$). Isso também é relatado por Zappe e Dell'aglio (2016), que avaliam este comportamento em diferentes parâmetros, não identificando valor significativo quando comparado por sexo, porém demonstram a associação entre o uso de drogas e as companhias dos adolescentes, e revelam a probabilidade de os jovens utilizarem drogas quando têm incidência de uso na família.

A maior parte dos escolares indicou pouco uso de medicamentos, sendo ainda menor no sexo M e no EF ($p < 0,05$). Bergmann (2016) conclui não ter relação entre o uso de medicamentos e o nível de atividade física e tempo em frente à tela, porém se certifica que os meninos fazem menos uso de remédios em relação às meninas.

Com relação ao uso de cinto de segurança, este item se apresenta ainda maior no sexo F ($p < 0,05$). Ainda em relação à Tabela 1, a maior parte da amostra estudada relata bom controle do estresse, prática de sexo seguro, não faz uso excessivo de álcool e não fuma. Especificamente, em relação ao

estresse e ao sexo seguro, alunos de EM relatam mais controle de estresse ($p < 0,05$) e mais prática de sexo seguro do que os de EF ($p < 0,05$). Há também maior consumo de álcool na EP em relação a EM e EE, enquanto há também maior consumo em escolares do Ensino Médio em relação ao Fundamental.

Conforme a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), a região Sul obtém a maior porcentagem (32,3%) de escolares que consomem bebida alcoólica, sendo que, quando analisados por estado, Santa Catarina está com percentual acima do nível brasileiro: 33,8% nos jovens do 9º ano (IBGE, 2016). No presente estudo, 22,1% consumiram bebida alcoólica alguns dias nos últimos 30 dias, o restante da amostra não fez uso, e o consumo médio é de menos de 13 doses durante o último mês.

Os resultados menos satisfatórios acerca do comportamento de risco foram os relacionados à atividade física: eles indicam um alto grau de sedentarismo na amostra de escolares. As respostas solicitadas continham a preferência por atividade física ou atividade sedentária. Ressalta-se, pela análise estatística, que o comportamento sedentário foi ainda maior em mulheres e em alunos do Ensino Médio ($p < 0,05$). Ainda sobre as respostas a respeito do gosto pela prática de atividade física estratificado por rede de ensino, elas indicavam os alunos da rede municipal como os mais ativos (47,9%), seguidos pela rede estadual (33,8%) e os mais sedentários são os estudantes da rede privada. Em relação às outras atividades que são: jogos de mesa, atividades em frente à tela (assistir à TV, usar computador, videogame), atividades manuais, culturais e outras (celular, atividade sentado), o quantitativo foi de EP (78%), EE (65,5%) e EM (52,1%), demonstrando a rede privada com maior percentual em atividade de baixo impacto.

Conforme Azevedo et al. (2007), os hábitos nesta fase podem ser transferidos para a vida adulta, inclusive os hábitos de atividade física e de lazer (Tabela 1).

Ao avaliar os hábitos alimentares, foi possível identificar um baixo consumo de alimentos saturados com excesso de sal, gordura, açúcar e bobagens (alimentos industrializados, salgadinhos), demonstrando significância ($p < 0,05$) quando relacionados por grau de ensino: EF (55,6%) e EM (66,5%), comparados com os indivíduos que ingerem mais de dois itens em excesso.

Pereira et al. (2015) indicam que os escolares ingerem alimentos gordurosos no máximo duas vezes por semana e ainda afirmam que esse tipo de alimento não se relaciona com a renda per capita do indivíduo, ainda assim

dizem serem necessárias mudanças nos comportamentos alimentares dos adolescentes.

Outro estudo apresenta resultados com diferença significativa entre os grupos, mas compara o consumo de frutas e verduras com a renda familiar, mostrando que quanto maior a renda, maior o consumo destes alimentos. (ASSUMPÇÃO et al, 2012).

Analisando o consumo diário de bebidas que contêm cafeína mais de uma vez por semana, nas redes privadas (93,3%), estadual (88,5%) e municipal (94,4%), houve diferença significativa ($p < 0,05$), e os alunos indicaram tomar café da manhã mais de três vezes na semana, semelhantes aos dados de Pereira et al. (2015), que certificam que os adolescentes ingerem cafeína mais de uma vez por dia.

Para Sarno et al. (2013), o consumo de refrigerantes está entre o grupo de risco para doenças cardiovasculares, e os escolares de Criciúma apresentaram traços preocupantes na frequência semanal do consumo desta bebida: 100% dos jovens analisados no estudo beberam refrigerante ao menos uma vez na semana. Quando Zanini et al. (2013) avalia o consumo de refrigerantes, doces e frituras por adolescentes, também demonstram resultados inquietantes: 95,4% de consumo semanal ao menos uma vez por semana destes itens em adolescentes do Nordeste brasileiro.

Resultados associados à satisfação do peso corporal (Tabela 3) indicam uma satisfação amostral, visando que os adolescentes revelaram estar no seu peso ideal: EF (64,7%) e EM (52,2%). Em contrapartida, quando questionados se já tomaram alguma iniciativa para mudar seu peso corporal, 52,8% dos meninos e 64,3% das meninas tiveram esta prática, porém estas iniciativas não foram com a redução alimentícia diária, nem com o uso de remédios/anabolizantes M (77,1%) e F (64,3%), o que indica uma má interpretação da questão sobre já ter tomado alguma iniciativa para mudar sua composição corporal. Um estudo de Dos Santos (2016) ressalta a insatisfação corporal em estados nutricionais diferentes, com demonstração principalmente em meninas eutróficas.

O presente estudo descreve um perfil de adolescentes escolares em relação aos seus hábitos de vida, sejam eles comportamentos alimentícios, níveis de satisfação com a imagem ou comportamentos de risco. Os resultados podem ser úteis para pais, profissionais da educação e da saúde, no sentido de promover estratégias que possam influenciar mudanças comportamentais positivas à saúde de adolescentes, reduzindo a possibilidade de desenvolvimento de doenças na vida adulta.

Especificamente, os resultados indicam o grande percentual de escolares sedentários, indicando a emergente necessidade de aplicação de conteúdos e metodologias que contribuam para o aumento das atividades físicas dentro e fora da escola, bem como a redução da utilização da tecnologia e das atividades em frente à tela.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). Critério de classificação econômica do Brasil: dados com base no levantamento socioeconômico. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

ASSUMPTIÃO, D. de et al. Qualidade da dieta de adolescentes: estudo de base populacional em Campinas, SP. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 605-616, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v15n3/14.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

AZEREDO, C. M. et al. Dietary intake of Brazilian adolescents. *Public Health Nutrition*, Cambridge, v. 18, n. 7, p. 1215-1224, maio 2015. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/C4AFDB332ABD950C2604DC4606A5B34C/S1368980014001463a.pdf/dietary_intake_of_brazilian_adolescents.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

AZEVEDO, M. R. et al. Tracking of physical activity from adolescence to adulthood: a population-based study. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 69-75, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/11.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

BERGMANN, G. G. et al. Atividade física, tempo de tela e utilização de medicamentos em adolescentes: coorte de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 1993. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, maio 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00011715.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

BEZERRA, J. et al. Consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo: associação com inatividade física no lazer e comportamento sedentário. *Revista Andaluza de Medicina del Deporte*, Sevilha (Espanha), v. 8, n. 1, p. 1-6, mar.

2015. Disponível em: <<http://scielo.isciii.es/pdf/ramd/v8n1/original1.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Educação Alimentar e Nutricional: o direito humano a alimentação adequada e o fortalecimento de vínculos familiares nos serviços sócio assistenciais*. Caderno de atividades. Brasília: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2013.

_____. *Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas*. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012.

BRASIL. Ministério do Esporte. *A prática de esporte no Brasil*. Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2015. Disponível em: <www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em: 21 abr. 2017.

CALLO, G. et al. Excesso de peso/obesidade no ciclo da vida e composição corporal na idade adulta: coorte de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 1982. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00174014.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

DOS SANTOS, C. C.; POLL, F. A; MOLZ, P. Relação entre o estado nutricional, comportamento alimentar e satisfação corporal de escolares adolescentes de Santa Cruz do Sul, RS. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, ano 17, v. 17, n. 4, out.-dez. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8066/5353>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FERREIRA, R. W. et al. Prevalência de comportamento sedentário de escolares e fatores associados. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 56-63, jan.-mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v34n1/pt_0103-0582-rpp-34-01-0056.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa de orçamentos familiares no Brasil (POF), 2008/2009: antropometria e análise do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca>>.

ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45419.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNse)*, 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INCHLEY, J. et al. *Growing up unequal: gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being*. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2013/2014 survey. Geneva: ONU, 2016. Disponível em: <http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0003/303438/HSBC-No.7-Growing-up-unequal-Full-Report.pdf?ua=1>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LOUZADA, M. L. da C. *Nutrição e saúde: o papel do ultraprocessoamento de alimentos*. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-14122015-102426/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. *Growth, maturation and physical activity*. 2. ed. Champaign: Human Kinetics Books, 2004.

MENDES, K. L.; CATÃO, L. P. Avaliação do consumo de frutas, legumes e verduras por adolescentes de Formiga-MG e sua relação com fatores socioeconômicos. *Alimentos e Nutrição Araraquara*, Araraquara, v. 21, n. 2, p. 291-296, abr.-jun. 2010. Disponível em: <<http://serv-bib.fcfar.unesp.br/seer/index.php/alimentos/article/view/1120/a16v21n2.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

NETO, A. C. B. et al. Peso corporal e escores de consumo alimentar em adolescentes no nordeste brasileiro. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 318-325, jul.-set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v33n3/0103-0582-rpp-33-03-0318.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL)*, 2014. Disponível em: <<http://www.who.int/eportuguesc/pt/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

PEREIRA, É. F. et al. Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socio-econômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 9, n. 3, p. 253-262, jul.-set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v9n3/04.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

PEREIRA, V. das G. S. et al. Hábitos alimentares e sua relação com nível de renda entre adolescentes. *HU Revista*, Juiz de Fora, v. 40, n. 3 e 4, p. 145-155, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/view/2436/790>>. Acesso em: 18 maio 2017.

PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M. F. Insatisfação corporal em adolescentes rurais e urbanos. *Motricidade*, Ribeira de Pena (Portugal), v. 5, n. 4, p. 13-25, out. 2009. Disponível em: <http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2009_vol5_n4/v5n4a03.pdf>. Acesso em: 18 maio 2017.

_____. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 1071-1077, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n4/v17n4a28.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2017.

SARNO, F. et al. Estimativa de consumo de sódio pela população brasileira, 2008-2009. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 571-578, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v47n3/0034-8910-rsp-47-03-0571.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

SASAKI, R. S. A. et al. Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 95-104, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n1/1413-8123-csc-20-01-00095.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

ZANINI, R. de V. et al. Consumo diário de refrigerantes, doces e frituras em adolescentes do Nordeste brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 12, p. 3739-3750, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n12/a30v18n12.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

ZAPPE, J. G.; DELL'AGLIO, D. D. Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 44-52, jan.-mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v65n1/0047-2085-jbpsiq-65-1-0044.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

PROJETO DE EXTENSÃO: CONFEÇÃO E CRIAÇÃO DE IMPLEMENTOS ALTERNATIVOS NO ATLETISMO

MARCOS PAULO HUBER, MSC¹

GUILHERME HEPP

Extensionista Art. 171.

INTRODUÇÃO

O atletismo é uma modalidade esportiva que trabalha com os movimentos naturais do ser humano, além disso, o correr, o saltar e o lançar são utilizados em outras modalidades esportivas, fazendo com que ele seja considerado uma modalidade base de outros esportes, conforme afirmam Meurer, Schaefer e Miotti (2008); Justino e Rodrigues (2007). Muitas de suas provas se utilizam de implementos, principalmente as de campo, e eles são caros e, por vezes, inacessíveis no ambiente escolar.

Dentro da clássica conceituação estabelecida para o atletismo, afirma-se que ele pode ser de fácil aprendizagem, uma vez que pode utilizar para seu ensino locais compostos por espaços físicos adaptados e implementos ou materiais alternativos (MATTHIESEN, 2005a).

A mesma autora explorou amplamente as justificativas e desculpas estabelecidas pelos professores para a não utilização do atletismo na escola, como falta de espaço físico, formação profissional, falta de materiais oficiais e desinteresse por parte dos alunos (MATTHIESEN, 2005b).

De acordo com Matthiesen (2005b, 2007), infelizmente, o atletismo é uma modalidade pouco explorada no Brasil, principalmente no ambiente escolar, onde provavelmente inúmeros professores de Educação Física acabam ignorando seus conteúdos.

¹Cref: 009500 G/SC

Treinador IAAF nível I

Mestre em Ciências da Saúde

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Associação Desportiva Recreativa de Atletismo

Endereço de contato: R. Cândido Cesar Freire Leão, 112, apto 502, Vila Moema, Tubarão/SC, CEP 88705-040

Essa situação ocorre com o professor se apoiando convenientemente na ideia de que não existem espaços físicos adequados e muito menos materiais e implementos oficiais, porém, nas provas de corridas e revezamentos, como a marcha atlética, por exemplo, que poderiam ser estimuladas nas quadras poliesportivas, isso também acaba não acontecendo (SILVA; SEDORKO, 2011).

Mas o que fazer com os implementos e materiais oficiais de atletismo caso existissem nas escolas? É possível que a criança utilize os implementos oficiais? Entende-se que, com as especificações do adulto, como o peso de 7,260 kg no masculino e 4,0 kg no feminino, isso se torna impossível. Quem sabe com materiais e implementos diferentes adaptados às crianças não seria mais viável? Então, por que não construir os implementos e materiais a serem utilizados em conjunto com os próprios alunos?

Pode existir também uma falta de conscientização por parte das instituições educacionais, bem como dos professores atuantes, quanto à relevância de práticas de ensino que sejam esclarecedoras. Atividades emancipatórias podem colaborar para a inserção de indivíduos na sociedade que sejam atuantes conscientemente (NASCIMENTO, 2010).

Atividades em que os alunos possam entender a importância de reciclar, preservar e, principalmente, poder construir seu próprio material para as práticas proporcionam emancipação e esclarecimento. Toda essa situação pode ser fundamentada na medida em que se entende a criança como criança, ou seja, não um adulto em miniatura, mas sim alguém que necessita de atividades que envolvam brincadeiras e jogos (NASCIMENTO, 2010).

Para Oliveira (2006), é muito importante que se trabalhe nas crianças o lançamento de diferentes objetos de distintos tamanhos e proporções, alturas, distâncias ou até mesmo em alvos, desenvolvendo, assim, a coordenação viso-motora. Essa afirmação faz com que um projeto de extensão, focado na construção de implementos alternativos e materiais improvisados, cresça de importância para o professor e para o aluno, na medida em que o participante, além de manusear e utilizar a sua criatividade na elaboração dos materiais, possa colocar em prática os movimentos do atletismo fazendo uso dos implementos nas provas de lançamentos, arremesso, corridas etc.

Matthiesen (2014, p. 37) afirma que

para ensinar o atletismo, o melhor a fazer é partir do que tem em mãos, afinal, a realidade é completamente diferente de um lugar para outro, o que

faz com que as experiências também sejam [, tendo em vista que] na aprendizagem, é possível realizar uma série de adequações utilizando-se materiais alternativos, adaptados ao ensino de atletismo.

González et al. (2014, p. 26) enfatizam a

necessidade de auxiliar a sociedade no tratamento de seus grandes problemas sociais. Assim, ensinar práticas corporais não significa tratar apenas de técnicas e táticas, mais do que isso, significa oferecer uma formação ampla voltada à formação do cidadão crítico.

Provavelmente esse cidadão crítico possa ser formado embasado em aspectos ligados ao ambiente e à preservação do mundo, na medida em que utiliza sucata e lixo para a criação de implementos e materiais alternativos.

Segundo Mello (2015), a extensão universitária poderia muito bem se utilizar de modalidades esportivas, como o atletismo, entretanto pouco acontece nesse sentido no Brasil. As mais diversas graduações em Educação Física, infelizmente, não têm se preocupado na formação de projetos que possam atender à demanda necessária para esse esporte. Este projeto se apresenta como um dos poucos que associa o manuseio e a construção manual de implementos com a modalidade propriamente dita.

Alguns projetos de pesquisa têm demonstrado alguns resultados interessantes: Oliveira (2015), por exemplo, analisou a importância da construção de materiais alternativos para a prática do atletismo nas aulas de Educação Física escolar. No estudo, a autora chegou à conclusão que a criação dos implementos enriqueceu o conhecimento sobre o atletismo e permitiu a possibilidade de conhecer e experimentar o esporte, abordando-o de maneira que eles ainda não tinham vivenciado nas aulas de Educação Física.

Diante do exposto acima, surgiu a necessidade, dentro do curso de Educação Física da universidade, de elaborar e colocar em prática um projeto que incentivasse a criação e construção de implementos e materiais que pudessem substituir os implementos oficiais nas aulas e nos treinos. Desta forma, foi criado e submetido um projeto de extensão que trabalhasse esses aspectos.

Sendo assim, o projeto apresentado neste capítulo se torna uma iniciativa prática para a formação do futuro professor de Educação Física possuidor de um olhar mais atento quanto às possibilidades da sua aplicação na escola.

OBJETIVOS

• OBJETIVO GERAL

Estabelecer uma oficina de construção de implementos e materiais alternativos para o atletismo.

• OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- A. Elaborar manual para confecção de implementos com materiais alternativos;
- B. Desenvolver novos materiais e novas ideias para suprir a falta de materiais oficiais de atletismo;
- C. Aperfeiçoar o conhecimento prático da modalidade de atletismo;
- D. Construir implementos e materiais alternativos para o atletismo;
- E. Propiciar o aprendizado de acadêmicos bolsistas e não bolsistas.

JUSTIFICATIVA

O projeto intitulado Confecção e Criação de Implementos Alternativos no Atletismo busca suprir a necessidade de incentivar o acadêmico a usar a criatividade quando da ausência de implementos para as provas de campo e pista, como nos lançamentos de disco, martelo, dardo, arremesso do peso e corridas com ou sem barreiras em aulas ou treinamentos de atletismo, principalmente nas categorias de base e iniciantes.

Este projeto se torna uma oportunidade para a disseminação do conhecimento acadêmico, pois as informações adquiridas pelos alunos durante as aulas teóricas/práticas poderão ser aplicadas e vivenciadas durante as oficinas de confecção.

Sabe-se que a grande desculpa por não proporcionar aulas de atletismo durante o ano escolar é a falta de materiais e implementos oficiais (MATHIESSEN, 2007), o que explica, mas não justifica integralmente, pois na verdade pode-se, com alguns materiais que são considerados lixo, realizar a construção de diversos implementos alternativos que cumprem a mesma função.

Com este projeto de extensão, os assuntos das disciplinas de Metodologia e Didática do Atletismo Provas de Campo, Técnico Desportivo em Atletismo e Aprofundamento em Atletismo são abordados e praticados de

maneira integral, pois para a confecção de qualquer um dos implementos ou materiais o acadêmico deve possuir um conhecimento profundo das regras e especificações da modalidade.

Como a extensão universitária possui uma estreita relação com as atividades de ensino e pesquisa, este projeto atuará em conjunto com atividades de ensino (com as turmas de atletismo) e com atividades de pesquisa, se tornando espaço aberto para realização de estudos.

O projeto se justifica porque o aluno deve aplicar conhecimentos práticos e teóricos sobre a Educação Física, analisando-os na relação dinâmica entre o ser humano e o meio ambiente, ou seja, este aprendizado, que pode ser adquirido para a utilização de objetos que antes seriam jogados no lixo como simples sucatas, não só contribui para a vida acadêmica do aluno, mas também para a construção da cidadania.

Este projeto de extensão auxilia o curso de Educação Física da universidade para que possam ser alcançados seus objetivos conforme o projeto pedagógico: possibilitar a visão de educar para a cidadania, para uma participação plena na sociedade e estimular o acadêmico a refletir sobre a realidade social e aprender a aprender.

Este projeto buscou proporcionar momentos de aprendizagem e, principalmente, desenvolvimento da criatividade, oportunizando a professores e acadêmicos a montagem de implementos utilizando materiais simples e encontrados facilmente.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Participaram desse projeto 12 alunos do curso de Educação Física – Licenciatura e um professor da rede municipal de ensino, com idades entre 17 e 35 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Tubarão e redondezas. A prática foi realizada de março até novembro de 2016 em uma sala de aula/pista de atletismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), das 17h às 18h, uma vez por semana.

O projeto foi elaborado e submetido ao edital do art. 171. Após aprovado, foi divulgado como projeto de extensão universitária. Acadêmicos do curso de Educação Física e professores da rede municipal de ensino foram convidados e motivados a participar. Ele é totalmente gratuito e não visa nenhum tipo de retorno financeiro.

A metodologia aplicada durante a prática foi a seguinte: após divulgação via e-mail, cartazes, salas de aula das escolas e universidade e mídias sociais,

as inscrições foram abertas de maneira presencial na pista de atletismo da UNISUL. Das 15 vagas abertas, 13 foram preenchidas e, destas, 12 foram para acadêmicos da primeira à quinta fase do curso de Licenciatura em Educação Física e apenas um professor de Educação Física atuante no município fez sua inscrição.

Os participantes cadastrados iniciaram as atividades conhecendo os materiais e implementos oficiais utilizados no atletismo, bem como suas nomenclaturas, especificações, características e utilidades. Além disso, foram motivados a fazer leitura das principais regras que envolvem as provas que utilizam implementos de atletismo, na sua grande maioria as provas de campo. Foram elencados os implementos mais interessantes a serem confeccionados, como dardo, disco, martelo e peso. Em segundo plano, apareceram as barreiras, os bastões e os blocos de partida.

O aluno extensionista remunerado foi responsável por montar e elaborar as oficinas de confecção; conduzir as estratégias para confecção dos implementos e materiais; controlar a presença dos participantes; arquivar e conservar os implementos e materiais já construídos; realizar o registro fotográfico das atividades.

Os participantes do projeto receberam como primeira tarefa na primeira semana de atividades encontrar matéria-prima suficiente para a confecção dos implementos e materiais: caixa de papelão, barbante, garrafa pet, pneu velho, lata de leite em pó, caixa de leite, pincel, tinta, tubo de desodorante usado, tesoura e outros materiais encontrados facilmente, dentre outros encontrados no lixo.

Durante o projeto, foi estabelecida a confecção de um implemento a cada dois encontros presenciais, sendo que cada um dos alunos, seguindo as etapas de montagem estabelecidas pelo aluno extensionista, teve que construir o seu implemento do início ao fim. Desta forma, era uma ótima quantidade de implementos do mesmo tipo construídos ao final.

Foram confeccionados implementos como: dardos adaptados; martelos adaptados; discos adaptados; vara adaptada; pesos adaptados; barreiras; bastões para os revezamentos; disparador de saída; pelotas alternativas com balões e todos os materiais para o trabalho do atletismo quanto às provas de lançamentos e arremesso; dentre outros.

Durante o projeto, os participantes foram motivados a se envolverem nas tarefas tentando conhecer as especificidades das provas do atletismo que se utilizam de implementos, para que novas ideias e técnicas de construção fossem surgindo. Essa estratégia surtiu efeito tendo em vista a

quantidade de novos tipos de matéria-prima utilizadas na confecção. Além disso, no fim de cada montagem do implemento adaptado, um por um dos participantes era estimulado a testá-lo na pista de atletismo na universidade, ou seja, o dardo, o disco e o martelo eram lançados, o peso arremessado e a barreira transposta.

Estes testes nos implementos confeccionados serviram para verificação da eficiência e do conforto de manuseio de cada um deles. Além disso, serviu para realizar uma estimativa de sua durabilidade. Após essa fase, normalmente muitas melhorias acabavam sendo realizadas de acordo com o desempenho de cada implemento alternativo.

De posse dos implementos já prontos, na tentativa de aliar a extensão com o ensino, acadêmicos regulares da disciplina de “Atletismo: Provas de Campo” eram submetidos a atividades recreativas com os implementos do projeto, e não com os implementos oficiais disponíveis, uma vez que na escola pouco adiantaria ter implementos oficiais, tendo em vista a faixa etária dos escolares.

Este trabalho pôde, de certa maneira, aproximar o futuro professor de Educação Física da realidade encontrada nas escolas públicas brasileiras. Os materiais criados e confeccionados durante a aplicação do projeto foram doados em forma de kits às instituições de ensino do município para a possível utilização nas aulas da disciplina.

O projeto contou com um profissional da área com experiência no atletismo e capacitado em atividades de miniatletismo em escolas, que orientou e acompanhou as atividades nos dias do projeto, além do aluno extensionista contemplado no art. 171.

Toda a construção é embasada nas regras oficiais da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF) e nas especificações oficiais dos implementos.

No que diz respeito ao acompanhamento e avaliação do projeto, a cada três meses o aluno extensionista e o professor orientador enviam um relatório das atividades desenvolvidas para a Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da universidade. Cabem aos participantes responderem a um controle de frequência.

Alguns resultados importantes foram conquistados com o projeto: atualmente, por exemplo, é possível replicar as atividades de construção de implementos e materiais em suas classes nas escolas em que trabalham na rede de ensino.

Por fim, observa-se que a aceitação do projeto por parte de partici-

pantes, acadêmicos e alunos parece ser muito efetiva, tornando-o apto à replicação em outras localidades.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA REPLICAÇÃO DA PRÁTICA

Para concluir, entende-se que o projeto se torna uma oportunidade única para proporcionar momentos de conhecimento na prática, criação e inovação, por meio da solução de problemas em comum, propondo novas alternativas na confecção destes implementos e materiais, possibilitando, assim, a abertura de novos conceitos e novas metodologias de incentivo ao atletismo.

Conclui-se que este projeto pode oportunizar aos acadêmicos do curso de Educação Física a aprendizagem extraclasse por meio da extensão, abrindo espaço produtivo a acadêmicos e profissionais interessados em aperfeiçoar seus conhecimentos.

Ele tem potencial para divulgação da modalidade de atletismo e para a produção de imagem positiva perante o público externo, uma vez que busca gratificar a sociedade com a doação dos materiais confeccionados, colaborando com as escolas da comunidade.

Quanto às recomendações para replicações da prática, sugere-se:

- A. Busca de parceiros como associações desportivas, escolas, federações de modalidade e, principalmente, universidades;
- B. Envolvimento de profissional de Educação Física com cursos e/ou experiência com atletismo escolar;
- C. Previsão de confecção de implementos simples que utilizem materiais fáceis de serem encontrados;
- D. Contar com professores de Educação Física registrados e em dia com o Conselho Regional de Educação Física (CREF);
- E. Acesso a local próprio para confecção dos implementos e materiais que possua ferramentas simples como: tesouras, régua, estiletes, tintas, canetas, lápis, entre outros.

Para finalizar, espera-se que outras instituições tenham interesse em replicar este projeto de extensão, na tentativa de proporcionar mais oportunidades para a prática da modalidade de atletismo na população, mesmo que utilizando materiais alternativos e/ou adaptados.

REFERÊNCIAS

GONZÁLEZ, F. J. et al. Introdução ao atletismo. In: GONZÁLES, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. *Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo*. Maringá: UEM, 2014.

JUSTINO, E. O.; RODRIGUES, W. Atletismo na escola: é possível? *Educaçao fisica.org*, Ipatinga, maio 2011. Disponível em: <<http://files.efd321.webnode.com.br/200000036-859898692a/Atletismo%20na%20escola%20%C3%A9%20poss%C3%ADvel.pdf>>. Acesso 8. mai. 2017.

MATTHIESEN, S. Q. Uma abordagem escolar do atletismo como manifestação esportiva. In: BRASIL. Ministério do Esporte. Comissão de Especialistas de Educação Física. *Manifestações dos esportes*. Brasília: Universidade de Brasília; CEAD, 2005a.

_____. *Atletismo se aprende na escola*. Jundiaí: Fontoura, 2005b.

_____. *Atletismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

_____. *Atletismo na escola*. Maringá: UEM, 2014.

MELLO, O. G. *A extensão universitária e o atletismo: investigando os projetos oferecidos pelas universidades brasileiras*. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação – Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Biociências. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/131752/000853485.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 9 maio 2017.

MEURER, S. T.; SCHAEFER, R. J.; MIOTTI, I. M. L. Atletismo na escola: uma possibilidade de ensino. *Revista Digital EF Deportes*, Buenos Aires, ano 13, n. 120, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/Revista Digital>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

NASCIMENTO, M. D. Contribuições da inclusão do atletismo no

currículo escolar do ensino fundamental *Agora*: Revista de Divulgação Científica, Mafra, v. 17, n. 2, 2010.

OLIVEIRA, F. S. *Construção de materiais pedagógicos nas aulas de educação física escolar para o ensino fundamental com o conteúdo atletismo*. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <<http://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1605>>. Acesso em: 9 maio 2017.

OLIVEIRA, M. C. *Atletismo escolar: uma proposta de ensino na educação infantil*. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SILVA, A. I. D.; SEDORKO, C. M. Atletismo como conteúdo das aulas de educação física em escolas estaduais do município de Ponta Grossa. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 25-33, set./dez. 2011.

PROJETO MELHOR IDADE EM MOVIMENTO

ROGÉRIO OHF¹
CREF 009676-G/SC

RAFAEL AGNES SILVA²
CREF 009535-G/SC

RUBIA CRISTINA VALENTIM HENNING³
CREFITO 13536-TO

JANAINA REGINA FERREIRA⁴
CRESS 5537/12^a região

INTRODUÇÃO

O projeto Melhor Idade em Movimento é destinado ao público idoso do município de Guarimirim/SC, sendo desenvolvido pela Prefeitura Municipal, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação (SDSH), e cuja sustentabilidade vem dos recursos destinados ao Fundo Municipal do Idoso e da própria SDSH.

As atividades desenvolvidas em 2016 foram divididas em 18 grupos localizados pela cidade e contaram com o total de 335 alunos. O objetivo do projeto foi e é fortalecer e ampliar o apoio social, contribuindo para o desenvolvimento físico e fortalecimento dos vínculos, visando o aumento da autonomia do idoso guaramirense e ainda quatro objetivos específicos de acordo com o propósito de cada aula.

Os objetivos demonstraram como é possível desenvolver projetos que atendam ao público idoso: pode-se constatar essa informação nos relatos dos participantes e na entrevista. As ações voltadas para o idoso não são apenas de boas práticas políticas ou de gestão, mas sim devem atender e respeitar o que a legislação vigente exige.

¹Graduado em Educação Física – Associação Educacional Luterana Bom Jesus (IELUSC). Prefeitura Municipal de Guarimirim/SC, Secretaria Municipal de Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação. (SDSH). E-mail: roger_ohf@yahoo.com.br, telefone: (47) 98409-4754.

²Graduado em Educação Física – Universidade do Contestado (UnC).

³Graduada em Terapia Ocupacional – Faculdade Guilherme Guimbala.

⁴Graduada em Serviço Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

São muitas as barreiras que os idosos enfrentam diariamente para viver na sociedade. Nesta fase da vida, o ser humano está vulnerável a diversos fatores, e a população passa a considerá-los como pessoas incapacitadas de decisões próprias, embora ainda sendo muito ativas. São comuns, na geração idosa, alguns processos de “perdas”, como as de caráter emocional, psicológico e físico, colocando esse segmento vulnerável para o enfrentamento de novas e inesperadas situações.

A vulnerabilidade social do idoso decorre da diversidade de circunstâncias enfrentadas no cotidiano pela população envelhecida, sendo que algumas têm relações diretas nos aspectos das questões sociais, culturais e econômicas de cada sociedade. Alguns idosos são vítimas do abandono e da negligência familiar e do Estado, inclusive grande número deles chega ao envelhecimento em situação de risco, perdendo até a sua identidade como cidadão e como ser humano que é.

Segundo Siqueira (2001 apud CAROLINO; CAVALCANTI; SOARES, 2010, p. 9) “um idoso com o seu autoconhecimento já vulnerável, perda de papéis sociais, estereótipos negativos em relação à velhice experimenta uma crise de saúde como dependente em relação ao ambiente social”. Esse ciclo pode se repetir, aumentando a vulnerabilidade, com consequências para a competência social e psicológica.

Precisa-se envelhecer bem, mesmo que na presença de preconceitos, que são inerentes ao dinamismo de cada sociedade, e a relação do ser humano com o seu ciclo de vida (nascer, viver, morrer) depende de investimentos sociocultural de longo prazo. Os desafios atuais que se põem a sociedade é procurar formas de garantir o direito/respeito/proteção social à população mais velha, para que ela possa envelhecer com dignidade e segurança.

O projeto Melhor Idade em Movimento busca uma aproximação do público idoso do município de Guaramirim com os serviços públicos disponibilizados para seu atendimento. Tendo caráter preventivo, visa facilitar a identificação de situações de vulnerabilidade e até mesmo de violação dos direitos do idoso por meio de entrevistas e avaliações, além de oportunizar o que lhe é justo diante da lei.

Em uma estreita relação com o Centro de Referência da Assistência Social, equipamento da Proteção Social Básica da Assistência Social, o projeto tem uma função importante no acompanhamento social e na garantia de direitos da população idosa de Guaramirim.

OBJETIVO GERAL

Fortalecer e ampliar o apoio social, contribuindo para o desenvolvimento físico e fortalecimento dos vínculos, visando o aumento da autonomia do idoso guaramirense.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Contribuir para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo por meio da atividade física e lúdica;
- b. Assegurar espaços de encontro para os idosos de modo a promover a sua convivência familiar e comunitária;
- c. Detectar necessidades e motivações e desenvolver potencialidades e capacidades para novos projetos de vida;
- d. Propiciar vivências que valorizem as experiências, que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir.

PROJETO MELHOR IDADE EM MOVIMENTO

Muitos estudos evidenciam o alargamento do processo de envelhecimento populacional nas diferentes partes do mundo. Estima-se que o crescimento da população idosa (pessoas com 60 anos ou mais) nos países subdesenvolvidos fará com que possivelmente no ano 2025, dos 11 países detentores das maiores populações de idosos em números absolutos (todas acima de 16 milhões), a maioria pertença a essa parte do planeta. Considerando essas estimativas, o Brasil será o sexto país em números absolutos, com mais de 32 milhões de idosos, sendo que o Censo de 2000 projetou este crescimento nas diferentes regiões do país (NERY, 2007).

De acordo com dados do site Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), o estado catarinense é o segundo melhor do país em termos de longevidade, educação e renda – indicadores que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). No entanto, no que se refere à materialização dos direitos da pessoa idosa, apesar de os dados o colocarem em posição privilegiada, Santa Catarina ainda tem muito o que construir.

Segundo o Censo de 2010, o estado possui população de 6,25 milhões e cerca de 10,5% desta é composta por idosos. O município de Guarimirim segue a mesma tendência, tendo uma população de aproximadamente 35 mil habitantes (IBGE, 2010), sendo que hoje se estima 41 mil (segundo in-

formação da Secretaria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Guaramirim) e 10,47% destes possuem idade igual ou superior a 60 anos de idade.

O envelhecimento é uma conquista social, do avanço e da melhoria dos bens, serviços e qualidade de vida na sociedade. No entanto, eles não são distribuídos de forma igualitária para o conjunto da sociedade. Muitos estudos evidenciam a associação entre a situação socioeconômica dos idosos brasileiros e alguns indicadores de qualidade de vida, tais como condições de saúde, mobilidade física e acesso aos serviços de saúde, ou seja, quanto menor a renda domiciliar per capita entre idosos, piores são as condições de saúde e a função física de modo geral, sendo menor o acesso aos serviços sociais e culturais.

As premissas do projeto vêm ao encontro do documento *Plano Estadual de Implementação das Deliberações da I Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Santa Catarina* (SANTA CATARINA, 2007, p. 23): “[...] desenvolver atividades que possibilitem à pessoa idosa autonomia, ter o conhecimento de seus direitos de cidadania para que sejam efetivados [...] e desenvolver ação de cultura, lazer e esportes voltados para a pessoa idosa”. Possui consonância com a deliberação da III Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2011, p. 12): “Estimular a participação do idoso em espaços de discussões, grupos, conselhos, seminários, conferências e fóruns para que ele seja protagonista na garantia de seus direitos”.

Os critérios para a seleção da população atendida foram: indivíduos com idade cronológica igual ou superior a 60 anos; pessoas pertencentes às famílias beneficiárias ou com perfis dos programas de transferência de renda, como o Bolsa Família e o Benefício da Prestação Continuada (BPC); idosos com vivência de isolamento por ausência de acesso a serviço e oportunidades de convívio familiar e comunitário; indivíduos em cumprimento ou egressos de medida de proteção; pessoas egressas ou vinculadas a programas de combate à violência ao idoso.

As estratégias de sustentabilidade do projeto Melhor Idade em Movimento, visando sua continuidade, legitimidade e permanência no município, foram organizadas financeiramente pelas aplicações dos recursos destinados ao Fundo Municipal do Idoso, as quais provêm da captação de empresas da região. Para estes recursos, será desenvolvida a articulação com os Conselhos Municipais de Assistência Social e de Direitos da Pessoa Idosa para utilizar devidamente na manutenção do projeto.

O projeto possui consonância com o Capítulo V do *Estatuto do Idoso*,

que diz respeito à Educação, Cultura, Esporte e Lazer, mais especificamente com o art. 20: “O idoso tem direito [à] educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003). Possui importante interação com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Proteção Social Básica da Política de Assistência Social, já que atende aos seus objetivos e às suas orientações.

METODOLOGIA

As atividades executadas pelo projeto possuem três linhas de abordagem: socialização, acesso à informação e atividades físicas. Nos encontros dos grupos, foram realizadas atividades físicas que tinham foco na promoção da saúde física, preservando, principalmente, a mobilidade e resistência física do participante.

Devido à natureza de descontração dos encontros e pela característica territorial dos grupos, a socialização ocorre por consequência da aproximação que as atividades do projeto causam entre as pessoas. Em alguns encontros, profissionais da Prefeitura Municipal de Guarimir realizaram palestras com o objetivo de informar os idosos sobre assuntos pertinentes ao seu cotidiano, como cuidados em saúde, direitos, prevenção de violência intrafamiliar, entre outros temas.

Com o apoio da Proteção Social Básica, composta por dois Centros de Referência da Assistência Social (que são vinculados à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Habitação) e da Secretaria Municipal de Saúde, o projeto Melhor Idade em Movimento conta com os seguintes profissionais: um diretor de projetos, um gerente de programas e ações, dois profissionais de Educação Física. Estes profissionais contam com o suporte de assistente social, médico, farmacêutico, fonoaudiólogo, nutricionista, psicólogo e terapeuta ocupacional. A proposta de atendimento com estes profissionais se estende às 18 localidades do município, tendo uma perspectiva de atender ao maior número de idosos possível de Guarimir. O projeto tem pretensão, sobretudo, de proporcionar um envelhecimento mais saudável com obtenção de mais qualidade de vida e fortalecimento dos vínculos comunitários.

O projeto Melhor Idade em Movimento e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Habitação contam com os seguintes parceiros para concretizar seus objetivos:

- Secretaria Municipal de Saúde, que apoia o projeto cedendo profissionais como: farmacêutico, médico, fonoaudiólogo, nutricionista, psicólogo e terapeuta ocupacional para realizar intervenções informativas em saúde.

- Secretaria Municipal de Educação, com locais para a realização dos encontros com os idosos.

- Igrejas e clubes de idosos, que fornecem apoio ao projeto cedendo espaço em ginásios, salões e clubes para a realização das atividades.

O projeto é direcionado a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de idade, que deverão apresentar atestado médico comprovando estarem aptas à prática de atividade física. Caso haja necessidade, também é permitida a participação de familiares com idade inferior a 60 anos para acompanhar o idoso nas atividades.

Seguindo a tendência da população do município, os idosos de Guaramirim, em sua maioria, são da etnia caucasiana de origem germânica. Possuem rendimentos entre um e três salários mínimos advindos de aposentadorias, pensões e BPC da assistência social.

A metodologia de trabalho foi previamente adequada às demandas do público-alvo, tendo em vista que a Prefeitura Municipal de Guaramirim iniciou a implementação dos Grupos de Ginástica para Idosos no ano de 2005. Com experiência de 11 anos de atuação, foi possível estreitar a relação entre o público-alvo e o poder público, atendendo, assim, efetivamente às necessidades de cada localidade.

O planejamento das atividades de Educação Física realizadas com os grupos foi efetuado especificamente para cada localidade, tendo em vista o grau de limitação de cada integrante, respeitando as devidas precauções quanto a doenças previamente comunicadas no respectivo laudo médico. Vale ainda salientar que as aulas não tinham e não têm caráter individual (personal) e que todas as atividades são desenvolvidas visando o trabalho em grupo, ficando sob a responsabilidade do idoso respeitar seu limite e não esconder sintomas e possíveis desconfortos causados por qualquer tipo de atividade realizada durante o período de aula.

O planejamento das intervenções da equipe multiprofissional ocorreu de acordo com as campanhas de saúde da mulher, dos homens e do idoso; campanhas de prevenção de violência contra a mulher e o idoso; orientações com relação ao acesso a direitos específicos; ações de prevenção à depressão geriátrica; além de atender demandas que surgiam em cada grupo.

Foram ministradas aulas de Educação Física com duração máxima de

60 minutos de uma a duas vezes na semana. Cada professor ficou responsável por nove grupos, e a logística para os encontros contou com dois carros cedidos pela prefeitura – sendo que cada professor se deslocava até o local do encontro com os materiais que seriam utilizados na aula de acordo com o objetivo da aula.

O projeto contou com atividades como: exercícios funcionais, resistência aeróbica, coordenação motora, alongamentos, lazer, recreação, dança e encontros festivos. As intervenções da equipe multiprofissional ocorreram uma vez ao mês em cada uma das 18 localidades atendidas. A escolha dos temas a serem discutidos foi de acordo com a especialidade do profissional e com a demanda do grupo, sendo eles: quedas, dança sênior, memória ativa, uso do sal, água, higiene, luz solar, apoio dos avós contra a obesidade infantil, chás.

Tabela 1: Aderência dos idosos no projeto.

Nome do Grupo de Ginástica	Número de participantes, com início em março de 2016	Número de participantes, com o término em novembro de 2016
1. Corticeira	20	20
2. Guamiranga	30	30
3. Poço Grande	17	15
4. Rio Branco	17	12
5. Ponta Comprida	16	14
6. Serenta	17	16
7. João Pessoa	11	8
8. Feliz Idade	57	60
9. Quati	23	19
10. Avai	60	60
11. Imigrantes	18	15
12. Caixa Da Água	25	20
13. Jacu Açu	10	10
14. Barro Branco	08	05
15. Beira Rio	05	03
16. Bananal	10	12
17. Vila Amizade	17	15
18. Vila Freitas	05	05
Total de participantes	366	335

Fonte: Elaborada pelos autores (2017). OBS.: Permaneceram na ginástica, durante o ano de 2016, 91% dos alunos.

“Muito boa, quando eu falto faz falta, é um lazer quando estou no ambiente, rio, me divirto, gosto de estar com as amigas” (Maria Graf, 80 anos).

De acordo com Oliveira et al. (2010, p. 302), “Qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial”.

“É ótima pra saúde, pro desenvolvimento e pra amizade” (Maria Solinda Domingos, 61 anos).

“Está me ajudando, ainda sinto dor na perna, mas talvez se não tivesse fazendo nada, estaria pior” (Arides de Souza, 62 anos).

Vuori (1995 apud OLIVEIRA et al., 2010, p. 303) cita que “A prática de exercício físico, além de combater o sedentarismo, contribui de maneira significativa para a manutenção da aptidão física do idoso, seja na sua vertente da saúde, como nas capacidades funcionais.”

“Coisa melhor que teve, faz há 20 anos, não tem mais dor, ajuda nas atividades diárias da casa” (Hilda Nart Satler, 84 anos).

Segundo Vogel et al. (2009); Nelson et al. (2007); OMS (2005) apud Maciel (2010, p. 1029), “Evidências científicas indicam claramente que a participação em programas de atividades físicas é uma forma independente para reduzir e/ou prevenir uma série de declínios funcionais associados com o envelhecimento”.

“Eu amo ginástica, não vou parar enquanto estiver viva” (Mercedes Pomerening Weigsding, 78 anos).

Segundo Maciel (2010, p. 1025) “[...] manter a autonomia e independência durante o processo de envelhecimento é uma meta fundamental a ser alcançada”.

“É muito benéfico, gosto de vir, gosta dos encontros com as amigas, gosto das tarefas, o professor é muito bom, ele cobra bastante, o horário é bem aproveitado” (Gertrudes Fortunado, 70 anos).

“Ajuda na autoestima, diminui a depressão, diminui as dores, mais flexibilidade, alegria de viver, tudo de bom pela frente” (Ursula Hess, 78 anos).

“É interessante, a gente descontraí, as dores diminuíram, tem mais força, ajuda nas atividades de casa, melhorou as atividades do dia a dia” (José Antunes, 79 anos).

Segundo Maciel (2010, p. 1030), “As principais atividades recomendadas para essa população são os exercícios aeróbicos, força e resistência

muscular, flexibilidade e equilíbrio”.

“Eu acho bom pra desenvolver um pouco, ajuda nas juntas, na convivência com as pessoas, ajuda na saúde, ajuda no diálogo com as pessoas, aprender a viver” (Jandira Carmela Ferrari, 70 anos).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O projeto Melhor Idade em Movimento contribuiu para uma melhor autonomia dos idosos da cidade de Guaramirim. No mês de março de 2016, estavam participando 366 alunos, e durante o ano houve algumas perdas devido a situações bem pontuadas pelos alunos, entre elas: mudança de endereço, não tinha mais como ir até o local do encontro, mudança de cidade e doenças. No mês de novembro, contabilizaram-se 335 alunos, ou seja, 91% da quantidade inicial. Vale lembrar que, destes 366 alunos, 40 não tinham 60 anos completos: eles eram acompanhantes de idosos ou então eram alunos que estavam prestes a completar 60 anos.

Durante 2016, foram realizados diversos encontros com diferentes profissionais abordando e esclarecendo assuntos voltados à terceira idade.

As aulas de ginástica para os alunos foi o chamariz para verificar situações da vida social do aluno, por meio de questionário e relatos dos alunos. Aqueles que participaram da aula durante o ano puderam relatar o quanto os exercícios físicos contribuem para a autonomia diária.

A importância de um projeto que se preocupa com a terceira idade trata o futuro com respeito, pois, conforme as pesquisas, essa demanda de idosos tende a crescer cada vez mais. Sendo assim, órgãos municipais, estaduais e federais que estão se preocupando com a qualidade de vida dos seus idosos contribuem para mais autonomia e vida saudável dessa população.

Ressalta-se que ações voltadas para o idoso não se tratam apenas de boas práticas políticas ou de gestão, mas devem atender e respeitar o que a legislação vigente exige. Assim como orienta a Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842, art. 10, inciso VI, item e: “[...] incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade” (BRASIL, 1994). Esse segmento populacional é tão cidadão de direitos quanto qualquer outro sujeito social.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. *Santa Catarina*. 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_uf/santa-catarina>. Acesso em: 26 maio 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Política nacional do idoso*. Lei nº 8.842, de janeiro de 1994. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf>. Acesso em: 26 maio 2017.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 26 maio 2017.

CAROLINO J. A.; CAVALCANTI, P. B.; SOARES, M. L. Vulnerabilidade social da população idosa e a necessidade de políticas de proteção como mecanismo de inclusão social. *Qualitas Revista Eletrônica*, Campina Grande, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/88/367>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Guaramirim*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420650&search=santa-catarina%7CGuaramirim>>. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Acesso em: 7 jun. 2017.

MACIEL, G. M. Atividade física e funcionalidade do idoso. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 1024-1032, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a23v16n4.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

NERY, M. Sociedade – a nova velha geração. In: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Desafios do desenvolvimento*, Rio de Janeiro, ano 4, ed. 32, 7 mar. 2007. Disponível em: <http://ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=1143:reportagens-materias&Itemid=39>. Acesso em: 7 jun. 2017.

OLIVEIRA, A. C. et al. Qualidade de vida em idosos que praticam atividade física - uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 301-312, maio-ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n2/a14v13n2.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

SANTA CATARINA. *Plano Estadual de Implementação das Deliberações da I Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Santa Catarina*. 2007. Disponível em: <https://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/associal/arquivos/idoso/Plano_Integrado_Idoso_SC.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2017.

_____. Secretaria de Estado da Assistência Social, Trabalho e Habitação. Conselho Estadual do Idoso. *O compromisso de todos por um envelhecimento digno no Brasil: relatório final*. III Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Santa Catarina. Florianópolis; Balneário Camboriú, 2011. Disponível em: <http://antigo.sst.sc.gov.br/conselhos/cei/arquivos/Relatorio_Final_versao_CNDI.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2017.

RECORTES DA DANÇA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PELO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SIRLEI MARTINS FERRASSO¹

MARLI FERREIRA WANDSCHEER²

RESUMO

Neste artigo, apresenta-se uma sinopse do que foi vivenciado entre os anos 2007 e 2016 pelo profissional de Educação Física com a prática da dança no âmbito escolar. Traz recortes de memórias deste profissional com a intervenção nas aulas de Educação Física com a dança. A vivência é resultado do desenvolvimento e da execução dos processos pedagógicos da dança inseridos nas aulas de Educação Física explorando, ampliando e ressignificando o movimento corporal de cada estudante. Traz resultados de concursos em que os alunos das diversas escolas participaram, bem como depoimentos dos estudantes dançarinos sobre como foi vivenciar a dança na escola nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação física. Dança. Estudantes.

INTRODUÇÃO

O estudo, que resultou no presente artigo, parte do processo de intervenção do Profissional de Educação Física (PEF), vivenciado com estudantes de escolas da educação básica, do Ensino Fundamental, pertencente à rede municipal de ensino de São Miguel do Oeste/SC. A intervenção teve o intuito de inserir e despertar para as mais variadas possibilidades de dança no âmbito educacional, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

Traz-se, no decorrer do texto, recortes das memórias do PEF com a dança na escola. Alguns autores que versam sobre os significados e as

¹ CREF 016916-SC. Profissional de Educação Física na rede municipal de ensino de São Miguel do Oeste/SC. Endereço: R. Monte Castelo, 713, Bairro Estrela, São Miguel do Oeste/SC, CEP 89900-000. E-mail: sirleiferasso@yahoo.com.br;

² Mestre em Educação, coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino de São Miguel do Oeste/SC. Endereço: R. Barão do Rio Branco, 565, Bairro Estrela, São Miguel do Oeste/SC, CEP 89900-000. E-mail: marlifw@yahoo.com.br

possibilidades da dança enquanto cultura, arte e educação, incluindo o seu ensino na aula de Educação Física e como essa pode vir a contribuir para o desenvolvimento do movimento corporal dos estudantes, entrelaçando dados teóricos e práticos.

É importante salientar que a pesquisa resultou de um processo vivenciado na prática, que possibilitou a aproximação das possibilidades de dança apresentadas pelos autores que compõem o desenvolvimento deste estudo. Este processo ocorreu pela intervenção da dança nas aulas de Educação Física entre os anos 2007 e 2016, visando perceber, analisar e aplicar movimentos corporais, a fim de compreender como o ensino pela dança pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

As propostas de intervenção foram pensadas e realizadas de forma que os estudantes tivessem a oportunidade de ter o contato e experimentar diversas formas de movimentos, de modo que pudessem desenvolver sua percepção corporal, noção espacial, criatividade e imaginação.

O repertório de movimentos corporais que foi estudado deu ênfase ao movimento desenvolvido no cotidiano dos participantes e estruturado sob a perspectiva da dança criativa. Para tanto, os resultados das intervenções puderam ser apreciados em diferentes coreografias, nos mais diversos festivais, a partir dos conhecimentos adquiridos no dia a dia, bem como nas aulas em se aplicou o estudo da dança.

Desta forma, investiga-se a refletir como a dança pode contribuir para as aulas de Educação Física, atuando diretamente no desenvolvimento e amadurecimento do movimento corporal dos estudantes da educação básica na escola de Ensino Fundamental, de escolas pertencentes à rede municipal de ensino de São Miguel do Oeste.

MEMÓRIAS DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM A DANÇA NA ESCOLA

Nunca fui bailarina, daquelas que fazem aula de dança desde criança e se apresentam nos mais variados espaços e palcos. Mas minha alma sempre foi de quem dança, de quem ama dançar!

Desde criança, sempre gostei de dançar as cantigas de roda, as danças de festas juninas e tantas outras ensinadas na escola e também aquelas que conhecia pela família e das mídias da minha infância. Foi no início da adolescência que o amor pela dança ganhou mais força, pois além de dançar na escola, dançava com os amigos (criamos até um grupo de street

dance. Lembro-me até hoje da emoção de conquistar no ano de 1999 o segundo lugar em um festival de dança de nível escolar de meu estado), dançava em bailes e, além disso, dançava em casa no quarto, na sala.

Com o início da fase adulta, ocupei-me por arrumar um trabalho, em passar no vestibular e assim a dança ficou um pouco “esquecida”. No ano de 2004, com o ingresso no curso de Educação Física na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), me encantei com a ginástica, natação, basquetebol, recreação, mas foi no terceiro ano do curso que, além de me encantar, me apaixonei: me reencontrei com a dança, me reconectei a ela, por meio das danças circulares.

Ah, foi a amor à primeira vista ou seria amor à primeira dança?

Fiquei totalmente apaixonada pelas danças circulares, pela alegria e histórias que elas trazem consigo. Nas aulas do curso de Educação Física, com as danças circulares, senti renascer em mim o amor pela dança e a vontade de dançar.

Posso dizer que foi nesse momento que decidi o lugar por onde eu passaria enquanto professora de Educação Física: levaria a dança comigo, fazendo a sua sementeira.

E assim foi. Iniciei a minha atuação como professora no último semestre da faculdade, em agosto de 2007, na Escola Juscelino K. de Oliveira, pertencente à rede de ensino do município de São Miguel do Oeste. Desde o início, apresentei a pequena bagagem de dança que estava disposta a andar comigo e, sem nenhuma surpresa, ela foi rejeitada pelos alunos no primeiro momento – mas, com muita paciência e persistência, a obsessão pelo futebol foi dando espaço para a dança.

No fim do ano, em um momento de apresentação de atividades culturais na escola, apresentamos as danças que construímos e ensaiamos ao longo do semestre. Foi a primeira exposição de trabalhos com a dança, mas o que carregou comigo é o brilho que vi nos olhos daqueles estudantes que resistiam fortemente à dança, aqueles que amavam o futebol e achavam que, por gostar de jogar bola, não poderiam dançar, mas que ao fim da apresentação correram em minha direção com os braços abertos e sorrisos, em menção de agradecimento pela emoção que estavam sentindo e pela oportunidade ofertada a eles.

Nesse dia percebi que a dança na escola vai além de ensinar movimentos corporais aos estudantes, vai além do reproduzir coreografias prontas: compreendi que a dança, ao atingir o coração de quem dança, proporciona o desenvolvimento integral do ser – em corpo, mente e espírito.

Conforme nos afirma Sampaio (2002, p. 95),

Dançando é possível educar e educar-se, utilizando os recursos do movimento e da música. A dança é, portanto, elemento fundamental para formar e informar o indivíduo, pois desperta nele à possibilidade de crescer em interação consigo mesmo, com o outro e com o meio.

Após a passagem pela Escola Juscelino, iniciei meus trabalhos com Educação Física escolar em outra escola, também pertencente à rede municipal de ensino de São Miguel do Oeste. Esse início se deu em um momento que a dança em minha vida já tinha um pouco mais de bagagem, pois já havia viajado nos anos anteriores para a realização de cursos de formação continuada em Joinville e realizado minha primeira formação em danças circulares, na cidade de Curitiba.

Esta última (minha grande paixão naquele momento) foi o que fortaleceu o modo de ensinar a dança e de acreditar no seu poder. A dança circular traz consigo uma doçura e uma alegria que conquista àqueles que se permitem vivenciá-la.

Na escola, tive, desde minha chegada, muito apoio e incentivo para o desenvolvimento da dança. Naquele momento, além de desenvolvê-la nas aulas de Educação Física, intercalando-a com os demais conhecimentos da disciplina, nasceu a ideia de realizar a dança circular após o horário de aula regular. Sendo assim, uma vez por semana, no período de uma hora, ficávamos no ginásio da escola com dez estudantes (meninos e meninas), dançando a alegria de viver a dança e de estreitamento de laços de amizade. Nessa atividade, ao longo do ano, observei a melhora de autoestima, de relacionamentos e comportamento dos estudantes envolvidos no projeto.

De acordo com Nanni (2008, p. 90), a essência da dança na educação deverá se “dimensionar na improvisação e criatividade como estratégia básica para que o aluno descubra seus próprios movimentos [...] A dança colabora no processo de desenvolvimento e transformação integral”. No processo de ensino-aprendizagem, ela abrange habilidades como o perceber, sentir, conhecer, estruturar, criar, tomar decisões e avaliar.

Isso tem base nos escritos de Vargas (2009, p. 69) 69), quem afirma que

os movimentos na aula de dança educativa e criativa deverão ser trabalhados e moldados de acordo com as experiências vividas anteriormente pelos alunos e alunas, criando, assim, técnicas particulares que recriam gestos, passos, movimentos, propiciando uma maneira particular de dançar.

Neste sentido, acredito que a dança vai além de meros passos: ela é sempre mais que uma “dancinha”, como se ouve frequentemente por aí. Ela

é capaz de despertar e fazer florescer o melhor que existe dentro de cada um que se permite dançar. Vale relatar que, neste ano também, consegui um fato inédito em minhas aulas: havia uma turma com 23 estudantes, sendo apenas três meninas. Quando apresentei a dança para eles, brigaram, falaram mal, mas ao fim de uma série de intervenções (estudo sobre os benefícios e filmes sobre a dança), foram capazes de criar suas próprias coreografias e dançá-las com alegria, dando um feedback incrível.

Ainda na minha segunda escola de atuação, tivemos a oportunidade de participar de mostras de dança em São Miguel do Oeste e no município de Caibi/SC. Neste último, foi possível desfrutar da primeira experiência de viajar com estudantes, e o aprendizado foi maravilhoso: eles puderam conhecer outras realidades, pessoas, estilos de dança, além de estreitarmos os laços afetivos, que seguem conosco até a data presente.

Como ainda não era professora efetiva, a cada ano estava em uma escola diferente: no ano de 2012, passei a atuar na escola do campo, pertencente à rede municipal de São Miguel do Oeste. Essa escola tem uma realidade diferenciada, pois continha um número menor de estudantes por turmas e não possuía quadra esportiva. Desse modo, os conteúdos da Educação Física, ao serem desenvolvidos, ficavam mais restritos e então, mais uma vez, a dança se fez grande amiga, para contribuir no processo de ensino-aprendizagem de todos os estudantes.

Foi possível desenvolvê-la durante as aulas de Educação Física da pré-escola até a 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental, iniciando com os menores as danças e cantigas de roda até as danças de salão com os maiores. Concomitante, em um conjunto de ações nas aulas de Educação Física, assumimos o compromisso de realizar uma dança para a reinauguração da escola, pois ela estava em reformas e ficaria pronta na metade daquele ano. Sendo assim, produzimos uma valsa coreografada, com a participação de sete casais. Encontramos diversas dificuldades para poder desenvolvê-la, iniciando pelo fato de não ter um espaço adequado para o ensino e as aulas vinham acontecendo em salas improvisadas no salão da comunidade local.

Desse modo, na maioria das vezes, a dança foi ensinada e praticada em espaços inadequados, quadra com desníveis e com terra, sendo que também, em muitos momentos, dançamos a valsa sobre as “britas” que ficavam ao lado do salão da comunidade. Além destes percalços, havia as dificuldades dos estudantes para se permitirem a se expressar corporalmente, tentavam superar a timidez, a baixa autoestima e as suas inseguranças. Mas a

vontade de dançar superou tudo isso: todos fizeram o seu melhor, foi possível reconstruir amizades, valores e respeito entre aquele pequeno grupo.

Para que a apresentação no dia da reinauguração da escola fosse perfeita, precisávamos de um figurino que ficasse à altura da dedicação de cada um. Assim, todos os professores se envolveram contribuindo para os ensaios e buscando patrocínios para estruturar o figurino. Conseguimos que uma loja de roupas de festas fizesse um empréstimo gratuito dos vestidos para as meninas e, para compor o figurino dos meninos, as professoras trouxeram camisas e gravatas de seus esposos. O resultado foi simplesmente maravilhoso. Superamos todas as dificuldades, fomos além de nossas limitações, proporcionando para aquele grupo de estudantes um momento único em suas vidas. Na noite da festa da reinauguração da escola, eles brilharam! Os comentários daqueles que os assistiam eram os melhores: afirmavam que o que os olhos estavam vendo era um verdadeiro baile de debutantes, por tamanha beleza e leveza que apresentavam ao dançar. Os estudantes estavam realizados, felizes e, ao longo da festa, pude observar que vários deles estavam ensinando seus familiares os passos de dança aprendidos.

Quanta emoção! Toda vez que recordo a primeira prova dos vestidos realizada pelas meninas não há como não se emocionar. Algumas delas nunca havia usado um vestido, muito menos um de festa, e ver a emoção e a alegria estampadas em seus rostos foi algo muito gratificante. Naquele momento, firmou-se, mais uma vez, que “a dança reúne, cura, inclui, unifica, emociona, transcende. [...] sua influência pode se expandir e ajudar a transformar o mundo” (BARTON, 2012, p.71).

Após seis anos do início da carreira como professora, retorno no ano de 2013 para a Escola Municipal Juscelino K. de Oliveira, que foi a minha formação no Ensino Fundamental. Fui recebida, mais uma vez, com muito carinho e alegria por toda a equipe da escola.

Em meio à alegria do retorno, propus à direção e coordenação a aplicação do mesmo projeto de dança circular desenvolvido na minha segunda escola de atuação. Para minha felicidade, a aceitação foi de imediato e então iniciamos o projeto com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais precisamente com estudantes dos terceiros, quartos e quintos anos. As aulas aconteciam no ginásio da escola, uma vez por semana, e após o horário de aula regular. Inicialmente contávamos com 36 crianças, sendo 33 meninas e três meninos. Neste ano, desenvolvemos o ensino das danças circulares, com o qual foi possível criar e desenvolver a primeira coreografia do projeto, intitulada “A Valsa das Borboletas”, que foi executada por 30

meninas. E também a elaboração de um tango, que ganhou vida com três pares de dança com crianças de dez anos de idade. No desenvolvimento desse trabalho, tivemos a colaboração dos demais profissionais de Educação Física que atuavam na escola.

Ao longo daquele ano, foi possível participar no Festival de Dança, no município de Caibi, e o São Miguel em Dança.

Com a minha permanência na escola no ano de 2014, foi possível dar sequência ao projeto. Registramos a primeira participação da escola no Festival de Dança Escolar do estado de Santa Catarina, o “Dança Catarinã”, com a coreografia “Twist”, fruto de pesquisa junto aos estudantes, pois para que pudéssemos melhor compreender o que estaríamos dançando, era necessário conhecer cada detalhe da proposta: como eram as vestimentas, o comportamento, os principais passos etc. Essa coreografia conquistou o primeiro lugar na Categoria Mirim no festival já mencionado.

Além de participar de festival estadual, o grupo da dança se apresentou na Mostra de Danças Municipal, o São Miguel em Dança, com as coreografias “Twist” e a “Tarantella Napolitana”. Não posso deixar de relatar que o sucesso de 2014 também teve relação com o aprendizado adquirido no curso de especialização em Dança Educacional. Esta formação foi marco na carreira, pois ampliou as possibilidades do ensino da Dança na Escola, fazendo que com que despertasse para as danças populares e folclóricas, e para novas técnicas de dança no âmbito educacional.

No ano seguinte, em 2015, me efetivei na Escola Juscelino, um grande momento em minha vida, pois agora vinha a certeza que o projeto de dança poderia alçar voos ainda maiores. E este foi o ano em que a escola se destacou em nível regional quanto ao seu projeto de dança, pois, com a permanência do projeto, o número de estudantes participantes aumentou e foi possível criar uma coreografia para cada categoria do Festival de Dança Escolar Dança Catarina.

Sendo assim, elaboramos a coreografia intitulada “O Casaco”, baseada em uma história escrita por uma estudante na disciplina de Português, e foi executada por estudantes dos anos iniciais. Nos anos finais, elaboramos as coreografias “O Sapo da Sorte”, baseada em um sapo que canta e dança em um desenho animado da Walt Disney, e “As Sevillanas”, que é uma dança do folclore espanhol. Também nos anos finais, coreografamos dois casais para a modalidade Dança de Salão, que o festival apresenta. Nessa modalidade, foi possível ensinarmos a valsa, a vaneira, o forró e o samba.

Assim, a escola conquistou com estas coreografias as seguintes premia-

ções na etapa Microrregional do Festival Dança Catarina de 2015: 1º lugar na Categoria Mirim: “O Casaco” (aqui a escola se torna bicampeã); 1º lugar categoria Danças Populares: “As Sevilhanas”, 2º lugar na categoria Infantil Livre com a coreografia “Sapo da Sorte”, 1º e 2º lugares na categoria Dança de Salão Infantil – sendo que os primeiros lugares das categorias infantis participaram da etapa Regional em Campo Erê/SC do mesmo evento, quando conquistamos o 2º lugar com a Dança de Salão Infantil.

Além de participar do Festival Escolar, a escola participou com as mesmas coreografias no 1º Festival Regional de Danças de Campo Erê. Lá obtivemos excelentes resultados: conquistamos com a coreografia “O Casaco” o 1º lugar da categoria Anos Iniciais e, com essa mesma coreografia, recebi o troféu de coreógrafa destaque. Além destes, conquistamos o 2º e 3º lugar na categoria Anos Finais, com as coreografias “As Sevillanas” e “O Sapo da Sorte”.

E aí, neste momento, o leitor deve estar perguntando: “mas então o foco do projeto se tornou a participação dos festivais de dança?”. Respondo que não, pois a participação dos festivais é um dos meios que temos para motivar os estudantes a participar, considerando que os aprendizados gerados nestas ocasiões são importantíssimos para o desenvolvimento deles. E o foco principal do desenvolvimento deste projeto de dança na escola é estimular os estudantes a uma nova prática da Educação Física escolar; digo nova pelo fato de ela ser pouco utilizada por nós, professores de Educação Física, e por ter muito a explorar ainda.

O desenvolvimento da dança na escola promove muitos ganhos no desenvolvimento integral daqueles que dançam, como defendem Carnobonera, Carbonera (2008, apud LARA, A. M. B. et al., 2013, p. 1):

[...] dança não apenas na teoria no planejamento, onde no papel fica bonito e pode até dar certo aquela aula, mas é na prática que funciona, em atividades que colaborem no desenvolvimento da coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade, criatividade, musicalidade, socialização e o conhecimento da dança em si. Ainda mais em fase escolar, onde as aulas possuem um caráter lúdico e dinâmico, assim a criança terá a oportunidade de trabalhar o conhecimento do seu próprio corpo, noções de espaço e lateralidade, utilizando seus movimentos naturais, auxiliando no seu desenvolvimento e ainda trabalhando as expressões corporais e faciais de forma espontânea, fazendo com que ela não tenha problemas na fase adulta.

O projeto, aos poucos, foi tomando corpo, prosseguiu nas aulas de Educação Física, mas também após o horário da aula e aos sábados pela manhã.

Estas aulas eram totalmente gratuitas, ou seja, não se cobrava mensalidade dos alunos, uma vez que registrava as horas trabalhadas a mais e, conforme a disponibilidade da escola, fazia compensação destas horas.

O projeto, até este momento, era mantido pela Secretaria de Educação (2013), pela APP da escola, pelos patrocínios de empresas locais, pelo projeto do Governo Federal Mais Educação e pela contribuição do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Subprojeto de Educação Física Unoesc São Miguel. Todo o auxílio recebido foi revertido em figurinos, costureiras, transportes e alimentação dos participantes.

Em 2016, a Escola Juscelino K. de Oliveira teve uma conquista importante para o projeto de dança na escola: foi autorizado disponibilizarmos a dança para os estudantes, em contraturno escolar, uma vez por semana. A Secretaria Municipal de Educação permitiu que houvesse a cedência de 20 horas da minha carga horária para atuar dez horas no projeto de dança da escola e dez horas na oficina de dança, ofertada pela AABB comunidade.

Com essa disponibilidade, o número de estudantes envolvidos no projeto chegou a cem, pois foi possível disponibilizar a dança para todos os estudantes do Ensino Fundamental da escola. Desse modo, atendemos crianças dos seis anos até adolescentes de 16 anos.

Além disso, foi possível trabalhar além das coreografias, pois estas, ao meu ver, são os produtos finais de todo um processo de intervenção em dança. Apliquei atividades que proporcionaram o desenvolvimento das funções mentais (atenção, concentração), motoras (resistência, agilidade, força), artísticas (expressão cênica, sentido rítmico e musical).

O aprendizado da dança na escola poderá se fundamentar no poder estimulante que exercita o movimento sobre as atividades mentais, nos movimentos naturais e na criatividade dos aprendizes. O pensar, sentir, perceber, expressar deverão estar presentes na aula de dança, incorporados a uma proposta pedagógica escolar que leve os alunos e alunas a se expressar e a se comunicar pelo movimento e com o movimento (VARGAS, 2009).

E as atividades desenvolvidas no ano deram base para que a elaboração das coreografias em 2016 fossem ainda mais criativas e surpreendentes, pois os estudantes passaram a ter uma autonomia corporal maior, expressando-se com mais leveza e amadurecendo corporalmente. Os laços de amizades entre os alunos se fortaleceram, ganharam cumplicidade, tornaram-se mais corajosos, superaram suas inseguranças, permitindo-se dançar consigo mesmo e com o grupo.

Assim, desenvolvemos quatro coreografias: duas nos anos iniciais com as crianças de primeiro ao quinto ano, sendo elas: “Se essa rua fosse minha” - cantiga de roda popular, recriada musicalmente no rock, e “Brincar e encantar na floresta oestina”, baseada na história da colonização do município de São Miguel do Oeste. Nos anos finais, foi reconstruída a coreografia “O Casaco”, que no ano anterior participou da categoria Mirim e, por apresentar um excelente potencial, reapresentamos em novo formato na categoria Infantil em 2016 e também elaboramos a coreografia de dança folclórica “O Sirιά”, que é parte do folclore do estado do Pará. Além destes, preparamos três casais para a categoria Dança de Salão do Dança Catarina. Para este último, a escola contou com o auxílio de um professor de dança de salão.

Desse modo, com a participação da escola na etapa Microrregional do Festival Escolar Dança Catarina, competindo entre quatro ADRs, foi possível conquistar o 1º lugar na categoria Mirim com a coreografia “Brincar e encantar na floresta Miguel Oestina” e em 2º lugar na categoria Mirim com a coreografia “Se essa rua fosse minha”.

A categoria Infantil Livre, “O Casaco”, em 2016, conquistou o 3º lugar. Na categoria Danças Populares, conquistamos o 2º lugar com a coreografia “Sirιά do Pará”, classificando-se para a etapa Final Estadual do Festival.

Na Dança de Salão em 2016, os três pares dançaram quatro estilos musicais, competindo com estudantes do Ensino Médio, sendo que, desses três pares, dois se classificaram para a etapa Estadual e alcançamos a premiação do 3º lugar.

Os recursos financeiros e humanos necessários para o desenvolvimento deste projeto no ano de 2016 (figurinos, acessórios, elementos de palco, costureira, espaço para aulas, transporte, entre outros) foram custeados pelos pais dos estudantes e pela APP da escola, que primam e zelam por este projeto, o qual é um diferencial para a nossa escola e para o nosso município.

RESULTADOS A PARTIR DAS MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES DANÇARINOS DA ESCOLA

Este projeto, além de apresentar bons resultados nas competições em que participou, obteve excelentes respostas quanto à melhora da autoestima, autoconfiança, concentração, desempenho escolar dos estudantes participantes e facilitou o convívio social.

Vejamos recortes de depoimentos de alguns estudantes dançarinos participantes do projeto de dança.

No relato da estudante ACB (2016), ela expõe:

Muitos falam que a dança na escola é coisa para louco, que na escola temos que estudar, mas a dança nos fornece muito conhecimento, fazendo com que nos desafiem muito, criamos expectativas maiores sobre a vida, e os nossos objetivos sempre são alcançados... uma das melhores fases da minha vida até agora foi a dança. Ela não está mais sendo executada, a dança na escola, todos querem que a dança seja executada na escola, mas não é tudo como queremos, Nossa vida é feita de momentos bons e ruins, e os bons foram as conquistas, os desafios que foram atingidos com sucesso, e os ruins, foi a dificuldade, horários, e as pessoas que criticam e que não entendem que a dança é algo muito saudável para nós, mas nós podemos passar por isso.

A estudante PT (2016) afirmou que:

A dança me proporciona o melhor da vida, é algo inexplicável... há muita coisa por trás daquela coreografia, tem todo um preparo, neste vamos vendo que muitas dificuldades vão sim surgir, mas que no final, tudo vai valer a pena... dançar não é apenas ganhar medalhas ou troféu, mas ganhar amigos, aprendizado e experiências novas...

Já a aluna MEG (2016) relata que

[...] só quem já dançou em cima de um palco, na frente de todo mundo sabe a adrenalina que é, o medo de errar algum passo, mas ao mesmo tempo a felicidade e o amor de estar dançando... quando estou mal, a dança me cura, ela me deixa leve, solta como uma nuvem no céu..."

Para a estudante LS (2016),

Dançar é transformar tristeza em alegria pelos diversos movimentos realizados durante a dança ... dançar na escola foi uma experiência incrível e inesquecível... a dança me mostrou como é possível conviver em grupo e criar laços fortes de amizade, respeito e companheirismo...

Para a estudante LB (2016),

Pisar no primeiro palco foi muito mágico, era um sonho sendo realizado, sempre antes das apresentações eu olhava em volta de mim, e via aquelas pessoas me olhando, principalmente meus amigos que estavam ali comigo realizando esse sonho, dava um frio na barriga...

Neste sentido a dança, conforme afirma Soter (2007 apud ROSA; MACARA, 2013, p. 224), aparece tanto “como um instrumento para a educação num sentido amplo, construindo valores e alargando horizontes, quanto como linguagem artística que permite veicular e trazer para o palco desejos, inquietações e perspectivas [...]”.

Para a estudante ACR (2016),

A dança ajuda a todos conhecer meios diferentes de expressar algum sentimento guardado, ajuda também a ver outro tipo de mundo, um mundo de alegria... hoje não sei como seria minha vida sem dançar, a dança chama o corpo e não dá para segurar.

O estudante LZ (2016) escreveu:

Não foi uma grande surpresa eu ter sido o primeiro menino a levantar a mão e dizer que queria muito dançar. Então começou toda aquela correria de ensaios, figurinos e todos os preparativos para o evento, confesso não foi fácil, foram muitos puxões de orelha, muita dedicação... Eu sempre tento dar o meu melhor a tudo o que eu faço, e na dança não foi diferente, e acredito que todos nós damos nosso sangue para conseguir aquele maravilhoso 1º lugar, e então, depois de ter me descoberto na dança nunca mais deixei de dançar na mesma competição, e não me arrependo, são nelas que eu faço as melhores memórias. Grandes dançarinos não são grandes por causa de suas técnicas, eles são grandes por causa de suas paixões, e ainda que eu use todo o meu vocabulário abuse da mais perfeita ortografia, mesmo que não ouse falhar na gramática, eu nunca conseguiria expressar o tamanho do meu amor pela dança. E ainda que eu invente canções, que eu sacrifique minha voz mesmo, que eu crie movimentos fisicamente improváveis, não dançaria o som das batidas do meu coração ao ouvir o Úh é JK! Uh Uh é JK! Parece até uma coisinha boba, mas eu lhe agradeço muito por trazer esse sentimento para dentro de mim, obrigado professora Sirlei!

A estudante AZ (2016), em seu depoimento escrito, confidencia:

Ansiosa, animada, inspirada, grata, nervosa, orgulhosa, realizada. Não sabia que era possível sentir tanto ao mesmo tempo, mas foi assim que me senti quando pisei pela primeira vez em um palco. Eu posso afirmar que não existe nada melhor do que a emoção que você sente quando se dá conta de que todos estão depositando sua confiança em você. Dançar não é só uma boa colocação em alguma competição, e muito menos um troféu, a dança envolve muito mais. Nós ficamos dias criando e ensaiando a coreografia, criando e dividindo ideias para figurino, pensando nos mínimos detalhes para tudo ficar perfeito, obviamente muitas dificuldades surgem durante esse processo, mas nós continuamos, pois sabemos que quando feito com amor e dedicação o resultado vai ser bom. A dança mudou minha vida, me ensinou que nem sempre é possível ganhar, me ensinou que devemos lutar pelos nossos sonhos, me mostrou que devemos confiar nas pessoas, a dança também me proporcionou muitas experiências novas e me deu novos amigos. Dançar na escola JK é a melhor coisa que aconteceu comigo e tenho certeza que meus colegas também se sentem assim, o nosso grupo é o melhor para mim, só tenho a agradecer a todos os meus colegas, aos pais que também estão sempre envolvidos, a nossa professora, e as coordenadoras da escola que estão sempre presentes. Eu estou aprendendo com eles a todo o momento e isso é o melhor de tudo.

A dança, no contexto escolar, possibilitou compreender que o estudante dançante explore seus sentimentos e passe a adquirir autoconfiança, conforme foi possível perceber com os depoimentos. E ainda promove o estreitamento de laços nos participantes do grupo despertando a afetividade e o respeito entre os envolvidos.

Essa intervenção também contribuiu nos processos imagéticos dos estudantes, pois não apenas executaram os movimentos, mas também precisaram realizar uma reflexão para estudar de onde vinha cada movimento e como isso poderia ser transportado para uma célula coreográfica ampliando, deste modo, a percepção corporal, a criatividade e a imaginação de cada um.

Enquanto educadora de Educação Física, pude perceber e compreender o quanto o repertório de movimentos corporais dos estudantes enriquecem quando permitimos que eles façam o uso de seus próprios movimentos corporais, no processo de criação de outros novos movimentos ou células coreográficas.

Assim, é importante ressaltar que a presença da dança é fundamental e se faz necessária dentro das nossas escolas, não somente por contribuir de forma efetiva no desenvolvimento corporal dos estudantes, mas também por oferecer a eles a oportunidade de compartilhar conhecimentos e experiências, fortalecer os vínculos afetivos com colegas e escola em um todo, tornando-os desde já cidadãos mais conscientes, sensíveis e perceptíveis as artes e a manutenção da saúde e da qualidade de vida.

Isso considerando ainda que a dança na escola irá despertar a curiosidade sobre outras culturas, estimulando os estudantes para a pesquisa e estudo sobre as danças das mais variadas culturas existentes no mundo de hoje.

RECOMENDAÇÕES

Como recomendação para a replicação dessa proposta, sugiro aos professores de Educação Física que se permitam conhecer, explorar e vivenciar a dança, por meio de cursos breves, leituras de artigos, livros e até mesmo recorrer ao Youtube, que atualmente tem sido uma excelente fonte de conhecimentos. Podem os colegas, deste modo, iniciar os estudos buscando junto aos estudantes as danças populares da cultura de cada um, bem como as principais do nosso estado e de nosso país.

Uma segunda sugestão para este início é fazer uma pesquisa com os estudantes sobre qual é o estilo de dança que mais lhes agrada, selecionar o estilo mais mencionado por eles e ir em busca de mais conhecimento acerca

dele, para então, junto a eles, construir uma proposta de coreografia.

Nossa terceira sugestão é levar danças simples e já coreografadas, brincadeiras com música, atividades rítmicas para a sala de aula, para que, assim, os estudantes tenham uma iniciação, que aos poucos permitirá que se soltem e se sintam mais à vontade com esta nova possibilidade na Educação Física.

Após o desenvolvimento destas possibilidades e de tantas outras que poderão ser encontradas, poderão os colegas profissionais da Educação Física estimular nos estudantes a vontade para a participação de eventos que envolvam a dança ou até mesmo apresentações em momentos de festividades internas de suas escolas.

Acreditamos que levar a dança para a escola para contribuir no processo de ensino-aprendizagem do estudante não é tarefa fácil em um primeiro momento, pois a preferência dos estudantes, em sua maioria, são sempre os jogos, as brincadeiras, algumas modalidades esportivas em específico, porém se nos dispusermos a realizarmos essa tarefa com dedicação, empenho e amorosidade, certamente iremos conquistar um espaço para a dança com as demais possibilidades da Educação Física.

REFERÊNCIAS

BARTON, A. *Danças circulares: dançando o caminho sagrado*. 2. ed. São Paulo: TRIOM, 2012.

NANNI, D. *Dança-educação: pré-escola à universidade*. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

ROSA, N.; MACARA, A. Programa dançando na escola: estudo da influência da prática da dança no comportamento psicossocial, afetivo e cognitivos de jovens estudantes. In: SOUZA, M. A. da C. (Org.). *Impressões corporais e textuais: pesquisa em dança*. 1. ed. São Paulo: All Print, 2013.

SAMPAIO, M. I. S. Movimento, educação, dança. In: RAMOS, R. C. L. (Org.). *Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura*. 2. ed. São Paulo: TRIOM, 2002.

VARGAS, L. A. M. de. *Escola em dança: movimento, expressão e arte*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA FURB: ROMPENDO TEMPOS E ESPAÇOS DO CURRÍCULO

PATRÍCIA NETO FONTES¹

Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

ANA CLAUDIA OLIVEIRA HOPF

Coordenadora do curso de Bacharelado em Educação Física da
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

RUY FERNANDES MARQUES DORNELLES

Professor dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física
da Universidade Regional de Blumenau (FURB)

MARCOS RESCAROLLI

Acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física da
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

INTRODUÇÃO

No período de formação inicial, se adquirem competências indispensáveis para a atuação profissional, o que torna a discussão de como tratar o conhecimento na formação inicial em Educação Física tarefa tão relevante.

Barbosa-Rinaldi (2008), ao discutir uma nova epistemologia para a prática docente na formação inicial em Educação Física, afirma que é evidenciado nos cursos de formação, quer seja na forma como os currículos estão estruturados, quer no fazer pedagógico dos docentes, o paradigma hegemônico da racionalidade técnica (instrumental). Problematiza, assim, a necessidade de se compreender a necessidade de mudanças e as possibilidades de uma prática reflexiva no trato com o conhecimento na formação de professores.

¹ Departamento de Educação Física e Desportos: Rua Antônio da Veiga, 140 - Itoupava Seca - CEP 89030-903 - Blumenau/SC.
Contato: patriciafontes@furb.br

Os currículos dos cursos de formação são predominantemente disciplinares, tornando os conhecimentos fragmentados e compartimentalizados, o que pode configurar uma limitação no processo formativo, pois os contextos de intervenção não serão disciplinares. Rezer (2012, p. 506) reconhece os méritos de um modelo disciplinar, mas considera

importante promover reduções dos muros disciplinares que se edificarem no “entre” as disciplinas, em vista das limitações que abordagens fragmentadas promovem para a compreensão do trabalho docente pautado pela complexidade.

Neste sentido, é um importante desafio apresentar propostas para a prática pedagógica no contexto da Educação Superior que permitam refletir com os futuros profissionais suas responsabilidades pedagógicas no exercício profissional, qualquer que seja o âmbito de intervenção.

Desta forma, o planejamento de práticas pedagógicas que permite promover fissuras entre os muros disciplinares (REZER, 2012) e o desenvolvimento de autonomia e criatividade nos futuros professores, ensinando-os a estudar, pesquisar e a ensinar, com capacidade crítica e reflexiva, pode ser um caminho para a formação inicial do profissional de Educação Física como prática reflexiva.

Este trabalho tem como objetivo relatar uma prática pedagógica interdisciplinar no curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Regional de Blumenau (FURB), apresentando o contexto da prática, o seu desenvolvimento e a percepção de professores e acadêmicos desta experiência.

O CONTEXTO

O curso de Bacharelado em Educação Física FURB possui em seu currículo a disciplina Estudos Temáticos de Aprofundamento em Educação Física (ETA).

No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Educação Física (2012, p. 40), no item “Organização dos componentes curriculares”, subitem “Projetos Interdisciplinares”, encontra-se:

A interdisciplinaridade neste projeto será fomentada a partir da disciplina Estudos Temáticos de Aprofundamento em Educação Física, que tem por objetivo facilitar a coesão e a síntese das disciplinas cursadas durante cada fase, levando-se em consideração as disciplinas já cursadas anteriormente

e o currículo oculto, em forma de espiral, procurando favorecer o estudo aprofundado das problemáticas emergentes nos campos acadêmico e profissional da Educação Física e a necessária integração interdisciplinar. Em todos os semestres em que o acadêmico se matricular ele terá que cumprir obrigatoriamente 01 crédito das disciplinas Estudos Temáticos de Aprofundamento em Educação Física.

No primeiro semestre de 2017, a coordenação do curso mobilizou os professores para uma prática diferenciada dos semestres anteriores, em que o desenvolvimento das disciplinas ficava a cargo dos professores lotados em cada uma das oito disciplinas, ETA I ao ETA VIII, nos respectivos oito semestres do curso.

A disciplina ETA está prevista no PPC como descrito na página 40:

Horários especiais: na grade curricular do curso de Bacharelado em Educação Física, está prevista a oferta da disciplina Estudos temáticos de aprofundamento em EF I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII da 1ª à 8ª fase consecutivamente, com 01 crédito cada uma (18 horas/aulas), que serão cumpridas em 04 a 06 sábados por semestre, a serem previstos pela coordenação do colegiado de curso, com o objetivo de articular e construir uma unidade entre teoria e prática, com a mediação presencial do professor supervisor.

Essa prática diferenciada surgiu da necessidade de qualificar a disciplina ETA no currículo, uma vez que, tendo caráter interdisciplinar, não estava cumprindo com sua função no currículo, conforme relatado pelos acadêmicos em diagnóstico realizado pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) no segundo semestre de 2016.

Identificada essa necessidade, a coordenação de curso se empenhou em sensibilizar os professores para uma articulação de todas as disciplinas (ETA I a VIII), com uma aproximação entre professores e acadêmicos de todas as fases.

Desta forma, os oito professores lotados nas disciplinas se reuniram, no início do primeiro semestre de 2017, em um momento de formação institucional para o planejamento da disciplina ETA, que aconteceria em quatro encontros no mês de maio.

No encontro de formação, a coordenação de curso propôs que a disciplina tivesse um caráter articulador entre a teoria e a prática, ou seja, que os acadêmicos aprendessem fazendo, a partir de uma situação problematizadora.

Neste sentido, os professores envolvidos pensaram em uma temática que fosse interessante e significativa aos acadêmicos. Como se sabe,

um dos principais interesses dos acadêmicos que buscam o curso de Bacharelado é a intervenção no campo do exercício físico. Após um rico momento de reflexão dos professores, se definiu a seguinte situação-problema norteadora: **Como elaborar um plano de treino para prescrição de exercício físico para um acadêmico do grupo utilizando as instalações do complexo esportivo da FURB como espaço de treino?**

Após a definição da situação-problema, os professores se ocuparam em organizar didático e metodologicamente os quatro encontros em que aconteceria a disciplina.

A PRÁTICA

No primeiro encontro da disciplina, foi apresentada a proposta da disciplina aos 120 acadêmicos das oito fases do curso. Todos os professores e acadêmicos envolvidos estavam presentes em um dos auditórios da FURB.

Quanto ao que e como estudar, foram traçados os seguintes objetivos e estratégias metodológicas:

- **OBJETIVOS:** planejar e estruturar um programa de exercícios físicos adequado ao acadêmico praticante; justificar com coerência e embasamento teórico todas as etapas da planificação do programa de treinamento trabalhados em grupo; apresentar e defender a proposta completa do programa de treinamento ao grande grupo.

- **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:** trabalho em grupo; tutoria dos professores; consulta em referenciais teórico-científicos na biblioteca e internet no laboratório de informática; experimentações práticas em todas as etapas utilizando as instalações do complexo esportivo (sala de dança, sala de ginástica, campo, quadras, pista, piscina, laboratório de cineantropometria, laboratório de desempenho humano).

A partir dos objetivos e das estratégias metodológicas, foram definidas quatro metas que os acadêmicos deveriam cumprir ao fim de cada encontro. Na Tabela 1, estão descritas as etapas realizadas em cada um dos quatro encontros, realizados nos dias 6, 13, 20 e 27 de maio de 2017, que tinham uma meta a ser alcançada, com seus respectivos instrumentos e critérios de avaliação.

Tabela 1 - Etapas da disciplina Estudos Temáticos de Aprofundamento (ETA).

METAS	AVALIAÇÃO	
	Instrumentos	Critérios
Meta 1 - Estudo, definição e justificativa do diagnóstico (testes e anamnese) a ser realizado.	- Entrega da proposta de diagnóstico para elaboração do plano de treino.	- Apresentação teórica (normas ABNT); - Coerência e embasamento teórico/científico; - Consistência nas descrições e justificativas; - Descrição da participação dos integrantes do grupo.
Meta 2 - Aplicação e registro dos testes (diagnóstico) e anamnese do avaliado; - Avaliação e análise dos dados diagnósticos.	- Entrega da proposta de diagnóstico para elaboração do plano de treino.	
Meta 3 - Elaboração da planificação e determinação de estratégias adequadas ao praticante de acordo com seus objetivos e com os dados registrados; - Realização do 1º treino.	- Entrega do relatório do 1º treino realizado com respectiva avaliação.	
Meta 4 - Apresentação à banca de todo o processo vivenciado.	- Defesa/apresentação do plano de treino elaborado com registro das etapas à banca.	- Apresentação oral; - Utilização adequada dos recursos audiovisuais; - Cumprimento do tempo estabelecido para a apresentação; - Registro das etapas vivenciadas; - Coerência e embasamento teórico/científico; - Descrição da participação dos integrantes do grupo.

Fonte: elaborada pelos autores (2017).

No primeiro encontro, havia uma expectativa, pois os acadêmicos já tinham ouvido falar que haveria uma prática diferenciada e que todas as disciplinas de ETA aconteceriam no mesmo período. Os representantes de turmas tinham sido informados da reformulação da disciplina, entretanto nada tinha sido comentado a respeito do desenvolvimento das aulas.

Inicialmente, a coordenação de curso explicou sobre o histórico das disciplinas no curso e sua função no currículo, e também por que tinha sido reestruturada.

Após apresentar a proposta da disciplina, alguns professores ressaltaram a importância da organização dos grupos e da responsabilidade de cada um quanto à sua participação. Sendo assim, os acadêmicos foram separados em seis grupos e estes se deslocaram para diferentes espaços da universidade

para se organizar. Nos grupos, os acadêmicos decidiram quem seriam os voluntários para o qual o plano de prescrição do treino seria realizado. Os professores ficaram à disposição no auditório e circulando pelos espaços da universidade em que os grupos estavam realizando as atividades, para orientações e acompanhamento dos trabalhos. Após a manhã de trabalho, entregaram a proposta de diagnóstico a ser realizada.

No dia 13 de maio (segundo encontro), os professores deram o feedback para os acadêmicos quanto aos trabalhos entregues no encontro anterior (meta 1). Os acadêmicos, de certa forma, receberam o retorno com tranquilidade, pois durante a semana que antecedeu o segundo encontro realizaram discussões sobre a proposta que haviam entregado. Estas discussões foram realizadas em grupos de WhatsApp criados por iniciativas dos próprios acadêmicos. Neste dia, a meta 2 deveria ser alcançada, com a aplicação, o registro e a análise dos testes e das mensurações que acreditavam ser importantes como triagem pré-atividade física do voluntário do grupo.

No dia 20 de maio, todos os acadêmicos se reuniram novamente no auditório para receber o retorno das atividades realizadas durante o segundo encontro e para poder realizar os ajustes necessários para a elaboração e aplicação dos exercícios e das atividades prescritas para o acadêmico voluntário.

Percebeu-se que, nestas três primeiras etapas, o envolvimento dos acadêmicos foi motivado e constante, demonstrando o quanto a atividade estava sendo interessante e desafiadora na busca e aplicação dos conhecimentos.

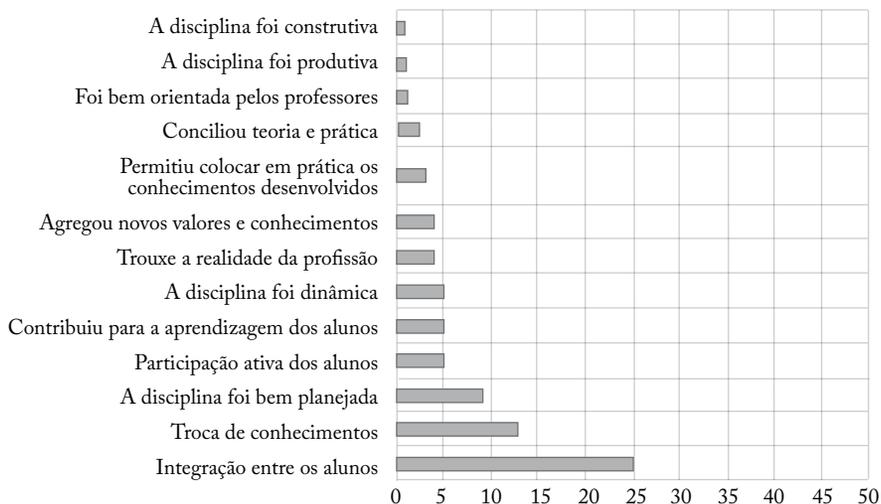
No dia 27 de maio, com muita expectativa e ansiedade, todos os grupos se encontraram no auditório para compartilhar o processo de cada etapa vivenciada pelo grupo. Ficou a critério dos grupos quem faria a exposição oral do trabalho. Os professores da disciplina participaram como banca, acompanhando as explicações e argumentações de todas as etapas vivenciadas pelos acadêmicos, com arguições no final de cada apresentação.

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E ACADÊMICOS

Durante as quatro semanas de realização da disciplina, escutaram-se alguns depoimentos dos acadêmicos que já demonstravam os aspectos positivos da experiência pedagógica proposta. No entanto, foi realizada uma avaliação da experiência no último encontro. Neste momento, foi entregue uma ficha de avaliação para que os acadêmicos registrassem suas opiniões a partir de duas questões: 1) Qual sua opinião sobre a disciplina neste semestre? 2) Dê sugestões para as próximas ETAs.

Ao serem analisadas as respostas da primeira questão, foi observada uma prevalência de aspectos positivos (79 citações), conforme pode ser observado no Gráfico 1 a seguir, sobre os aspectos negativos (13 citações).

Gráfico 1 – Opiniões positivas dos acadêmicos sobre a disciplina.



Fonte: elaborado pelos autores (2017).

Dos aspectos negativos citados, destacam-se: os veteranos foram sobrecarregados nas atividades, pois os calouros tinham pouco conhecimento; muitos acadêmicos nos grupos; problemática muito ampla; falta de participação dos professores e de interesse de alguns acadêmicos.

Dentre as sugestões para as próximas disciplinas, as mais citadas foram: estruturar grupos menores; diversificar os temas; continuar a ofertar a disciplina no formato atual; mais participação dos professores; disponibilizar mais tempo para a disciplina.

Nesta experiência, os acadêmicos que estavam em semestres mais avançados se dispuseram a compartilhar com os acadêmicos de fases anteriores os conhecimentos necessários para resolver a situação-problema.

Ao fim do último encontro, além da avaliação escrita com os acadêmicos, foi realizada uma roda de conversa para avaliação da disciplina entre professores e acadêmicos. Nos depoimentos dos professores, foi ressaltado ter sido uma experiência rica e produtiva, pois os resultados alcançados demonstraram mais envolvimento dos acadêmicos quando comparado às aulas tradicionais, assim como a qualidade acadêmica e científica dos planos de treino elaborados e apresentados.

CONSIDERAÇÕES

Diante desta experiência relatada, fica claro o quanto é possível trabalhar de forma interdisciplinar na formação inicial do profissional em Educação Física, rompendo tempos e espaços do currículo, que ainda é predominantemente disciplinar, estimulando a autonomia e a responsabilidade dos acadêmicos – valores estes fundamentais para a sua vida profissional.

A partir do envolvimento conjunto de oito professores, foi possível pensar em uma situação-problema na qual os acadêmicos tiveram que tratar vários conhecimentos tratados durante a sua formação, de uma forma reflexiva, possibilitando um aprendizado mais significativo.

Figura 1 – Acadêmicos e professores integrantes da disciplina ETA.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2017).

RECOMENDAÇÕES

Para replicação desta experiência interdisciplinar, é sugerido que a coordenação dos cursos de formação inicial em Educação Física sensibilize o seu corpo docente a perceber quanto o planejamento colaborativo das ações pedagógicas é fundamental neste processo.

Neste sentido, é necessário promover espaços de formação continuada na perspectiva de troca de conhecimentos entre os professores envolvidos na experiência, planejando de forma detalhada todas as ações didático-metodológicas, assim como a preparação dos ambientes necessários para a prática, conforme descritas anteriormente.

Destaca-se, ainda, a necessidade de se avaliar conjuntamente, por professores e acadêmicos, a experiência realizada, a fim de que se possa adequá-la aos diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA-RINALDI, I. P. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 185-207, 2008.

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU. *Projeto Político Pedagógico do curso de Educação Física*. Blumenau: Departamento de Educação Física e Desporto/FURB, 2012.

REZER, R. Três desafios da formação profissional em Educação Física para intervenção no contexto do esporte. In: NASCIMENTO, J. V. do; FARIAS, G. O. (Org.). *Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção*. Florianópolis: UDESC, 2012. v. 2. p. 493-517.



CONSELHO REGIONAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA
SANTA CATARINA

RUA AFONSO PENA, 625
BAIRRO ESTREITO - FLORIANÓPOLIS/SC
CREFSC@CREFSC.ORG.BR